

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO)
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS –SEAA/G
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO-MESTRADO EM GEOGRAFIA -PPGG**

LUCÉLIA SANTOS DE LIMA

**A DINÂMICA DAS TERRITORIALIDADES NA COMUNIDADE DE FAXINAL DO
POSTO INÁCIO MARTINS-PR**

Guarapuava, 2011.

LUCÉLIA SANTOS DE LIMA

**A DINÂMICA DAS TERRITORIALIDADES NA COMUNIDADE DE FAXINAL DO
POSTO INÁCIO MARTINS-PR**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Geografia (Área de Concentração: Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos).

Orientador: Prof^o Dr. Sergio Fajardo

Guarapuava, 2011.

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central da UNICENTRO, Campus Guarapuava

Lima, Lucélia Santos de
L732e A dinâmica das territorialidades na comunidade de Faxinal do Posto
Inácio Martins- PR / Lucélia Santos de Lima. -- Guarapuava, 2011
xi, 119 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em
Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, 2011

Orientador: Sérgio Fajardo
Banca examinadora: Cicilian Luiza Löwen Sahr, Cecília Hauresko

Bibliografia

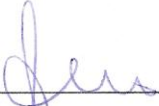
1. Sistema Faxinal - Territorialidade. 2. Sistema Faxinal - Dinâmica. I. Título.
II. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

CDD 304.2




TERMO DE APROVAÇÃO
LUCÉLIA SANTOS DE LIMA
A DINÂMICA DAS TERRITORIALIDADES NA COMUNIDADE DE FAXINAL DO
POSTO INÁCIO MARTINS-PR

Dissertação **APROVADA** em ___/___/2011 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na área de concentração Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), pela seguinte banca examinadora:




 Prof. Dr. Sergio Fajardo – presidente

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)




 Profa. Dra. Cecilia Hauresko

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)



 Profa. Dra. Cicilian Luiza Löwer Sahr

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)



 Lucélia Santos de Lima

Guarapuava (PR), ___ de _____ de 2011.

Dedico este trabalho a todas as pessoas especiais que conheci em minha vida, principalmente:

... à **minha mãe** descendente de imigrantes poloneses e **meu pai** descendente de caboclos, que me permitiram conviver e adquirir alguns seus traços culturais faxinalenses antes da vinda para a cidade, lembro-me dos ensinamentos de como fazer a cova para plantar o milho e o feijão que viria a alimentar seus sete filhos.

...aos **moradores** das comunidades rurais de Inácio Martins: Mansani, São Miguel, Matão, Rio Pequeno e principalmente do Faxinal do Posto, pessoas simples, com fortes traços culturais, e que têm, sem dúvida, muito a contribuir para o crescimento e desenvolvimento da economia local.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela saúde que permitiu prosseguir na caminhada acadêmica.

Ao professor Dr. **Sergio Fajardo**, pela sua orientação, discussões, materiais concedidos e, principalmente, pela compreensão e atenção ao longo do período, sem a qual não seria possível concluir esse trabalho.

Aos **moradores** da comunidade de Faxinal do Posto e **alunos** da Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes, que compartilharam sua experiência de vida, a qual permitiu a entender melhor suas territorialidades.

Ao Departamento de Geografia (**DEGEO**), e coordenação do programa de pós graduação em geografia, principalmente a prof^a **Dra. Márcia da Silva**, sempre insistente, incentivando e amparando em nossa caminhada discente. E todos os demais professores que ministraram as disciplinas do Programa de Mestrado em Geografia: **Prof. Dr. Nécio Turra Neto, Prof. Dr.^a Beatriz Ribeiro Soares, Prof. Dr.^a Karla Rosário Brumes, Prof. Dr. Luiz Gilberto Bertotti e Prof. Dr. Edivaldo Lopes Thomaz** que contribuíram para a realização deste trabalho, por meio de suas disciplinas. Às **Prof. Dr. Cicilian Luíza Löwen Sahr e Cecília Hauresko**, pelas contribuições nas bancas de qualificação e defesa desta pesquisa.

À **CAPES** pelo apoio financeiro nos primeiros meses de curso, sem o qual não seria possível a construção dessa caminhada.

Ao **Lucas Moreira de Lima**, meu esposo e companheiro, pela compreensão, amor, carinho e atenção nos momentos difíceis e acompanhamento nos trabalhos de campo e entrevistas realizadas e por compartilhar sua experiência de jovem rural. À toda a **minha família** que também demonstrou apoio nos momentos de angústia e nas alegrias.

Aos colegas de turma **Mônica Rúbio** pelo material cartográfico fornecido, **Cleiton Denez, Márcia C. Cunha e Aline D. Koll**, por compartilharem suas conquistas e frustrações.

Ao prefeito municipal de Inácio Martins, o Sr^o **Júnior Benato**, bem como a todos os que concederam entrevistas e materiais, Prefeitura e EMATER.

À direção, e principalmente as professoras da Escola Áurea Aparecida Lopes: **Édina Silva Ribeiro de Oliveira, Gisele M. Bida, Vanderléia Pinto, Silvia de Lima Capote**, sempre colaborando, partilhando sua prática docente, as quais renderam algumas considerações explícitas nesse trabalho. Também as professoras **Ilores Jaqueline de Lima** pela revisão ortográfica do trabalho e a **Eliza Iracema Campos** pelo auxílio com o Abstract e **Ana Luíza Gomes da Maia** pelo auxílio coma formatação.

Enfim, a todos que estiveram juntos me apoiando e que foram fundamentais em mais esta etapa de minha vida.

RESUMO

O município de Inácio Martins-PR, compõe a região conhecida como Paraná Tradicional. Mantém ainda algumas características originais em sua área rural, sendo uma delas a

presença de comunidades de faxinais ainda muito pouco estudadas. O objetivo geral da presente pesquisa foi o de entender, a partir da observação empírica, as territorialidades da comunidade de Faxinal do Posto, traduzidas nas manifestações religiosas, econômicas e sociais. Para tal foi necessário compreender a organização do sistema Faxinal, adotando os conceitos de território e de territorialidade. Também buscamos mostrar a partir dos levantamentos oficiais, as semelhanças e diferenças dos faxinais de Inácio Martins. Para cumprir os objetivos contamos com os seguintes procedimentos metodológicos: análise das referências já existentes sobre Faxinais, entrevistas com moradores das comunidades de Faxinais de Inácio Martins, membros do poder público, representantes da EMATER, e através da observação e percepção do cotidiano da comunidade e questionários aplicados aos alunos da Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes. Partimos da hipótese de que a dinâmica das territorialidades no Faxinal do Posto é produzida a partir do cotidiano da comunidade através de seu habitar, plantar, divertir, mas também através do contato com agentes externos que os fazem modificar sua maneira de pensar e se reproduzir em seu território.

PALAVRAS-CHAVE: comunidades faxinalenses, Inácio Martins, territorialidades, Faxinal do Posto, resistência.

ABSTRACT

Inacio Martins PR compose the region known as the Paraná traditional retains many traditional features in their rural area, one of them is the presence of 12 *faxinais* communities, yet little studied. This research aims to understand, from empirical observation, the territorialities from *Faxinal do Posto* community, as reflected in religious events, economic and social. This required understanding the organization Faxinal system, adopting the concepts of territory and territoriality. We also seek to show from official surveys, the similarities and differences of *faxinais* from Inacio Martins. For to meet the objectives we have the following methodology: analysis of existing references from the subject *faxinais*, interviews with community residents *faxinais* from Inacio Martins, members of the public, representatives from EMATER, and through observation and perception of everyday community and questionnaires administered to students from *Escola Estadual Aurea Lopes*. By the hypothesis that the dynamics of territorial *Faxinal do Posto* is produced from day today community through their homes, plantations, fun but also through contact with external agents such that make them change their way of thinking and reproduce in its territory.

Keywords: communities faxinalenses , *Inacio Martins*, territorialities, *Faxinal do Posto* and habitations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
-----------------	----

1. TERRITORIALIDADE E COMUNIDADES DE FAXINAIS: UMA LEITURA POSSÍVEL	18
1.1 - As comunidades faxinais a partir do conceito de territorialidade	20
1.2- Características do Sistema Faxinal	29
2. AS COMUNIDADES DE FAXINAIS DE INÁCIO MARTINS-PR.....	43
2.1- A localização e apresentação de Inácio Martins	43
2.2- Os tropeiros	47
2.3- A importância linha férrea.....	47
2.4- A relação entre a indústria da erva-mate e os faxinais	50
2.5- A extração de madeira nas comunidades rurais	55
2.6 - A importância das tropas de porcos para a economia local	60
2.7- Os faxinais no estado do Paraná e em Inácio Martins	63
2.8- As semelhanças e diferenças entre os faxinais de Inácio Martins-Pr	70
2.8.1- A comunidade de Mansani	70
2.8.2- A comunidade de São Miguel	75
3. A DINÂMICA DAS TERRITORIALIDADES DO FAXINAL DO POSTO INÁCIO MARTINS-PR	78
3.1- Faxinal do Posto: formação e características da comunidade.....	79
3.2- Territorialidade econômica/Material.....	83
3.3- Territorialidade Religiosa.....	96
3.4- Outras territorialidades: a escola e o lazer na comunidade.....	99
CONSIDERAÇÕES.....	103
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	111
LISTA DE FIGURAS	
FIGURA1: Esquema explicativo do Sistema Faxinal.....	32

FIGURA 2: Localização de Inácio Martins no Centro-Sul do Paraná.....	42
FIGURA 3: A altitude dos municípios situados no Centro- Sul paranaense.....	44
FIGURA 4: A extração da madeira em Inácio Martins (1980)	56
FIGURA 5: Localização de Inácio Martins na APA da Serra da Esperança.....	59
FIGURA 6: Criação de suínos em áreas de faxinais de Inácio Martins-Pr	60
FIGURA 7: Criação de bovinos em áreas de faxinais de Inácio Martins-PR.....	60
FIGURA 8: Áreas estratégicas de conservação da biodiversidade e localização dos povos tradicionais no Paraná	64
FIGURA 9: Comunidades de faxinais de Inácio Martins em seus diferentes estágios.....	66
FIGURA 10: Faxinalenses manuseando a carne ao lado cozinha de chão batido no Faxinal Mansani (Inácio Martins-Pr).	70
FIGURA 11: Capela do Divino em Mansani e ao lado a Benzedeira mostrando o Divino que teria recebido de seus bisavós.	71
FIGURA 12: Coordenadora da comunidade mostrando as bandeiras usadas na Marcha Nacional das Margaridas 2011	72
FIGURA 13: Mata burro que delimita a entrada do Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)8280	
FIGURA 14: Moradores tentando tirar animal preso no mata-burro no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr).....	80
FIGURA 15: Criação de animais à solta no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)	83
FIGURA 16: Vista parcial do Faxinal do Posto - Inácio Martins-Pr.....	84
FIGURA 17: Presença de reflorestamento no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)	85
FIGURA 18: Moradias da comunidade Faxinal do Posto Inácio Martins-Pr.....	88
FIGURA 19: Entrada de uma das casas com a cruz no portão no Faxinal do Posto (Inácio Martins-PR).....	95
FIGURA 20: Igreja católica da comunidade de Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)	96
FIGURA 21: Altar no interior de uma residência no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)97	
FIGURA 22: Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes Papagaios (Inácio Martins-PR)	98
FIGURA 23: Atividade desenvolvida na Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes(Inácio Martins-PR).....	100

FIGURA 24: Sede da associação de moradores da comunidade de Faxinal do Posto..... 101

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE INÁCIO MARTINS DE 1950-2010.....	43
QUADRO 2 : A DISTRIBUIÇÃO DE FAXINAIS NOS MUNICÍPIOS PARANAENSES	62
QUADRO 3: IDENTIFICAÇÃO DOS MUNICÍPIOS COM FAXINAIS NO ESTADO DO PARANÁ SOUZA (2009)	68
QUADRO 4: DIFICULDADES E SUGESTÕES PARA O FAXINAL MANSANI EM 2004 (INÁCIO MARTINS)	71

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO Nº 01: COMUNIDADES RURAIS DE PROCEDÊNCIA DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL ÁUREA APARECIDA LOPES.....99

INTRODUÇÃO

As inquietações que deram origem ao trabalho resultaram da percepção de grande emergência de pesquisas sobre os faxinais paranaenses ao mesmo tempo, da falta de referências bibliográficas sobre os faxinais existentes no município de Inácio Martins-PR. Esses faxinais são citados por alguns autores locais, e nos principais levantamentos dos faxinais do estado. Mas nesses últimos não são pesquisados a fundo, justamente porque o objetivo desses levantamentos era repassar uma visão geral dos faxinais no estado do Paraná. Desta forma, a relevância de nosso trabalho se justifica uma vez que, evidencia as especificidades existentes na comunidade de Faxinal do Posto, uma das 12 comunidades de faxinais citadas por Marques (2004) no município de Inácio Martins-PR. Optamos pelo estudo dessa comunidade pelo vínculo que adquirimos ao lecionar na Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes que recebe os alunos deste faxinal.

O presente trabalho faz uma reflexão acerca das comunidades rurais que apresentam ou já apresentaram o Sistema Faxinal no município de Inácio Martins-PR. Foi adotado o termo comunidades de faxinais, pois, apesar destas terem os traços específicos do Sistema Faxinal como: áreas de Mata de Araucária preservadas, a presença do criadouro comunitário, em duas delas, extração de erva-mate e agricultura subsistência. Notamos que moradores das comunidades pesquisadas não se autodenominam faxinalenses, pois essa denominação, em geral, não parte dos faxinalenses, mas, em muitos casos, de pesquisadores, ONG's, universidades, enfim de sujeitos externos a comunidade. Os próprios moradores se referem ao que Nerone (2000 p.152) já mencionava em seu trabalho de “nossa comunidade”, sentido mais popular do termo relacionado a “um grupo de pessoas que vivem juntas e possuem interesses em comum”.

Como dito, das 12 comunidades de faxinais em Inácio Martins, apontadas por Marques (2004), apenas duas mantêm o criadouro comunitário, sendo utilizado para uso comum de criações baixas, principalmente suínos e ovinos. São as comunidades de Mansani e de São Miguel, suas principais características que estão descritas no segundo capítulo.

Marques (2004, p.20) retratou um diferencial nas comunidades de Faxinais do município pesquisadas por ele, mencionando que a comunidade de Mansani tem uma característica peculiar “Este criadouro é diferente, pois está no meio só de mata de Araucária (não têm lavouras nas divisas)”, característica que se repete em muitas outras comunidades de faxinais do município que visitamos no decorrer da pesquisa. E que, Souza (2009) chama a atenção como característica das comunidades com o criadouro coletivo original, ou seja, com grandes extensões acessadas por criações altas e baixas.

Ao visitar as comunidades de faxinais, notamos características marcantes, ainda

preservadas: os laços de solidariedade demonstrados pelos moradores, ao se ajudarem na manutenção das cercas e roçadas, também notamos traços de religiosidade típicos nessas comunidades, como a Recomenda e festas típicas de santo. Acrescentamos que com a chegada de elementos como: bar, posto de saúde, escola a expansão de áreas de reflorestamento de *pinus*, esses provocam a transformação de algumas características tradicionais, e também a manutenção de outras. É importante lembrarmos que compartilhamos aqui da visão de Hauresko (2009) ao tratar a tradição não como um passado que não existe mais, mas como algo que está presente na comunidade e vai se fortalecendo frente à processos globalizantes.

Nesse sentido o objetivo geral da presente pesquisa foi o de mostrar a dinâmica das territorialidades no Faxinal do Posto em Inácio Martins-PR manifestadas em suas práticas cotidianas: escola, família, igreja, trabalho. Também apontamos como objetivos específicos: apresentar o sistema Faxinal, destacando a organização interna das comunidades a partir do conceito de territorialidade. Mostrar a partir dos levantamentos de Marques (2004) e Souza (2009) os faxinais no Paraná e em Inácio Martins, as semelhanças e diferenças dos faxinais de Inácio Martins.

Para cumprir tais objetivos contamos com os seguintes procedimentos metodológicos: análise das referências já existentes acerca do tema Faxinais, algumas consideradas clássicos como Chang (1988) e Nerone (2000); outras mais recentes como Löwen Sahr (2008) e Hauresko (2009). Em seguida, em uma nova revisão bibliográfica, julgou-se necessário compreender a realidade local do município onde está situada a comunidade de Faxinal do Posto. Para tanto, foram levantadas as características gerais da região e do município para tal utilizamos também autores locais como Taborda (1994), Lima (2008), Soares (2008).

Assim, aconteceram diversas visitas à campo a fim de entender a dinâmica da comunidade, os dados coletados nos trabalhos de campo foram registrados através de fotos, anotações, gravações. Nessas visitas realizamos oito entrevistas¹ de caráter qualitativo formais com moradores residentes na comunidade de Faxinal do Posto, sempre acompanhados dos familiares que auxiliavam nos relatos, e outra entrevista com um morador que há três anos se mudou com a família para área urbana, mas ainda tem vínculo com a comunidade. Cinco entrevistas nas comunidades de Mansani e São Miguel. Duas entrevistas com membros do poder público, visitas a EMATER-PR, entrevistas informais e aplicação de 20 questionários a alunos da Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes - Ensino Fundamental, residentes no

¹ Os nomes dos entrevistados foram preservados, sendo que suas falas são citadas no trabalho utilizando a nomenclatura: Entrevista A, B, assim por diante.

Faxinal do Posto.

Nosso trabalho se estrutura da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta o Sistema Faxinal, destacando a organização interna das comunidades a partir do conceito de territorialidade, utilizando autores clássicos e trabalhos recentes. Justificando nossa opção pelos conceitos de território e de territorialidade a partir de Haesbaert (2004) e Saquet (2009) entre outros autores.

O segundo capítulo mostra, a partir dos levantamentos, os faxinais no Paraná e em Inácio Martins, as semelhanças e diferenças dos faxinais de Inácio Martins. O terceiro capítulo mostra as mudanças nas territorialidades do Faxinal do Posto manifestadas em suas práticas cotidianas: escola, família, igreja, trabalho.

Partindo de nossas indagações iniciais de como é a dinâmica das territorialidades no Faxinal do Posto, podemos afirmar, pautados na observação empírica que, pessoas que antes já traziam consigo uma forma de ser em interação com outras formas constituíram novas territorialidades. Como salienta Saquet (2009, p.143):

O território significa materialidade e imaterialidade ao mesmo tempo, não é formado apenas por formas nem apenas por relações sociais: as próprias relações são materiais e imateriais, mudam e permanecem na vida cotidiana. Há uma unidade concreto-abstrata no e do território e na e da territorialidade humana, que precisa ser abstraída constantemente como fez Jean Gottmann e fizeram tantos outros pesquisadores que auxiliam a pensar e apreender os processos territoriais na forma área-rede, rede-rede ou território rede-lugar evidenciando os processos econômicos, políticos e culturais ao mesmo tempo e em suas múltiplas formas de territorialização.

Trabalhamos o conceito de território a partir da multiterritorialidade por acreditar que as territorialidades são produzidas com diferentes fatores: o seu habitar, produzir o território a partir do dia a dia na comunidade, mas também através do contato com outros sujeitos e agentes externos como a escola que os fazem modificar sua maneira de pensar e conseqüentemente de reproduzir esse território. Pois como diz Raffestin (1993) a territorialidade é entendida como relacional e dinâmica, mudando no tempo e no espaço, conforme as características de cada sociedade.

CAPÍTULO I

1. TERRITORIALIDADE E COMUNIDADES DE FAXINAIS: UMA LEITURA

POSSÍVEL

O objetivo central desse primeiro capítulo é apresentar o que é o sistema Faxinal, sob a ótica da territorialidade, demonstrando suas características, a partir de autores considerados clássicos nessa temática como Chang (1988) Nerone (2000) alguns trabalhos mais recentes como Löwen Sahr e Cunha (2005) Löwen Sahr (2008) e Hauresko (2009) entre outros.

Para entendermos como se organizam as comunidades de faxinais, adotamos os conceitos de território e de territorialidade, a partir, principalmente, de Haesbaert (2004, 2009) e Saquet (2009), mostrando ser possível uma leitura das comunidades de faxinais a partir desses conceitos, uma vez que a territorialidade está intimamente relacionada ao acontecer cotidiano dos faxinalenses: no trabalho, na escola, na família, enfim na sociedade como um todo. Essa apropriação do território pelas comunidades faxinalenses estaria ligada a um jogo de forças, uma vez que presenciamos a manutenção de práticas tradicionais em convivência ou contraposição a chegada dos novos elementos.

Nesse sentido recorremos a Haesbaert (2009) para entender a dinâmica das territorialidades no momento histórico em que vivemos. Nesse novo contexto, velhas formas espaciais tendem a adquirir novas funções, tornando mais complexa ou perdendo o poder que tinham no passado (HAESBAERT, 2009, p.111). Afinal não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade ou mesmo a sociedade sem inserí-lo num contexto territorial (HAESBAERT, 2004, p.20).

No interior das comunidades de Faxinais, encontramos uma diversidade de formas utilização do território, seja do ponto de vista cultural através das rezas, crenças, benzedadeiras, etc., seja do ponto de vista econômico, afinal o “criadouro comunitário” tem um fim econômico, uma vez que os animais são destinados a comercialização no mercado local, seja do ponto de vista ambiental ao se manter paralelo ao criadouro remanescente de vegetação nativa, características que são peculiares e dão significado a essas áreas. Sendo assim, [...] o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle político-econômico do espaço e suas apropriações simbólicas, ora conjugadas e mutuamente forçadas, ora desconectadas e contraditoriamente articuladas (HAESBAERT, 2006, p.121).

Por isso fizemos a opção pela abordagem do território, pois leva em consideração um jogo de forças exercidas sobre a base física, considerando a natureza como recurso. Essa apropriação diferenciada do território faz com que os faxinais vão tendo sua territorialidade modificada com a chegada de aparatos da modernidade na comunidade, fazendo com que, os elementos que compõe esse sistema vão adquirindo novas funções com o passar dos anos, como a função de preservação ambiental, como mencionamos ou alimentar através da

agroecologia.

1.1 - AS COMUNIDADES FAXINAIS A PARTIR DO CONCEITO DE TERRITORIALIDADE

Os faxinais representam uma manifestação territorial no Paraná que vem tendo constantemente sua dinâmica alterada. Essas alterações são perceptíveis através de algumas práticas rotineiras entre os faxinalenses vão adquirindo novas funções.

Em relação a essas modificações no território Saquet (2009, p.79), nos fala que:

O território é o lugar de todas as relações, triunfo, espaço político onde há coesão, hierarquia e integração através do sistema territorial. O território é resultado das territorialidades efetivadas pelos homens [...] A territorialidade, desta forma, significa as relações sociais simétricas ou dessimétricas que produzem historicamente cada território.

Nesse sentido, as territorialidades estariam relacionadas ao acontecer de todas as atividades cotidianas do faxinalense, seja em seu espaço de trabalho, lazer, religiosidade, na família, a escola, que o ajudam a deixar sua marca na localidade onde vive. Esse seria tanto a condição quanto o resultado de cada lugar e conseqüentemente de cada território.

A territorialidade, que se produz através da identidade e se manifesta nas relações espaciais permeadas de aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais, que se territorializam por meio da apropriação do espaço com diferentes atores, entre esses, os faxinalenses, que possuem uma identidade construída por elementos que moldaram esta identidade.

Sendo assim, podemos considerar os faxinalenses como um dos diversos grupos que se materializam no espaço, tais grupos constituem suas territorialidades, com elementos territoriais que os caracterizam e os diferenciam dos demais, sua identidade é construída à medida que constituem e desenvolvem cada território. Podemos dizer, então, que a territorialidade é criada no seio do território e expressa a identidade, isto através das várias relações que ocorrem no território. Então, em síntese, o que produz o território é a ação humana.

Desta forma, a ocupação de um dado território gera raízes de identidade, uma vez que um grupo social não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria ligada aos atributos da paisagem. Ademais as fronteiras podem ser alteradas, portanto este não é imutável gerando identidade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território.

É nesse sentido que Saquet (2009) entende o território e a territorialidade como multidimensionais e inerentes a vida e a sociedade, pois o homem vive relações na sociedade, relações que são sociais, e com isso, ele constrói territórios através de suas atividades cotidianas. Haesbaert (2004) discute a multidimensionalidade do território assim como Raffestin (1993), que apresenta os trunfos do poder e o território com dimensões políticas, econômicas e culturais que se moldam por meio das relações humanas no espaço.

Compreendendo a territorialidade como o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um dado território (ROSENDAHL, 1996, p. 58), é importante destacar que, dependendo das bases tecnológicas do grupo social, sua territorialidade ainda pode carregar marcas profundas de uma ligação com a terra no sentido físico do termo (HAESBAERT, 2004, p.57).

Já para Saquet (2009, p.90), a territorialidade efetiva-se em todas as relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, enfim, na cidade-urbana, no rural-agrário e nas relações urbano-rural de maneira múltipla e híbrida.

Nesse sentido, num espaço rural, com fortes componentes culturais, sociais, econômicos e ambientais, a organização em comunidades de faxinais é um traço marcante do espaço local. Para entender a organização interna dessas comunidades, além da vertente ambiental, existem também as “vertentes culturalista e econômica para abordar o território.” [...] A primeira prioriza aspectos subjetivos relacionados às identidades e representações, enquanto a segunda centra-se nas questões locacionais, de competitividade, inovações tecnológicas e desenvolvimento (HAESBAERT, 1999, p.12).

Mas a primeira dimensão a ser considerada são as características do momento histórico em que vivemos:

Num mundo dito global da instantaneidade e da mobilidade pretensamente irrestrita, o tema da fixação e da fluidez, ou melhor da imobilidade acaba tomando uma dimensão imediata na história. Objetiva-se agora controlar a circulação e a “fluidez” dessas massas e dessa “população” que se desloca de forma mais aleatória e difusa, recorrendo-se então a um aparato técnico-informacional muito mais sofisticado (HAESBAERT, 2009, p.109).

Há múltiplas formas de abordar um dado território. Mas a que se refere a abordagem econômica do território.

[...] Ao analisar o território no âmbito dos processos econômicos no meio rural, do ponto de vista geográfico, tem se então que considerar os múltiplos

fatores que concorrem para caracterizar essa territorialidade. O resultado espacial é, então, geral, ou seja, não distingue apenas a espacialidade do espaço rural, mas a construção do território como um todo (FAJARDO, 2008, p.29).

É igualmente importante destacar que determinados grupos com essa nova emergência da globalização acabam tendo suas identidades modificadas frente a uma cultura dominante. Nesse sentido, Fajardo (2008, p.30) comenta: “[...] Muitas vezes, defronta-se com um paradoxo: processos globalizantes ou desterritorializantes, ao mesmo tempo em que destroem, constroem outras formas de espacialização”.

O território também pode ser um conceito central na implementação de políticas públicas e privadas nos diferentes espaços, uma vez que a partir desse conceito pode ser compreendidas as diversidades e das conflitualidades das disputas territoriais

Também para compreender os interesses, as ações, relações e conflitos entre instituições e os diferentes territórios consideramos insuficiente à compreensão do território apenas como espaço de governança.

[...] a territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço, as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p.88).

No caso das comunidades de faxinais, incorporam novas práticas e abandonam outras, principalmente como o objetivo de aumentar sua renda e garantir o sustento da família, por isso adotamos justamente a abordagem econômica do território é que é a menos difundida.

O território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente- relacionada ao poder político do Estado. Cultural (muitas vezes culturalista ou simbólico-cultural): prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Econômica (muitas vezes economicistas): menos difundida, enfatiza as relações econômicas, o território como fonte de recursos e ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital - trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2004, p. 40)

Essa organização diferenciada do espaço constitui uma territorialidade específica, que

vai sendo sobreposta e se sobrepondo as outras formas existentes no espaço rural ao longo dos anos.

As territorialidades podem envolver vários grupos através de redes, nós, que se intercalam e sobrepõem um sobre o outro, formando uma grande cadeia processual do território [...] A territorialidade possui três características que são interligadas: (1) classificação ou definição de áreas; (2) comunicação, que de acordo com o autor é estabelecer um processo de comunicação e divulgação dos limites da área estabelecida; (3) forma de coesão e controle: que é o envolvimento de tentativa de controlar o acesso à área e as coisas dentro dela, ou as coisas fora dela por restringi-las de dentro. (FAVARO, 2010, p. 369-370)

Desta forma, a territorialidade também é construída através de fatores externos à comunidade.

O externo, porém, nem sempre se internaliza completamente, na medida em que representam muito mais os interesses externos que os internos. Todavia, tais necessidades ou interesses externos nem sempre coadunam com os interesses ou condições internas à área. Por isso, as forças internas frequentemente exercem papel de oposição ou de reação à difusão dos fatores externos (HAURESKO, 2009, p. 45).

Mas o território² é muito dinâmico e vem se alterando em virtude desse dinamismo de atividades que encontramos no campo na atualidade, com os faxinais não é diferente. Destacamos aqui, que há maneiras diferentes de se apropriar de um território, justamente pelas diferentes visões de mundo. Afinal, o ser humano age no espaço produzindo-o de maneira diferenciada através do seu habitar, produzir, viver, etc., o território.

O conceito de território na Geografia Clássica estava pautado, principalmente, no exercício do poder exclusivamente pelo Estado, uma vez que, Ratzel (1983) considerava que o Estado não pode existir sem o solo. A partir da década de 1960 é que o conceito de território deixa de fazer alusão somente a apropriação do espaço pelo Estado e passa a incluir os diferentes grupos que atuam na produção de territórios, territorialidades. Assim, o termo território, segundo Haesbaert (2004, p.43) era no século VI como o pedaço de terra apropriado, dentro dos limites de uma determinada jurisdição político-administrativa.

Marcelo Lopes de Souza (2009, p.58) destaca que a partir de 2008, o conceito de território se tornou um conceito, em vez de fundamental, preferencial das pesquisas,

² O território faxinalense é construído a partir das relações simbólicas, identitárias e materiais (também historicamente construídas) formando assim, uma territorialidade específica no meio rural paranaense.

resultando em malefícios como a “embriaguez conceitual” e a fadiga ou “ressaca conceitual”. Também ressalta que tal fato, já teria ocorrido quando, nos anos 90 se tentava explicar tudo a partir do conceito de redes “[...] mais que um conceito as redes eram ou tornaram-se (em parte muito fecundamente, em parte exageradamente) uma espécie de “elemento vertebrador” dos discursos e das explicações”.

Nesse viés, optamos pelo conceito de território, não motivados pelo modismo, pois também como salienta Marcelo Lopes de Souza (2009, p.59) “[...] qualquer modismo costuma ter, infelizmente, um efeito colateral.” Mas por acreditar que com ele daremos conta de entender a territorialidade das comunidades de Faxinais presentes em Inácio Martins-PR.

Já para Saquet (2009, p. 76), há uma relação de unidade entre espaço e território, porém correspondendo a dois níveis e processos sócio-espaciais distintos de nossas vidas cotidianas e a dois conceitos diferentes no pensamento científico. Para tal, ele faz uso das explicações de Raffestin (1976-1978) para o qual a territorialidade é entendida como relacional e dinâmica, mudando no tempo e no espaço, conforme as características de cada sociedade. Pois, “O *“espaço é anterior ao território e se forma a partir do espaço”*. Ainda destaca que: *“O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si”* (RAFFESTIN, 1993, p. 114).

Também compartilhando com Marcelo Lopes de Souza (2009, p.61), se tratássemos do conceito de lugar, por exemplo, não seria mais a dimensão das “relações de poder” que estariam em primeiro plano.

Sendo assim, a territorialidade faxinalense foi sendo construída, se transformou e adquiriu novos formatos ao longo do tempo, foi incorporando novas manifestações, mas manteve muitos traços tradicionais, o que a caracteriza no presente momento como em resistência. “[...] em cada comunidade faxinalense, se manifesta a complexidade do mundo atual, onde em menor ou maior grau ocorre a convivência da tradição e da modernidade (HAURESKO, 2009, p.25)”.

Todavia, também não podemos desconsiderar o aspecto material sobre o qual as relações sociais ocorrem: “[...] Como projeção espacial das relações de poder, o território não pode jamais ser compreendido e investigado (sua origem e as causas de suas transformações) sem que o aspecto material do aspecto social seja devidamente considerado”. (MARCELO LOPES DE SOUZA, 2009, p.64).

Desta forma, cada um dos participantes será submetido a um poder, o poder que emana da coletividade, pois o poder não é individual e sim nasce de uma relação grupal, como mencionado anteriormente.

Sendo definido como: relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte sobre um substrato referencial (SOUZA, 1995, p.97), devemos levar em conta que os territórios podem ser criados e se desfazer ciclicamente. Não sendo estáticos, mas estando em constante mutação, podem ter duração efêmera e nem chegar a deixar marcas na paisagem.

[...] o poder é uma relação social (ou, antes, uma dimensão das relações sociais), e o território é a expressão espacial disso. A existência do território é impossível e inconcebível sem o substrato espacial material, da mesma maneira que não se exerce poder sem contato com a referência a materialidade em geral; ao mesmo tempo, porém, o território não é redutível ao substrato, não devendo ser com ele confundido (SOUZA, 2009, p.66).

Em outras palavras “O espaço social é multifacetado e o território (territorialidade) é uma dessas facetas” (MARCELO LOPES DE SOUZA, 2009, p. 68).

Na realidade as relações de poder que se desenrolam sob o território nem sempre estão associada à idéia de dominação ou de violência, mas constituem parte da construção do território, sendo necessário para sua organização e manutenção.

Se um grupo delibera, em condições de plena liberdade, sobre o estabelecimento de certas regras - por exemplo, de uso do solo e fruição de recursos-, o poder é compartilhado por todos os participantes em condições de forte igualdade [...] em tais circunstâncias indivíduos e grupos são influenciados uns pelos outros, na base da persuasão, mas não dominam uns aos outros sob a cobertura de estruturas assimétricas (MARCELO LOPES DE SOUZA, 2009, p. 69).

Neste aspecto, o exercício do poder ocorre através da disputa pelo espaço para a construção do território, os sujeitos ao se apropriar do espaço vão construindo conjugações simbólicas e culturais que caracterizam o território.

Desta forma, a noção de tempo também está intimamente relacionada a esse conceito, sendo assim, para Saquet:

[...] O tempo presente, passado e futuro indica processualidade e, também, simultaneidade, pois vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em unidade, em processo constante e concomitante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre *novas* territorialidades e *novos* territórios que contêm traços/características dos *velhos* territórios e territorialidades (SAQUET, 2009, p.82 *grifos no original*).

Sendo assim, o território se efetiva no cotidiano das pessoas deixando nossas marcas, ao desempenhar as mais diversas funções seja para fins econômicos, políticos ou culturais.

[...] Os homens tem centralidade na formação de cada território: cristalizando relações de influência, afetivas, simbólicas, conflitos, identidades, etc. Tanto os processos identitários como os conflituosos e transformativos são históricos e relacionais e, ao mesmo tempo, materiais e imateriais. A própria identidade é substantivada por relações desiguais e por diferenças o que, contraditoriamente, torna mais complexas e dificulta nossas atividades de pesquisa e leitura dos fenômenos e processos territoriais (SAQUET, 2009, p.83).

Desta forma, estabelecendo relações econômicas, políticas e culturais, dia a dia entre nós e a natureza que nos cerca, podemos traduzir em nossas diferenças e identidades, ou seja, pelas territorialidades cotidianas.

O território se estabelece então nas mais diversas situações existentes na vida humana, situações essas que não são simples, pelo contrário, são muito complexas. Sobre essa complexidade Saquet (2009, p.87) salienta:

[...] O homem vive relações sociais, construção do território, intenções e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de *malhas, nós e redes*, construindo o território. A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e de comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente.

Em contrapartida, para Haesbaert (2004, p.78) “[...] o território se define, antes de tudo, como referência as relações sociais [...] e ao contexto histórico ao qual está inserido.” Então, antes de qualquer coisa devemos levar em consideração a perspectiva temporal para entender um dado território.

Em relação a essas modificações e ao conceito de territorialidade, Saquet (2009, p.79) nos fala que: “O território é o lugar de todas as relações, triunfo, espaço político onde há coesão, hierarquia e integração através do sistema territorial. O território é resultado das territorialidades efetivadas pelos homens”.

É nesse sentido que Saquet (2009) entende o território e a territorialidade como multidimensionais e inerentes a vida e a sociedade, pois o homem vive relações na sociedade, relações que são sociais, e com isso, ele constrói territórios através das relações de poder, de suas atividades cotidianas.

[...] a territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas

territorialidades há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço, as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p.88).

Nesse sentido, lembramos o conceito de território de Souza (2003) que nos remete a três elementos: espaço delimitado, identidade e domínio do espaço, isto é, relações de conflito, contradições sociais e exercício do poder.

Nesse sentido, segundo Hasbaert (2004), o território é usualmente focalizado em quatro dimensões básicas: a política, a cultural, a econômica e a “natural”. A dimensão política ou jurídico-política refere-se às relações de poder em geral, em especial, mas não exclusivamente, ao poder político do Estado. Nessa perspectiva, o território é tido como um espaço delimitado e controlado. Na dimensão cultural ou simbólico cultural, o território é visto como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

A dimensão econômica considera o território como fonte de recursos, priorizando a dimensão espacial das relações econômicas. Por fim, a dimensão “natural” ou naturalista, cuja noção de território se refere ao comportamento “natural” do ser humano em relação ao seu ambiente físico.

Dessa forma, devemos considerar que as comunidades que dependem dos recursos naturais são capazes de organizar suas formas de produção de maneira equilibrada, como é o caso dos faxinalenses. Sem citar que o cumprimento da legislação não ocorre para todos, uma vez que, se os conhecimentos locais fossem valorizados esses conhecimentos contribuiriam para o surgimento de novas alternativas de renda para manter a população no campo. “[...] todos os nossos atos interferem, de forma mais ou menos acentuada, em processos permanentes de des-re-territorialização” (HAESBAERT, 2006, p.117).

A “ordem” vem sempre acompanhada de seu par indissociável, a “desordem”, que não deve simplesmente, a priori, ser combatida, pois ela pode estar sendo a manifestação de uma nova ordem, de um novo ordenamento – vide algumas formas alternativas de organização do espaço que brotam das populações mais pobres e excluídas; o momento da desordem geralmente coincide com aquilo que caracterizamos como crise ou, como queria Gramsci, o momento em que “o velho está morrendo e o novo ainda não conseguiu nascer” (HAESBAERT, 2006, p.117).

Consideramos que as mudanças no território são notáveis, pois o território é considerado produto histórico de mudanças e permanências ocorridas num ambiente o qual se

desenvolve a sociedade. “Território significa a apropriação social do ambiente, ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas” (SAQUET, 2009, p.81).

O território, enquanto relação de apropriação e/ou domínio da sociedade sobre o seu espaço, não está relacionado apenas à fixidez e à estabilidade (como uma área de fronteiras bem definidas), mas incorpora como um de seus constituintes fundamentais o movimento, as diferentes formas de mobilidade, ou seja, não é apenas um “território-zona”, mas também um “território-rede” (HAESBAERT, 2006, p.117-118).

Nesse sentido, é que caracterizamos os faxinais a partir do conceito de territorialidade, pois esta forma de organização espacial, cultural e social só se encontra no caso paranaense, em virtude, justamente de condições tanto históricas, quanto geográficas encontradas aqui.

Essa observação é fundamental, considerando a importância de apreender o movimento em estudos territoriais como produto de determinações (i) materiais, ou seja, de forças econômicas, políticas e culturais que condicionam os saltos quantitativos e qualitativos na dinâmica sócio espacial. A matéria e a idéia estão em unidade e movimento constante, no qual há superações, territorialidades e temporalidades, ambas históricas e coexistentes. No entanto, este entendimento não é consensual nem foi historicamente reconhecido nas ciências sociais (SAQUET, 2009, p.136).

No caso dos faxinais, como argumentou o autor às territorialidades faxinalenses atribuem características específicas a esse lugar, uma identidade. Mas como comenta Haesbaert (2006, p.118) com a propagação do chamado multiculturalismo e/ou hibridismo cultural, é cada vez mais difícil encontrar identidades claramente definidas.

Pensar os processos de territorialização, ou seja, a formação de territórios, como um processo concomitantemente des-reterritorializador e, portanto, des-ordenador, não é tarefa fácil. Implica, em primeiro lugar, substituir as leituras estanques, “euclidianas”, de território como uma área ou superfície relativamente homogênea e dotada de limites ou fronteiras claramente estabelecidas. Devemos partir da constatação de que o espaço geográfico é moldado ao mesmo tempo por forças econômicas, políticas, culturais ou simbólicas e “naturais” que se conjugam de formas profundamente diferenciadas em cada local” (HAESBAERT, 2006, p.120-121).

Desta forma, para pensarmos no processo constante de formação dos territórios devemos levar em conta os processos econômicos, culturais, políticos que se dão de maneira diferenciada em cada lugar.

[...] fomentar o comprometimento público com as iniciativas a serem executadas através não apenas do resgate e fortalecimento de identidades territoriais homogêneas, “tradicionais”, mas que dêem conta, efetivamente, também, do amálgama ou combinação específica entre múltiplas identidades culturais “locais””(HAESBAERT, 2006, p.120-121).

As comunidades faxinalenses, mesmo num contexto homogêneo que levou a sua formação, com características relativamente parecidas, cada uma é resultado de processos econômicos, sociais, ambientais e culturais que atribuem especificidades a seu território em cada comunidade.

1.2- CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA FAXINAL

Nesse sentido, é importante destacar que os faxinalenses são povos que, em geral, se apropriam e se identificam com o ambiente físico em que vivem para garantir o seu sustento e a manutenção de sua cultura, se apropriando do mesmo e imprimindo nesse espaço características peculiares, que começam pela sua forma diferenciada de criação de animais, que ao longo dos anos foi incorporando características da sociedade moderna.

A ênfase é dada na percepção das trajetórias e racionalidades dos faxinalenses de hoje, com o intuito de mostrar como estes tentam, com as formas que lhes são possíveis, incorporar os ditames da sociedade moderna, na agricultura, na criação de animais, no espaço doméstico, sem se desfazer das racionalidades tradicionais e, sobretudo, onde e em que momento, no cotidiano dos faxinalenses se nota a integração da tradição e modernidade (HAURESKO, 2009, p. 48).

Consideramos o conceito de território ideal para entender a realidade presente na maioria das comunidades de faxinais. “E a opção pela palavra “território” abrange além do regime de propriedade, os vínculos afetivos com o lugar, a história da ocupação na memória coletiva, o uso social dos espaços e as formas de defesa e resistência dos grupos.” (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p.2). Mas a que se referem essas comunidades:

Trata-se de comunidades caboclas que praticam, sobretudo ao longo dos vales dos rios, um sistema de uso integrado da terra que abrange a atividade silvo pastoril comunitária, a extração de madeira e erva-mate e também a agricultura de subsistência. Esta forma de organização composta por terras de criar e de plantar, separadas por valos/cercas, é conhecida no sul do Brasil como faxinal ou sistema faxinal. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul os faxinais já há muito tempo pertencem ao passado. No Paraná, segundo Marques (2004), existe ainda hoje cerca de 50 remanescentes (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p.1).

É importante destacar que ao utilizamos o conceito de comunidade, estamos nos referindo a um conjunto de características que são comuns entre si nesse agrupamento de pessoas. “[...] agrupamentos humanos instituindo territórios sociais ou que podem ser classificados como povos tradicionais, ou ainda, podem ser considerados sob a categoria de comunidades performáticas e assim por diante” (CAMPIGOTO, 2010 p. 2).

É verdade que as comunidades são lugares, vinculados a culturas próprias, com tradições, costumes, espaços geográficos delimitados onde os faxinalenses têm contatos (simples e autênticos) pessoais e diários e, parte de suas tarefas estão atreladas às rotinas, práticas e atitudes marcadas pelo tempo, o que confere a seus moradores *status* de comunidades tradicionais. Porém, ao contrário do que se pensa, as culturas locais dividem espaço com alguns elementos da cultura global, ocorrendo um entrelaçamento entre saberes tradicionais e modernos (HAURESKO, 2009, p. 30).

O sentimento de comunidade é resultante da correlação de vários elementos e tipos de atitudes que estão sutilmente mesclados, ou seja, sinais que resultam da vida comum que os distingue dos demais (NERONE, 2000, p.154).

É interessante ressaltar que apesar das comunidades faxinalenses mesmo incorporando elementos da sociedade moderna se mantêm organizada como comunidade. [...] a modernidade expressa à ruptura com a ideia de comunidade (una e corporificada no dirigente) e passagem à ideia de sociedade, onde nada mais é harmônico, os interesses são conflitantes, as classes são antagônicas e os grupos diversificados (HAURESKO, 2009, p. 50).

Além dessa enorme desigualdade entre os atores envolvidos, devemos salientar também os diferentes setores da sociedade e da própria economia. Enquanto o capital pode usufruir uma “compressão global”, circulando em “tempo real” ao redor do mundo, mercadorias de consumo cotidiano ainda necessitam um tempo razoável para serem transportadas de uma região ou de um país para outro. Alguns objetos se movem muito mais rapidamente do que outros, afetando a vida de todos que dependem dessa “mobilidade” (HAESBAERT, 2006, p.119).

Essas características comuns são notáveis através de seu cotidiano nas mais diversas atividades como as rodas de prosa e cantoria, na religiosidade, na forma de plantar, de se portar e de se vestir, enfim em fatores que vão resultar num território de identidade. Todas essas atividades, aos poucos vão se diversificando à medida que incorporam elementos da sociedade moderna. Mas são realizadas com características próprias.

Muitas dessas características como nos lembram Löwen Sahr e Cunha (2005), foram sendo construídas pelas práticas sociais e culturais de imigrantes europeus e caboclos, mas esses últimos nem sempre são lembrados.

Essa participação dos caboclos na ambientação dos colonos, não é mencionada nos registros históricos do Paraná. No entanto, o que se nota na literatura sobre a região é a menção ininterrupta do discurso sobre a existência de vazios demográficos e a necessidade de povoamento da região de matas. Praticamente em todos os registros documentais do período, são citados os relatórios dos presidentes da Província, apontando a urgência em promover a ocupação dos “vazios” demográficos e, sobretudo, promover a imigração de colonos que fossem trabalhadores, despertando nos povos que aqui viviam a vontade de trabalhar na agricultura (HAURESKO, 2009, p. 61).

“Tais povos teriam implantado os sistemas de cultivo e criação nas terras paranaenses. Os Jesuítas trouxeram, além da religião, novas técnicas agrícolas (ex. arado), a criação de animais (equinos, bovinos, ovinos e suínos) e intensificavam também, ao mesmo tempo, a produção de mate dos índios (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 92-93)”.

Desde forma, às origens do Sistema Faxinal no estado do Paraná estão atreladas além dos caboclos, também aos colonizadores europeus:

A contextualização do Faxinal no Paraná revelou sua natureza de origem europeia, pois, ao que tudo indica, é na Península Ibérica que se encontram as raízes históricas do costume de pastoreio coletivo em terrenos particulares como é no caso dos faxinais. Esse modelo, portanto, se constitui num arcabouço mental, transportado via colonizador e adaptado às circunstâncias locais das regiões paranaenses, acoplado à cultura do mate (NERONE, 2000, p.222).

Percebemos então dois pontos de vista sobre a origem dos faxinais no Paraná: a ligação com as reduções Jesuíticas e com os caboclos que teriam repassado algumas características do sistema os colonos europeus.

Assim, forma-se no século XVIII no Sul do Brasil uma população autóctone, os *Caboclos*, que desenvolve na floresta, quase sem referência na Historiografia, um outro tipo de sistema agropecuário, os *Faxinais*, paralelamente ao desenvolvimento das grandes propriedades dos *Campos*. A dualidade da paisagem natural transforma-se, desta forma, numa dualidade também na gênese de povoamento (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 93).

Muitas dessas características também teriam sido aprendidas com os colonos que reproduziram aqui o que conheciam de seus países de origem: “Os colonos, que eram

camponeses europeus, deveriam aqui desenvolver a mesma atividade que desenvolviam em seus países de origem e com as mesmas técnicas” (HAURESKO, 2009, p. 62).

O questionamento de como se originou e de como tem ocorrido essa forma de relação no decorrer do tempo, remete-nos a espaços geográficos de um passado remoto, passando pelo conceito de propriedade e a balizas temporais em que a organização do faxinal se alicerçava em elementos articulados entre si, capazes de gerir e sustentar um sistema, com contornos paisagísticos definidos (NERONE, 2000, p. 216)

Mas esses colonos tiveram dificuldades de povoar as novas terras:

À propósito, nem todos os imigrantes que vieram ao Paraná e aqui foram estabelecidos inicialmente, permaneceram na colônia. Ao contrário, muitos buscaram outras atividades, pois não tinham o perfil para a agricultura e, além disso, não conseguiram se fixar em áreas de matas fechadas e viver em áreas completamente isoladas, devido à falta de estradas que possibilitassem o contato com outros grupos e escoamento daquilo que produziam (HAURESKO, 2009, p. 69).

Desta forma, na atualidade, os faxinalenses são conhecidos em termos gerais, por suas características específicas como uso coletivo da terra para habitação e criação de animais, e terras voltadas para a produção de diferentes produtos agrícolas.

Até os dias atuais, o morador do faxinal organiza o seu espaço constituindo uma territorialidade específica, afinal foi mantida a divisão entre as terras de criar e as terras de plantar, fato que não é comum nas demais comunidades presentes no meio rural.

Assim, esse modo de relacionar terras de criar e terras de plantar constitui indícios de uma mentalidade que permeia o cotidiano do habitante dos faxinais, em que existe uma floresta que abriga um criadouro comum, e o direito do usuário de recolher a lenha que está caída no chão, não podendo cortá-la, nem mesmo extrair a madeira e tampouco a erva-mate que pertence a propriedade particular (NERONE, 2000, p.93).

É de suma importância destacar que nas comunidades que mantêm o sistema faxinal há um modo específico de seus habitantes organizarem e distribuírem o espaço de sua moradia, que não é junto com a plantação, como ocorrem com os demais moradores do meio rural, mas sim, junto dos animais e da floresta. Esse é o espaço delimitado pela cerca denominado de “criadouro comum”, cada morada possui uma cerca ao seu redor que delimita os espaços como pátio, jardim, etc.

[...] o criadouro comum se apóia em dois elementos básicos: separar as áreas de pastagem das de cultivo e a busca de solução para economizar recursos materiais e humanos para a construção das cercas, destacando que este foi o elemento econômico que induziu o uso comunal da terra (SILVA, 2005, p.35).

Delimitado pela cerca comunitária, no interior do qual se conserva uma significativa agrobiodiversidade, é no criadouro comunitário que ocorre o manejo da erva-mate nativa, a criação comum de animais, espécies florestais forrageiras, frutíferas nativas, ervas medicinais.

Nerone (2000) analisa que os criadouros comuns estão concentrados nos vales e assentam-se sobre os solos profundos situados em relevos mais suaves. Constituem áreas florestadas, grandes ou pequenas, cercadas em todo o seu perímetro e encravadas entre áreas de lavoura. É neste espaço que se encontra a moradia, normalmente cercadas em pequenas áreas de terra denominadas de quintais, lugar de produção de hortaliças e pequenas culturas de subsistência.

É importante destacar que no criadouro é muito comum a mistura de animais da mesma qualidade, por isso, é comum os produtores de alguns faxinais marcam com um corte a orelha dos animais para não misturá-los com os de seus vizinhos, muitas vezes não há nem necessidade de se fazer essa marca, pois os animais voltam sozinhos à tarde para seus donos.

Como podemos notar na Figura 1 há às cercas existentes no Faxinal. As cercas podem ter diversas funções:

Cerca de lei: para deter animais de diversos portes; Cerca de vão cheio: com sete palmos de altura e traves amarradas com arame; Cerca de meio vão: com dois fios de arame por cima; Cerca de paus verticais: com oito fios de arame. Existem ainda os valos, com profundidade e largura variáveis, que são os lugares onde estão os mata-burros, espécie de ponte formada por vigas de madeira dispostas de forma transversal e espaçadas destinados a vedar o trânsito de animais (LUPEPSA E SCHÖRNER, 2010, p.29)

No faxinal as áreas de plantar não ficam junto ao criadouro mas no entorno do Faxinal como ilustra a Figura 1.

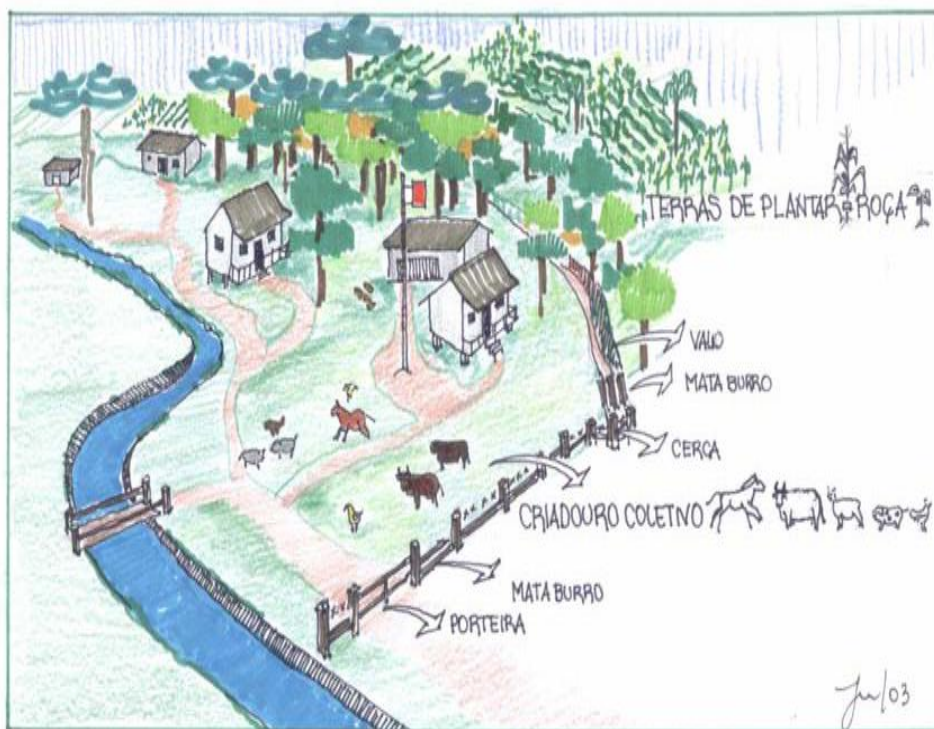


FIGURA1: Esquema explicativo do Sistema Faxinal

Fonte: Elaborado por Jussara Maria Silva (LÖWEN SAHR e IEGELSKI, 2003)

É importante destacar que, em geral, nos faxinais, a cerca ou os acidentes geográficos como as várzeas, rios ou vales profundos tem a função de separar toda extensão do criadouro das áreas de lavoura. Sendo assim, elas não passam obrigatoriamente pelas linhas de divisa das propriedades. O seu traçado passa por onde a maioria dos moradores acharem conveniente, atendendo o mais racional possível, pois, nem todas as propriedades fazem divisa com o criadouro.

Sendo assim, a principal característica que distingue o Sistema Faxinal das demais formas camponesas de produção existentes no Brasil é o seu caráter coletivo no uso da terra.

[...] terras tradicionalmente ocupadas que designam situações em que a produção familiar de acordo com suas possibilidades variavelmente combina apropriação privada e comum dos recursos naturais, sendo o controle e uso dos recursos considerados comuns à existência física e social - especialmente pastagens naturais, cursos d'água, subprodutos florestais - exercido de maneira livre e aberta de acordo com normas específicas consensualmente definidas pelo grupo social, circunstancialmente denominado por expressões locais, a saber: “criador comum aberto”, “criador comum cercado”, “criador criação alta” e “mangueirão”(SOUZA, 2009, p.6).

Como Souza (2009) destacou, a perda do uso coletivo da terra faz com que os remanescentes de faxinais ainda existentes no estado do Paraná sejam classificados em diversos estágios ou posições, pois não é em todos que o sistema comunitário persiste. Até o uso comum já não acontece mais, nessas comunidades os locais que são usados para a engorda dos animais, geralmente suínos, são as mangueiras ou mangueirões. Em relação a essas áreas Souza (2009, p.48), argumenta:

Nestes casos, o “mangueirão” é o espaço das “criações baixas” e o “potreiro”, das “criações altas”, que em muitas situações circulam “livremente” na área da propriedade, tornando-a toda ela um “potreiro”, com exceção das áreas utilizadas para quintal e cultivos agrícolas. Em alguns casos observamos a permanência de “mata-burros”, cercas para vedar “criações baixas” e portões, como se estivessem sinalizando a recente ausência de posições onde prevalecia o uso comum dos recursos essenciais.

Quanto aos animais que são criados nessas áreas, delimitados pelos mata-burros³, animais como porcos crioulos, vacas com chifres longos, burros, galinhas e outros animais circulam livremente. Esses animais são criados em meio à mata, daí teria surgido o nome “Faxinal”.

A estruturação inicial dos lugares faxinalenses teve relação direta com as atividades realizadas na região das matas. Por isso são realçados os marcos desse processo que tem íntima ligação com a distribuição dos recursos naturais e com seus momentos de valorização. Portanto, a organização das comunidades faxinalenses no Paraná, sem dúvida, foi movida pelo processo de domínio e apropriação dos recursos naturais, em particular da erva-mate, madeira e da pastagem natural (HAURESKO, 2009, p. 56).

Como percebemos, os faxinais se identificam com a denominação de comunidades tradicionais, podendo ser caracterizados como:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradoras e transmitidas pela tradição.⁴

³ Espécies de pontes que impedem os animais de circular nas propriedades vizinhas (Ver Figuras 13 e 14).

⁴ Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>.

Desta forma, entendemos que no Faxinal apesar de todos os proprietários terem a posse de sua terra, sendo esta privada, não se incomodam em dividi-la para criação de animais, com seus vizinhos. Em geral a área do criadouro comum se localiza em meio à mata. Para Diegues,

[...] a diversidade cultural, considerada condição para a manutenção da diversidade biológica, somente persistirá se as comunidades tradicionais continuarem a ter acesso aos recursos naturais de seu território e não forem expulsas, seja pela especulação imobiliária, seja pela implementação de áreas protegidas que impliquem sua expulsão (DIEGUES, 2000, p. 42).

O sistema faxinal é uma forma particular de organização econômica, onde há um aproveitamento integrado desta mata e das áreas circunvizinhas. Sendo assim, o Sistema Faxinal envolve a Mata e o aproveitamento desta para uso comum da qual também se pratica o extrativismo de madeira e erva-mate.

Procuramos entendê-lo como um todo o qual não é visto apenas através da vegetação, mas através de um conjunto que inclui o criadouro comum, as práticas coletivas de uso comum do espaço, o espírito de solidariedade e compadrio no interior das áreas onde o sistema permanece, enfim todos os elementos que compõe sua territorialidade.

Com relação à agricultura esta é, em geral, de subsistência. Sendo o excedente comercializado no mercado local/regional. Em muitas comunidades os cultivos ainda seguem as práticas tradicionais, usando esterco de animais como adubo, sementes que são guardadas da colheita para o próximo plantio, no ano seguinte. Nesse caso, é restrito o uso de venenos para o controle de pragas.

É comum encontrarmos na região a estrutura de Faxinal nas comunidades mantendo as áreas de plantar afastadas do criadouro comunitário.

Vale ressaltar que as terras utilizadas para o plantio pelos moradores dos faxinais, geralmente localizam-se em relevo íngreme e ficam relativamente afastadas dos faxinais, cuja vegetação é denominada “capoeira”. Estas terras são ricas em matérias orgânicas, sendo propícias à agricultura. (NOVAK; FAJARDO, 2008, p. 2).

Löwen Sahr (2009, p.144), nos ajuda a entender melhor como é feita a prática agrícola no interior das comunidades de faxinais:

Fora do espaço de criar, separadas por cercas e/ou valos mantidos pelas comunidades encontram-se as terras de plantar. Nestes terrenos, de propriedade de uso familiar, as práticas agrícolas ocorrem em forma de roças com queimadas e rotação da terra. Nelas tradicionalmente o cultivo se volta

à subsistência, com produtos como: milho, feijão e a batata. [...] entre os instrumentos agrícolas predominam, todavia, os mais rudimentares e que se utilizam de tração animal.

Uma das práticas que demonstram que a agricultura nos faxinais é praticada de forma tradicional, é a técnica de plantio conhecida como “pousio”, a qual consiste no rodízio das terras agricultáveis. Por exemplo, a parte do terreno que é plantada num ano só será utilizada novamente após 4 ou 5 anos. Essa técnica tem como objetivo recuperar a fertilidade do solo, além de auxiliar no controle da erosão.

As áreas de culturas eram utilizadas, após a derrubada e queima do mato, nas chamadas “roças de toco” e que depois de aproximadamente 5 anos de uso eram deixadas em “pousio” para recuperar a fertilidade, enquanto novos talhões eram agregados ao processo produtivo. Após 2 ou 3 anos estas áreas que estavam em pousio eram roçadas, queimadas e novamente plantadas, e assim sucessivamente (SILVA, 2005, p.38).

Vale destacar que também são cultivadas no interior dos Faxinais espécies endêmicas de uso medicinal pela população como: Quina, Sassafrás, Cipó, Canela de Veado, Maria Mole, Pau Andrade, Poejo, Espinheira Santa entre outras utilizadas em chás caseiros pelos moradores. “Toda dona de casa faxinalense tinha no seu quintal um cantinho reservado para as plantas medicinais (remédios caseiros) e era comum as visitas trocarem mudas e flores, hábito esse que ainda é conservado” (NERONE, 2000, p.124).

Esse fato demonstra que para a população que reside no interior das comunidades de faxinais é considerada de extrema importância a preservação da flora, pois por estas estarem localizadas relativamente afastadas da área urbana nem sempre é fácil se deslocar para ir ao médico. As plantas do quintal são então utilizadas pelos faxinalenses em chás caseiros para tratamento de diversas enfermidades.

São aqui apresentados como uma opção viável de produção agrícola sustentável, unindo aspectos econômicos, sociais, ambientais e culturais. O sistema faxinal, considerado no contexto deste trabalho, como um sistema silvo pastoril, constituído por um arranjo entre os componentes, produção animal à solta e produção florestal. Outra importante característica dos sistemas faxinais que deve ser preservada e incentivada, é a sua peculiar forma de utilização coletiva da terra para a produção animal a solta, sem a qual corre o risco de tornar-se somente mais um sistema de produção voltado apenas ao produto, sem levar em consideração aspectos sociais, culturais e ambientais, próprios desse sistema (SILVA, 2005 p.73).

A presença dos pinheirais⁵ nas áreas de Faxinais demonstra uma forma de conservação da biodiversidade paranaense, pois não é o caso específico da preservação do pinheiro (*Araucária Angustifolia*), mas também de outras espécies a erva-mate (*Ilex Paraguariensis*), a Imbuia (*Ocotea porosa*), o Cedro (*Cedrela Assilis*), sem citarmos as espécies frutíferas da região.

O argumento de Nerone (2000, p.89) nos ajuda a entender melhor o que é de uso coletivo e o que é de uso particular no interior do sistema faxinal.

A propriedade do terreno é particular, parte está contida no criadouro comum (terras de criar), com cobertura florestal, e parte está fora, constituindo as terras destinadas à agricultura. As terras de lavoura (de propriedade particular) são separadas das terras de criar pela cerca coletiva. Nelas plantam-se roças de milho, feijão arroz, trigo e batata.

Alguns moradores se tornam também usuários e podem criar animais usufruindo dos mesmos direitos dos proprietários dos pastos, desde que sigam as normas vigentes no interior do sistema, sendo uma delas, auxiliar na manutenção das cercas. Inclusive muitos agricultores sem terra após serem assentados reproduzem no assentamento o sistema característico de faxinal.

Desta forma, “A posição deste grupo (dos trabalhadores sem terra) era o de comprar o direito de criar animais com venda da força de trabalho (BARRETO e LÖWEN SAHR, 2007, p.78)”. Porém muitas dessas práticas são prejudicadas por fatores ligados a não colaboração de alguns moradores como ressalta Nerone (2000, p.92):

[...] há toda uma problemática que envolve a conservação e o fechamento dos portões, ato que assume caráter de elevada importância, visto que protege as lavouras do ataque dos animais e também porque nas estradas principais e internas do criadouro comum circulam a pé, a cavalo e outros meios de transporte, além do ônibus que transportam escolares, passando pelos portões que devem permanecer fechados.

Desta forma, notamos que os moradores das comunidades de faxinais mantêm muitas características específicas do sistema de Faxinal, fato que os identifica com a categoria de povos tradicionais.

⁵ É importante destacarmos que os pinheirais, em virtude do crescente desmatamento da cobertura vegetal no estado do Paraná, já não estão presentes em todos os faxinais como no início da implementação do sistema, mas o sistema faxinal é considerado uma forma de conservação da biodiversidade paranaense.

As tradições, portanto, não deixaram de existir, tampouco, as pessoas deixaram de acreditar nas coisas em que nossos antepassados acreditavam. Entendemos que hoje toda e qualquer comunidade tradicional transita entre a tradição e a modernidade. Elas alteram suas tradições, as modificam, na tentativa de se manter ou sobreviver no tempo presente, sem perder a sua essência. Talvez pudéssemos dizer que não há, a rigor, modernidade que não seja alimentada e oxigenada pela tradição. Muito do que é “velho” subsiste no “novo” (HAURESKO, 2009, p. 53).

Nesse contexto podemos entender as mudanças nas comunidades de faxinais são produzidas a partir do contexto histórico atual, pois este é diferenciado do contexto em que foi instaurado o Sistema Faxinal no estado do Paraná.

Desta forma, os hábitos dos moradores foram se alterando. Como comenta Nerone (2000) as pessoas não têm mais o hábito de tomar banho nos “chuveiros de latão” ou em bacias grandes, muitas vezes até feitas de madeira por isso chamadas “gamelas”. Essa mudança é fruto da intensificação da presença de luz elétrica no meio rural, com a presença do chuveiro elétrico nas residências.

A própria morada do faxinalense se organiza de maneira diferenciada:

Assim, a morada do meio rural faxinalense, há locais bem definidos, da mesma forma que são demarcados as áreas de dentro e fora do faxinal, em espaços das criações e das lavouras. Os espaços femininos, masculinos, infantis, demarcados dentro da igreja, indicam o lugar de adultos e de crianças, a partir do que se evidenciam as categorias de proibido e permitido. A dimensão do espaço social está relacionada com o espaço geográfico, com domínios culturais [...] lugares de uns de outros num mesmo universo, o faxinal (NERONE, 2000, p.113).

Isso já não ocorre mais, hoje todos podem frequentar todos os espaços das residências. Mas com muito respeito, principalmente durante as orações.

Nerone (2000) descreve muitas práticas religiosas, ainda muito comuns entre os faxinalenses, como a Recomenda:

Com um instrumento improvisado, o grupo cantou com as janelas e portas fechadas, a primeira parte da recomendação são orações e cantos que mais parecem um lamento. Durante a quaresma, o capelão e sua equipe rezam nas quartas e sextas-feiras a recomendação das almas. O grupo terno vai a procissão a noite pela comunidade, cantando e rezando orações específicas, parando somente nas casas que possuem cruz no pátio ou na mangueira. Por esta razão a maioria das casas do meio rural tem cruzeiros no portão de entrada, para que a recomendação pare. A recomendação se encerra sempre de madrugada em frente ao cruzeiro da igreja ou dentro do cemitério (NERONE, 2000, p.170).

Segundo Nerone (2000, p.115) muitas vezes se estabelecia os direitos e os deveres recíprocos entre os compadres, comadres, padrinhos e afilhados, no grupo, permanecendo o respeito e a consideração.

Os viajantes ousaram olhar por dentro da sociedade paranaense do século XIX, percebendo assim a importância do compadrio, como também a essencialidade desses laços, em lugares distante desses laços, em lugares distantes, os homens tinham que se fortalecer entre si, portanto a instituição do compadrio ocupou um dos espaços mais relevantes na textura social brasileira, sustentou uma ordenação econômica, social e política que permeou não só o meio rural e, nesse contexto os faxinais, como também o meio urbano paranaense (NERONE, 2000, p.119).

Como percebemos já ocorreram mudanças nesse sentido, se compararmos a citação de Nerone (2000, p. 122): “Além dessas lideranças, eram autoridades na comunidade rural, em graus diversos, os líderes religiosos: o padre, que anteriormente visitava a comunidade de três em três meses, o capelão, o benzedor e o dirigente do terço dominical”.

Desta forma, outra característica marcante nos faxinais são as festas: “a festa, para todos os povos e em todos os tempos, faz parte da cultura, carrega reflexão e significado, revela o que está encoberto, evidenciando as mudanças, as categorias sociais e as resistências” (NERONE, 2000, p.154). Segundo a autora a festa evidencia ainda a origem europeia dos faxinais, o catolicismo rural brasileiro que se manteve ligado às raízes portuguesas, além disso, a festa representa um marco entre o passado e o presente. (NERONE, 2000, p.156).

São profundamente marcantes as mudanças culturais promovidas pela inserção da modernidade no campo, pois antes a festa camponesa era marcada pela ênfase no encontro comunitário e hoje o que se pretende é lucro, que determina a validade ou não da festa. Os faxinalenses nos dias atuais queixam-se de que não se sentem bem ao ir à festa, e, porque não podem levar uma prenda cara para o leilão, sentem-se humilhado em levar qualquer objeto e em não ter dinheiro para arrematar as outras prendas, deixando transparecer publicamente sua condição social (NERONE, 2000, p.164).

Mas é inegável que nessa experiência chamada festa podem ser constatadas as várias dimensões da vida em sociedade, inclusive possibilitando comparações entre o presente e o passado (NERONE, 2000, p.165).

Essas mudanças começaram a partir de 1980, quando o poder que antes era exercido individualmente passa agora para o grupo através do surgimento das associações de agricultores e sindicatos rurais. Ainda acrescenta que essas mudanças contribuiriam para o

enfraquecimento do sistema como um todo. “Assim, as práticas de ajuda mútua e os laços de reciprocidade foram profundamente afetados com a introdução de valores da modernidade” (NERONE, 2000, p.129).

Tais práticas, comuns entre os faxinalenses e também no interior brasileiro, caracterizavam um sentido comunitário em que o interesse coletivo predominava sobre o interesse particular e as normas do grupo determinavam o comportamento individual e social (NERONE, 2000, p.127).

Nerone (2000, p.181) destaca os fatores responsáveis pela degradação das relações que até a década de 1980 eram mais comuns nos faxinais: a formação das associações de agricultores, a tentativa de ocupar uma posição de igualdade no plano do poder político, concorrendo a vereador, por exemplo, pois as lideranças da comunidade voltam-se para outros interesses, externos aos da comunidade.

Acreditamos que as comunidades vão se transformando e enriquecendo, pois todos contribuem na tomada de decisões que antes eram centradas na mão de uma pessoa, que em muitos casos direcionavam as decisões para seus interesses próprios, muitas vezes ligados à política.

As atividades desenvolvidas, pelos faxinalenses compreendem as heranças deixadas pelas populações indígenas, caboclas e dos colonos europeus, configurando um sistema agropecuário que integra a agricultura, a criação aos diversos ambientes e recursos da mata. A complexidade de sua origem histórico cultural torna os um grupo diferente e por isso reconhecido recentemente em âmbito nacional como comunidades tradicionais (HAURESKO, 2009, p. 204)

Destacamos aqui, a inclusão dos faxinalenses na legislação Lei N. 15.673 de 13 de Dezembro de 2007, que dispõe sobre o reconhecimento dos faxinais e sua territorialidade pelo Estado do Paraná.

As “exigências” colocadas aos grupos pela legislação ambiental, em especial a partir da transformação pelo Decreto Estadual N.º 3.446/97, das comunidades faxinalenses remanescentes, em Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR), alteraram alguns hábitos rotineiros. Isso pode ser observado via novos objetos materiais comprados para a construção das casas, ou parte delas, provenientes não mais das matas, mas da indústria (compensados, vidros, plásticos dentre outros produtos industriais). A não utilização da madeira da floresta está expressa nas mobílias que encontramos na maioria das casas, a maior parte feita com produtos advindos da indústria que são pouco duráveis, mas “bonitos” segundo as falas das senhoras faxinalenses. A mobília das casas denuncia o uso do “material” industrializado e o relativo “abandono” da utilização, para estes fins, da madeira extraída da floresta nativa (HAURESKO, 2009, p.23).

Percebemos então, que estamos em um momento que se tem demonstrado uma tentativa de valorização dos povos e comunidades tradicionais, principalmente através de estudos acadêmicos que tentam mostrar ao Estado o valor desses povos.

As comunidades faxinalenses desde seu surgimento apresentavam determinadas características, consideradas hoje como tradicionais, que foram sendo repassadas de geração em geração. Mas que não deixaram de existir. No entanto, vão adquirindo outras funções com a chegada de novos aparatos na comunidade, muitas vezes até se fortalecem. Por isso os faxinais são classificados hoje como comunidades que tem uma territorialidade específica manifestadas na sua maneira de se portar, se vestir, de rezar, se relacionar, de criar animais, de plantar, enfim características que permanecem e são modificadas a todo instante.

CAPÍTULO II:

2. AS COMUNIDADES DE FAXINAIS DE INÁCIO MARTINS-PR

Nesse capítulo mostraremos, a partir dos principais levantamentos, o número de comunidades de faxinais ainda existentes no Paraná e em Inácio Martins, apontando as semelhanças e diferenças entre os faxinais de Inácio Martins. Para situar o município julgou-se necessário compreender a região de abrangência e seu processo histórico, assim foram levantadas as características gerais da região e do município para tal utilizamos também autores locais como Tabora (1994), Lima (2008), Soares (2008).

Mostraremos ainda algumas características que compõe a economia de Inácio Martins, demonstrando em quais comunidades o sistema faxinal essas características ainda persistem.

É importante destacar que a economia deste município, desde sua fundação em 1960 teve sua economia pautada em atividades de cunho extrativista (madeira e erva-mate). Acreditamos que em virtude até mesmo de suas características físicas (relevo dissecado, altitude, clima frio), as comunidades de faxinais presentes no município, deram maior valor as terras de criar que as terras de plantar.

Sendo assim, não há lavouras nas divisas dos criadouros comunitários no município. O criadouro comunitário persiste apenas em duas comunidades: Mansani e São Miguel, mas com dificuldades, como mostraremos nos relatos dos moradores dessas comunidades.

Esse segundo capítulo foi construído a partir além da análise dos levantamentos dos faxinais no Paraná em Inácio Martins através de relatos dos moradores das comunidades de faxinal existentes no município.

2.1- A LOCALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE INÁCIO MARTINS-PR

Não podemos deixar de mencionar o processo histórico de fundação do município de Inácio Martins e os fatores que contribuíram para a sua estruturação econômica ao tratar das comunidades de faxinais existentes no município, bem como sua posição diante de sua mesorregião de abrangência, ou seja, o Centro-Sul paranaense. Vale salientar que o município compõe a região conhecida como “Paraná Tradicional” ou “Paraná Antigo”, visto que foi uma das primeiras áreas ocupadas no Estado, conforme a historiografia convencional paranaense.

Fazem parte dessa microrregião 13 municípios: Fernandes Pinheiro, Guamiranga, Imbituva, Inácio Martins, Ipiranga, Irati, Ivaí, Mallet, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, São

João do Triunfo e Teixeira Soares. Esse conjunto de municípios reúne 244.698 pessoas, representando 2,4% da população estadual (IPARDES, 2007), na Figura 2 podemos observar a localização dos municípios que compõe o Centro-Sul do Estado do Paraná, com destaque para Inácio Martins.



FIGURA 2: Localização de Inácio Martins no Centro-Sul do Paraná
Fonte: IPARDES (2007)

O município de Inácio Martins possui uma área de 937 Km² representando 0.4701% do Estado, 0.1663% da Região e 0.011% de todo o território brasileiro,⁶ Podemos considerar a emancipação política do município bem recente. Segundo Rebello (2001, p.6), a instalação do município só aconteceu um ano após a criação do mesmo, em 25 de julho de 1960. Sua densidade demográfica é de 11,78 habitantes por quilômetro quadrado e o IDH (Índice de desenvolvimento humano) é de 0,690 ocupando a posição 360° frente ao estado do Paraná. O PIB *per capita* (Produto Interno Bruto por pessoa) de R\$ 6.076 e Índice de Gini de 0,640.

Nesse contexto o município de Inácio Martins conta com 10.942 habitantes, segundo dados preliminares do IBGE (2010). No momento há um equilíbrio entre sua

⁶ Dados disponíveis em: <<http://www.inaciomartins.pr.gov.br/portal1/intro.asp?IdMun=100141149>> Acesso 08/10/10.

população urbana e rural, como demonstra o Quadro 1, mas em outras décadas sua população rural sempre foi mais expressiva.

População Urbana e Rural de Inácio Martins			
Ano	Rural	Urbana	Total
1950	7798	1322	9120
1960	7102	1096	8198
1970	6681	981	7662
1980	8011	2066	10180
1991	11211	2513	13.757
2000	6.889	4.074	10.963
2005	6034	3167	9.201
2010	5532	5410	10.942

Quadro 1: População urbana e rural de Inácio Martins de 1950-2010

Fonte: Para os anos de 1950 a 1980 (TABORDA, 1988, p.47)

Censo Demográfico, disponível em: < www.ibge.gov.br > acesso em: 23/08/11.

É importante destacar que o município passou a perder população nas décadas de 1980, 1990. Acreditamos que essa perda ocorreu principalmente no campo, também em áreas de faxinais, em decorrência de pequenos proprietários que venderam suas propriedades. [...] decréscimos populacionais, destacando-se, nesse caso, o município de Inácio Martins, com elevado ritmo de perda anual de população (IPARDES, 2007, p.25).

Os moradores que saem do município se instalam em outros municípios da região, muitos deles retornam após concluir seus estudos ou terem melhor situação econômica [...] Ainda que substantivas parcelas dos moradores que saíram da área rural tenham se fixado em centros urbanos próximos de suas áreas de origem, predominaram os deslocamentos de maior distância, resultando em saldos migratórios negativos para fora da região (IPARDES, 2007, p.26). Inácio Martins é considerado o município mais alto do Estado do Paraná, com 1.198m de altitude, como ilustra a Figura 3.

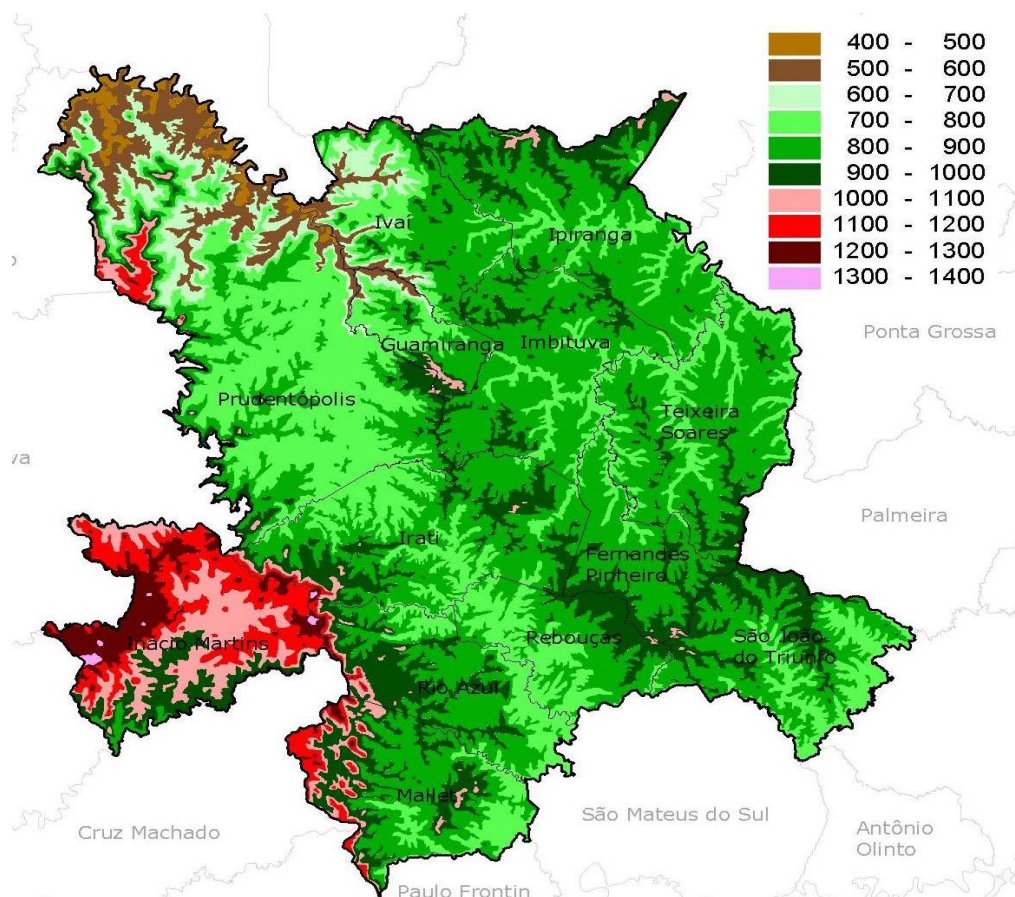


FIGURA 3: A altitude dos municípios situados no Centro- Sul paranaense
 FONTE: IPARDES (2007)

No município de Inácio Martins a altitude é um fator que se destaca. Tem muitas áreas representadas na cor vermelho, o que indica áreas com elevadas altitudes, com relevo bastante íngreme, composto de serras e planaltos.

Ainda, em conformidade com a mesma visão historiográfica, inicialmente, a ocupação da região se deve à atividade aurífera e, posteriormente, ao tropeirismo e ao extrativismo de erva-mate (CAMPIGOTO, 2010, p.77).

A região teve sua história de organização do espaço sempre vinculada a atividades econômicas tradicionais, de cunhos extensivo e extrativo, e parte importante do seu povoamento inicial decorreu de incursões militares, de tráfego de tropeiros e de estratégias governamentais de dinamização da navegação no vale médio do Iguaçu, direcionando para a região a instalação de colônias de imigrantes estrangeiros (principalmente poloneses, ucranianos, alemães e russos). Estas, assentadas em pequenas propriedades, dedicaram-se desde logo à extração da erva-mate e à agricultura alimentar, enfrentando dificuldades impostas pela presença de áreas montanhosas e de solos de baixa fertilidade (IPARDES, 2007, p.23).

Como podemos destacar, a região a qual pertence o município de Inácio Martins esteve desde sua colonização pautada em atividades tradicionais principalmente atreladas ao

extrativismo, essas atividades mantêm-se até hoje no município, com destaque para a extração de madeira e erva-mate e agricultura de subsistência, atividades comuns nas comunidades de faxinais e seu entorno. Essas atividades estão atreladas ao solo de baixa fertilidade, ao relevo bastante íngreme e ao clima da região, que dificulta as práticas agrícolas mecanizadas, que podemos considerar como fatores que auxiliaram manutenção da cultura faxinalense, pois apesar de todas as transformações políticas e econômicas, esses traços se mantêm.

2.2- OS TROPEIROS

Não encontramos registros referentes à exploração de erva-mate ou de madeiras na documentação antes do século XIX, acreditamos que esta acontecia mais em menor escala, pois as atividades mais importantes para a economia do município até o final do século XIX eram a agricultura de subsistência e, principalmente a criação de animais [...] “*os posseiros criavam vantajosamente perto de 2500 animais cavalares, muares e vacuns* (SOARES, 2008, p.6)”.

Essa atividade foi primordial para a formação de novos povoados, constituídos pelos próprios tropeiros, nesse período o sistema faxinal já se manifestava no município.

Silva (2007, p.42) comenta a importância dos vaqueiros no povoamento da região:

Dentre os povos que alcançaram esses campos muitos, além de tropeiros, eram antigos vaqueiros que acumularam gado nas estâncias dos Campos Gerais, descendentes dos imigrantes. A aquisição do gado se fazia por um sistema denominado “quarta”, ou seja, o quarto bezerro nascido na propriedade de responsabilidade do peão era seu. Com isso, formava, aos poucos, sua própria tropa.

Os tropeiros que se instalaram ou passaram, segundo relatos de moradores por Inácio Martins na antiga comunidade de Leão Júnior (atual comunidade de Madeirit). Os tropeiros contribuíram muito para a cultura local, deixando diversos hábitos alimentares, como o arroz carreteiro, o feijão tropeiro e o charque, ainda muito praticados em áreas de faxinais.

2.3- A IMPORTÂNCIA DA LINHA FÉRREA

Taborda (1994, p.21) comenta a importância que teve a linha férrea para a formação de inúmeros povoados, atraindo fluxos de pessoas para a região. “Em 1943, quando passaram os trilhos da linha férrea, a população aumentou. Os trilhos da estrada de ferro eram pertencente à linha São Paulo - Rio Grande do Sul”.

A estrada de ferro proporcionou crescimento para Inácio Martins, através dela o município foi ponto de comercialização de diversos produtos, como madeira, grãos, etc. Sabe-

se que a população pioneira de Inácio Martins transformou a região, que antes era formada por densas florestas, num campo aberto, no qual se formou um vilarejo que deu origem a cidade (LIMA, 2008, p.16).

A linha férrea, além de permitir o aumento populacional do município, com a vinda de imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos. Também proporcionou a instalação de indústrias madeireiras na cidade e grande fluxo para a região.

Com a Revolução Industrial, as ligações da cidade com o mundo exterior a ela ampliaram-se qualitativa e quantitativamente. Nessa ampliação, as ferrovias tiveram um papel de destaque, tornando-se, a partir da segunda metade do século XIX, o mais importante meio de transporte inter-regional. Numerosas empresas e linhas foram criadas pelo capital privado, sendo elas razoavelmente dependentes uma das outras. (CORRÊA, 1989, p.28)

A estrada que atravessou a região pertencia à Rede Ferroviária Federal S/A que ligava de São Paulo ao Rio Grande do Sul. Afirma-se que os trabalhos de construção da ferrovia, [...] se deram entre os anos de 1902 e 1904 (CAMPIGOTO, 2010, p.77).

Taborda (1994) revela também que a colonização do município deu início às atividades econômicas desenvolvidas no município, e afirma que: Os primeiros fundadores do município foram às famílias Stresser e Sheleder, além de outras como Martins de Campos e Orives. As famílias Stresser e Sheleder eram de origem inglesa e alemã, que haviam imigrado para o Brasil em 1860, fixando-se em Serro Azul e Curitiba, por volta do ano de 1875, receberam do imperador uma gleba de terras no município de Guarapuava.

Sendo assim, os imigrantes alemães, ingleses, foram os primeiros a fixar-se em Inácio Martins e iniciar a agricultura de subsistência, atividade que ainda permanece em suas comunidades rurais. A cidade era chamada de “Guarapuavinha”, justamente por pertencer aos domínios do município de Guarapuava⁷, do qual teria se desmembrado em 1960. No período em que se manteve como distrito do município de Guarapuava, dependia de serviços de saúde e jurídicos. Alguns serviços, tais como: bancos, universidades e alguns setores de saúde (oftalmologia, ginecologia, etc.) são ofertados pelo município de Guarapuava e outros municípios da região a Inácio Martins até os dias atuais (LIMA, 2008).

Alguns fatos foram primordiais para o desmembramento do município de Inácio Martins de Guarapuava, já que o crescimento deste só foi visível a partir do momento em que se tornou independente. Dentre os principais fatos que possibilitaram o desmembramento do

⁷ Inácio Martins foi desmembrado do município de Guarapuava em 25 de Julho de 1960, pela Lei 4.245, porém o município teve sua instalação oficializada em 25 de novembro de 1961 (TABORDA, 1988, p.25).

município de Guarapuava, a construção de casas em torno da estação ferroviária foi o mais relevante, como enfatiza Rebello (2001, p.8), [...] “surgem os primeiros loteamentos urbanos efetuados por Rozendo da Costa Cristo, em uma área de aproximadamente 10 alqueires. Posteriormente com a expansão no quadro urbano, houve um segundo loteamento, efetuado por Dallegrave Moreira”.

A partir desse momento, década de 1960, podemos ressaltar que a economia do município começou a se desenvolver, impulsionada principalmente pela fixação dos imigrantes que encontram aqui a possibilidade de uma atividade econômica rentável, explorando as riquezas vegetais, principalmente madeira de lei. Inácio Martins também recebeu alguns migrantes de regiões próximas, que tinham o intuito de explorar as matas com a extração de madeira e, principalmente, erva-mate. Essas atividades de extração deram origem à construção das comunidades rurais presentes hoje no município.

Portanto, consideramos ser um município que apresenta muitas belezas naturais, como a bacia hidrográfica, sendo os principais rios: Rio Potinga, Rio Claro, Rio D’Areia e Rio Iratim, entre outros. Ao longo dos quais estão instaladas as comunidades de faxinais.

Atualmente o município conta com 48 comunidades rurais, das quais segundo Marques (2004), 12 comunidades de Faxinal, ou que mantêm a vegetação de Faxinal. Há ainda outras comunidades que foram projetadas pelo poder público como a Vila Rural. Há outras que são comunidades de serraria como a comunidade de Leonópolis, Beto Bazia, Gavasoni, Manaza, Pinheira, Santini e Justus. Outras são assentamentos como Santa Rita, Evandro Francisco, Assentamento Bom Retiro, Assentamento Terra Cortada. Há ainda a Aldeia Indígena Rio D’Areia.

Rebello (2001, p.12) comenta as principais atividades que movimentavam a economia do município há muitas décadas: Indústria madeireira: serraria, laminadora, fábrica de pasta mecânica; Indústria de erva-mate: cancheada; Indústria de carvão vegetal; Indústria de esquadria; Indústria moveleira; Viveiros comunitários. Tais atividades provocam no município problemas ambientais, principalmente pelo uso de produtos químicos necessários para o beneficiamento da madeira, degradando as áreas que ainda contam com remanescentes de floresta nativa.

Soares e Melo (2005, p.16), salientam que, em localidades com menos de 20 mil habitantes, o urbano e o rural são muito próximos. A cidade tem ligação com o todo municipal no sentido espacial concreto. Sendo assim, não se pode deixar de considerar o estudo do município visto por meio das interações entre o mundo rural e a cidade.

Portanto, justamente pela classificação da cidade na rede urbana, como cidade local,

é que verificamos há também muitos moradores da área urbana que tem fortes ligações com a área rural, pois apesar de morarem na cidade, muitos trabalham no campo.

Como podemos perceber, a maioria dessas atividades estavam e ainda permanecem ligadas ao extrativismo ou, ainda, ao reflorestamento, destinado a abastecer a indústria madeireira. Quando recorremos à história, percebemos que a forma como estava estruturada a economia do município no passado não difere muito do formato que tem hoje. Porém, a própria retomada histórica nos revela que é difícil para o município, enquanto pequeno centro, ser uma área de fixação da população, afinal a oferta por empregos é escassa. Assim, a partir de 1960, o município passou a abrigar duas principais atividades econômicas, erva-mate e madeira, destinadas a exportação. Atualmente a erva-mate está menos expressiva, já a madeira ainda é a base da economia do município.

Nesse sentido, destacamos as imensas dificuldades encontradas no município, desde a carência de vias pavimentadas as altas taxas de pobreza que ocorrem tanto na área urbana quanto em áreas rurais.

O crescimento populacional e econômico, traduzido nas expressivas taxas de urbanização verificadas nos últimos anos no centro-sul paranaense, somado à crescente demanda habitacional, acaba incrementando problemas de naturezas diferentes facilmente observados na paisagem urbana (VESTENA & SCHMIDT, 2009, p.68).

A partir dessas considerações, destacamos o avanço das madeiras sobre as áreas de mata nativa do município como uma das maiores ameaças a territorialidade dos faxinalenses. Como os Faxinais tiveram sua origem já no processo de ocupação do Paraná Tradicional, relacionados principalmente pela fase da erva-mate, consideramos a preservação da floresta com Araucária um dos fatores que está diretamente relacionado a manutenção do Criadouro Comunitário, uma vez que sem ele o Sistema Faxinal enfraquece.

2.4- A RELAÇÃO ENTRE A INDÚSTRIA DA ERVA-MATE E OS FAXINAIS

No caso paranaense, não poderíamos deixar de atribuir grande importância a erva mate, desde os primórdios da história. Os jesuítas não se limitaram a fazer a missão religiosa, ultrapassaram-na e na busca pela utopia, dedicaram-se a preparar os índios para a auto-suficiência total no âmbito secular da economia e da organização político social, sem se subordinar as ordens de governança do Paraguai.

Além da exploração da erva-mate nativa, também ocorria o seu plantio desde a segunda metade do século XVII. No século seguinte, tornou-se uma das principais fontes de recursos das Missões Jesuíticas (NERONE, 2000, p. 53 - 54).

Krugër demonstra que o mate também é uma herança indígena.

Valiosa é a herança dos indígenas que conheciam as propriedades como alimento e fortificante, e a consumiam com água quente ou fria. No consumo a quente, sobressaindo às cafeínas. Em água fria, construindo “*verdadeiro alimento azotado, reparador e nutritivo, combatendo a fadiga muscular e aumentando a atividade vital*” (KRÜGER, 2004, p.36, *grifos no original*).

Krüger (2004, p.36) destaca que nos primeiros tempos das missões jesuíticas os padres espanhóis chegaram a proibir uso da erva-mate para os indígenas aldeados, pois este era considerado um vício, inclusive sob a pena de excomunhão. Os jesuítas consideravam a substância de efeitos excitantes e afrodisíacos.

Com isso foi através da clandestinidade que a produção e o comércio do produto foram aumentando.

[...] Soldados e civis espanhóis aderiram ao “vício” e o novo hábito incrementou o comércio e o contrabando do produto para todos os lugares atingidos através dos rios Paraná e Paraguai, ainda no século 16. E enquanto os jesuítas continuavam tentando combatê-lo, o mate transformou-se no mais lucrativo negócio da época, chegando mais tarde no negócio dos Andes (KRÜGER, 2004, p.36).

Aos poucos os jesuítas foram se convencendo do lado positivo do mate, chegando até a estudá-lo e fazer plantações.

Os primeiros estudos, iniciados pelos jesuítas foram aperfeiçoados pelo naturalista Aimé Bonpland, companheiro de Humboldt. A descoberta do processo para fazer germinar a semente (que não germina naturalmente na terra, precisando passar pelo intestino dos pássaros) foi fundamental para possibilitar a plantação intensiva (KRÜGER, 2004, p.36).

A erva-mate foi uma saída à decadência da mineração, com a indústria concentrada em Paranaguá, Morretes e Antonina. Com a melhoria da industrialização passou-se a competir com a erva-mate paraguaia. Em 1876 com o calçamento da Estrada Graciosa o centro da indústria ervateira voltou-se para o eixo Curitiba-Campo Largo (KRÜGER, 2004, p.36).

A erva-mate teve estreita ligação com as comunidades de faxinais. Hauresko (2009, p.92) destaca baseando-se em Chang (1988) que “[...] os municípios de maior produção do mate coincidem exatamente com os municípios em que se apresenta o sistema faxinal”.

Os agregados das fazendas de gado também migraram para a região dos ervais, transformando-se em coletores de erva. Porém, nesta fase, reproduzia-se ainda a tradição de criação “à solta”, e o cercamento das lavouras. Certamente, as roças eram em termos de área, bastante diminutas. A partir das duas primeiras décadas do século XX, com a vinda dos colonos e o incremento da produção agrícola, muda-se a estrutura da produção. Inverte-se a racionalidade dos cercamentos. A partir daí, as lavouras passam a ser abertas e as criações fechadas, porém, em grandes extensões, formando os criadouros comuns, mantendo-se o sistema extensivo (HAURESKO, 2009, p. 90).

Sua importância econômica somente se manifestou precisamente a partir de 1830, quando uma série de conflitos interrompeu o fornecimento do mate Paraguai e de Corrientes ao mercado Chileno e Argentino. A partir de 1837 e, respectivamente, no fim do século, o volume de exportação para Montevideu, Buenos Aires e Valparaíso cresce progressivamente (CHANG, 1988, p. 48).

Afinal o foi no final do século XIX e início do século XX, a principal fonte de renda para os faxinalenses. Atualmente não tem tanta relevância em virtude da indústria ervateira ter incorporado o processo de produção artesanal deixando os faxinalenses com a tarefa de cuidar apenas dos ervais (BARRETO E LÖWEN SAHR, 2007, p. 73)

Baseado em Barreto e Löwen Sahr (2007, p.74) podemos afirmar que, os faxinalenses passaram a dedicar-se à extração e também faziam um beneficiamento prévio da erva-mate, este produto trazia era responsável por grande parte da renda das comunidades faxinalenses nos séculos XIX e XX. Mas, aos poucos é incorporada a relação entre modo de vida faxinalense e modo de produção capitalista, uma vez que os primeiros passam a ser produtores de matéria-prima para as indústrias, para obter renda complementar.

[...] em uma organização camponesa como a dos Faxinais, tudo que se recebe em dinheiro como decorrente da venda de mercadorias (excedente) é trocado novamente em mercadorias para que sejam atendidas às necessidades básicas para manutenção da vida e da comunidade (BARRETO E LÖWEN SAHR, 2007, p. 75).

Segundo Oliveira (2001, p.26), acima de tudo o efeito decisivo da introdução das atividades relacionadas ao mate foi à generalização das relações capitalistas de produção, tendo como características a generalização do trabalho assalariado, a adoção de novas técnicas produtivas, deu início a uma sofisticada divisão do trabalho no interior da economia paranaense. À medida que o produto ia ganhando o mercado externo iam agregando contingentes cada vez maiores de pessoas ao processo produtivo.

Numa primeira etapa de seu processo de produção, o mate requeria mão-de-obra abundante e barata, ainda que pouca ou nenhuma qualificação fosse necessária. No processo da colheita, as folhas da erva, nativa dos campos do Paraná, eram cortadas e amarradas para o local de beneficiamento. No processo seguinte, as folhas eram torradas e moídas em engenhos movidos a energia hidráulica ou animal. Finalmente, o pó assim obtido era socado dentro de sacos e enviado para comercialização (OLIVEIRA, 2001, p. 26).

Ao mesmo tempo, o beneficiamento e empacotamento da erva-mate foram responsáveis pela maior parcela do valor da produção industrial e das exportações do período, além de gerar significativo número de empregos diretos e indiretos em vários setores produtivos no Estado. No início do século XIX, teve início a exportação de erva-mate para os países do Prata. Em meados do mesmo século, a erva-mate já era o principal produto de exportação do Estado, posição que se manteve sem dificuldades ao longo do período.

A extração e o beneficiamento da erva-mate são atividades que perduram no Paraná a mais de dois séculos. Seu período aurífero compreendeu o intervalo de meados do século XIX ao início do século XX quando as fazendas de pouso e invernagem do tropeirismo, localizadas nas áreas campestres do estado, passaram a dar lugar às ocupações mais frequentes nas Florestas (BARRETO E LÖWEN SAHR, 2007, p. 74).

A instauração do cultivo do mate no Estado foi marcado por conflitos entre produtores e comerciantes, fez com que esses últimos adotassem determinadas práticas que convergiam para a obtenção de um nível de qualidade da erva a um custo que entendiam ser compatível.

Por ocasião da emancipação política da Província do Paraná em 1853, encontravam-se em Morretes 47 engenhos de erva-mate e em Curitiba, 29. A construção da Estrada Graciosa (1853-1876) intensificou ainda mais as atividades dessa indústria, ao colocar em contato, mais fácil e rápido, os fornecedores da folha de erva-mate com os engenhos que se situavam a meio caminho entre estes e o Porto de Paranaguá.

É importante destacar que nas comunidades de Faxinais, antes os porcos engordavam comendo frutos da mata, como o pinhão, por exemplo. Mas com o desmatamento e conseqüente desaparecimento do pinhão em algumas regiões do estado, passou a se aumentar as áreas de lavoura, com produtos como milho, utilizado para oferecer alimentação complementar aos animais. “Com o declínio do pinhão, passava-se a derrubar essas matas para plantar os milharais, que foram substituindo os pinheirais na engorda dos porcos ainda a

solta, mas agora nas roças de milho (KRÜGER, 2004, p.38).

Assim, a indústria da erva-mate impulsionou o crescimento das atividades ligadas ao seu transporte. Esse processo impulsionou também o crescimento da economia paranaense, até a crise de 1929.

Mas para Barreto e Löwen Sahr (2007, p.75) as comunidades faxinalenses não estão incorporadas não se configuram por relações capitalistas, uma vez que os faxinalenses não são trabalhadores com uma renda fixa proveniente unicamente da extração e venda da erva-mate, então não há uma exploração da mão-de-obra alheia, mas uma troca.

No caso da erva mate, os ervais se localizam nos Faxinais, além de outras pequenas propriedades na região. Os ervais são mantidos pelos faxinalenses de onde são retiradas as folhas verdes que abastecem as indústrias ervateiras. Esta poda anualmente é realizada pelos “tarefeiros”, que são contratados anualmente pelos atravessadores. Estes atravessadores conduzem a folha verde até a indústria e a indústria paga os mesmos pelo quilo de folha verde posta na porta da fábrica (BARRETO E LÖWEN SAHR, 2007, p. 75-76).

Desta forma, percebemos que os faxinalenses acabam além de servir ao sistema capitalista, pois o objetivo final para a indústria é o lucro e não a subsistência, como é para eles.

O capital se expande de duas formas nas áreas de faxinais quando os faxinalenses vendem a terra e aí outros acabam reduzindo as áreas de criadouros e direcionando-as para interesses próprios e outra como ocorre no caso da erva-mate, quando o capital monopoliza o território através da extração da renda da terra e sujeição da força de trabalho camponesa (BARRETO E LÖWEN SAHR, 2007, p. 76).

Chang (1988) aponta a chegada dos imigrantes poloneses na região dos ervais no Vale do Rio Iguaçu com outra forma de cercar a terra e ao cercarem entravam em desentendimento com os caboclos, pois estes tinham o hábito de deixar as criações à solta sem cercas. [...] muitos camponeses consorciavam a extração da erva-mate com a pecuária, pois a cria ajudava no pasto da área (BARRETO e LÖWEN SAHR, 2007, p.78).

E extração da erva-mate e o beneficiamento levaram a uma distinção entre os pequenos produtores, [...] Alguns se capitalizavam com o comércio da erva e compravam terras. Esse fato propiciava que eles incorporassem a força de trabalho de agregados e camaradas além da familiar, porém ainda se enquadravam na categoria de unidades familiares de produção (BARRETO e LÖWEN SAHR, 2007, p.78).

Nos períodos em que o corte da erva permitia essa era a principal atividade da

família ou com camaradas. A agricultura passava então a ser uma fonte secundária de renda, pois a região com floresta com Araucária no Paraná é a principal produtora de erva-mate e o Paraná o maior produtor do país atrás apenas do Rio Grande do Sul. [...] Dessa forma, toda a matéria adquirida é cancheada no Paraná e depois segue para o Rio Grande do Sul para moagem (BARRETO e LÖWEN SAHR, 2007, p.82).

Antes das indústrias ervateiras intensificarem suas atividades na região (1980), percebeu-se que tanto a poda como o cancheamento eram tarefas realizadas dentro dos faxinais.

Finalmente, a intensa dedicação, principalmente das populações rurais, as tornaram dependentes do mercado para obter gêneros alimentícios. Isso desarticulou de vez a já frágil economia de subsistência, disseminando as relações de mercado. A partir dos anos 1930, com o aumento da produção da erva no mercado argentino, a indústria de erva-mate entra em crise sendo constantemente substituída pela madeira e pelo café. Mas nem por isso ele deixa de ser um forte produto de extração e exportação no interior das comunidades rurais do município. Os pequenos produtores garantem que a erva é uma renda extra, uma poupança para ser extraída em um momento de necessidade.

Sendo assim, Barreto e Löwen Sahr (2007, p.82) destacam os dois momentos pelos quais a produção de erva vivenciou e um terceiro que está vivenciando: o primeiro quando o cancheamento era realizado nas florestas, pelos camponeses, já que os engenhos concentravam-se em Antonina e Paranaguá. O segundo, as indústrias se instalaram nos arredores de Curitiba e o momento atual, no qual as indústrias se instalaram no interior do estado, próximo à matéria-prima, dispensando os camponeses e incorporando também a fase do cancheamento, realizada pelos camponeses nos outros dois momentos. Esse fator fez com que os camponeses, passassem a produzir para as indústrias. Porém, como já destacamos, os camponeses continuam exercendo diversas atividades dentro de suas propriedades.

2.5- A EXTRAÇÃO DE MADEIRA NAS COMUNIDADES RURAIS

Pela sua própria conformação o Paraná contou com variadas espécies de madeira, fato que se repete em Inácio Martins onde existem áreas onde ainda a mata nativa se encontra preservada, como a Mata Atlântica e a Mata das Araucárias.

Este era o panorama da região Centro-Sul do Estado do Paraná na primeira metade do século XX. Uma região riquíssima em recursos naturais que a estrada de ferro e as serrarias passaram a explorar. Essa riqueza natural, no entanto não foi distribuída de forma a beneficiar a região e todos aqueles que para lá se deslocaram, recrutados para os mais diversos serviços. As décadas

iniciais do século XX foram marcadas por um desenvolvimento rápido e transitório. (JORGE e MARTINS, 2010, p.97)

Inácio Martins pertence ao grupo dos solos da formação Serra Geral, destacamos a predominância da Floresta Ambrófila Mista sobre o território e algumas poucas áreas com Campos Naturais. “As Unidades de Conservação de Uso Sustentável ocupam 7,8% do território, representadas, a oeste, pela Área de Proteção Ambiental da Serra da Esperança nos municípios de Prudentópolis, Inácio Martins, Rio Azul e Mallet” (IPARDES, 2007, p.22)

No entanto, dois fatores impulsionaram o extrativismo da madeira no Paraná: a construção da estrada Graciosa e da Ferrovia Curitiba-Paranaguá, abrindo novas possibilidades de exploração da madeira.

Sua instalação na região representou a perspectiva do progresso, do trabalho e de uma nova mentalidade de produção, a produção industrial: corte, transporte, beneficiamento, embarque no trem. A madeira explorada tinha diversas aplicações, como dormentes para a estrada de ferro, lenha para tocar as caldeiras das “marias fumaça” e, principalmente, madeira beneficiada para suprir a demanda do comércio local, regional e para exportação (JORGE e MARTINS, 2010, p.96).

A partir desses fatos, a serraria tornou-se um estabelecimento comum na paisagem paranaense e a madeira se converteu em um dos principais produtos de exportação do Estado. O que não foi diferente em Inácio Martins, como mostra a Figura 4 que ilustra a extração da madeira no auge de sua fase (1980) no município.



FIGURA 4: A extração da madeira em Inácio Martins (1980)

Fonte: Disponível em <www.prefeiturainaciomartins.com.br>

Grande parte dos trabalhadores paranaenses empregou-se na extração de madeira e de indústrias correlatas, como papel e papelão, mobiliário etc., ao mesmo tempo em que disseminavam a industrialização pelo interior do Estado. Com a colonização do norte e do sudoeste do Paraná e ampliação da rede de transportes rodoviários e ferroviários, mais áreas da Mata Atlântica e a Mata das Araucárias iam se tornando disponíveis para exploração (OLIVEIRA, 2001, p.30).

O resultado foi a destruição dessas matas, das quais hoje restam apenas reservas protegidas por lei, como em alguns pontos da Serra do Mar. Por volta da década de 1970, a exploração da madeira nativa se encontrava esgotada. A partir daí, as serrarias passaram, ou trabalhar com proporções cada vez maiores de madeira oriundas de outros Estados ou a reflorestar.

Entre as atividades econômicas pelos qual o estado do Paraná já passou, podemos nos referir ao município de Inácio Martins como incluso principalmente no primeiro e segundo períodos, da erva-mate e da madeira, que foram as duas principais atividades implantadas no município que contribuíram para o povoamento e desenvolvimento industrial da região.

Quanto à madeira, essa atividade econômica surgiu em virtude da escassez de erva-mate, ainda, no final do século XIX, a iniciativa da industrialização madeireira deve-se ao engenheiro Antônio Rebouças. Mas foi com o surgimento das estradas de ferro e o aparecimento de novos caminhos que se iniciou a grande exportação de madeira para os mercados nacionais e internacionais. Como é o caso do município de Inácio Martins, em que a madeira, que é exportada há muito tempo foi exportada até internacionalmente, para países como México, mas hoje é exportada para Ponta Grossa e São Paulo, pois não tem condições de ser beneficiada no município.

Alguns motivos contribuíram para que a extração de madeira se tornasse um marco na economia do município, a exploração da madeira era feita de forma manual e estaleirada por tração animal. Exatamente pela facilidade na utilização de mão-de-obra era uma das mais importantes fontes de renda. E ainda continua sendo a atividade que mais movimenta a economia do município, isso pode ser comprovado pelos inúmeros estabelecimentos ligados a esse ramo da atividade industrial.

Os dormentes feitos de madeira foram usados na construção da estrada de ferro que trouxe muito progresso para o município. Como argumenta Rebelllo (2001, p.7), a extração da madeira acentuou-se com a construção da estrada de ferro, com a estrada de ferro, iniciou-se a

exploração da madeira em larga escala, sendo que dois anos após a conclusão da ferrovia o município contava com mais de 40 (quarenta) serrarias, algumas delas em comunidades de faxinais como a madeireira Justus que se instalou próximo ao Faxinal do Posto, com a exploração básica do cedro, pinheiro e imbuia. Atualmente o número de madeireiras não passa de 12 (doze).

A madeira era um dos principais produtos que circulavam por meio da Linha Férrea. Lima (2008) comentou que na atualidade os produtos escoados são variados e, não são, necessariamente, produzidos no município, como: óleo de cozinha, petróleo, soja, milho, madeira, entre outros.

Assim, a erva-mate e a madeira foram responsáveis pela ocupação de extensas áreas de terra da parte meridional, oeste e sudoeste do estado, representando a base da economia em muitos municípios, como Lapa, São Mateus do Sul, Mallet, Guarapuava, Inácio Martins, dentre outros (CAMPIGOTO, 2010).

Segundo Wons (1982), a extração da madeira e da erva-mate no Paraná trouxeram como consequências: o desenvolvimento da navegação fluvial, a construção de vários caminhos (estradas de ferro e rodovias), a modificação da paisagem geográfica, o aparecimento das vilas e povoados e o aparecimento da indústria típica de barbaquás, as serrarias e as indústrias ligadas à madeira. Paisagens cada vez mais comuns no Paraná e particularmente em Inácio Martins.

A partir da exploração da madeira em larga escala, podemos perceber o quanto à cobertura vegetal do município foi reduzida.

Essa redução causou vários prejuízos, tanto em Inácio Martins como em outros municípios, pois a destruição da Mata nativa é um fato visível em todo estado.

“No Brasil, a destruição natural é tanta que se transformou num dos maiores problemas a serem resolvidos pelo povo brasileiro. O estado do Paraná não foge a regra e, tal fato, não deixa de ser um problema em Inácio Martins-Pr, no qual a devastação ainda continua” (REBELLO 2001, p.18)

A área total desta APA é de 206.555,82 hectares e passa por dez municípios, Prudentópolis, Guarapuava, Irati, Rio azul, Malet, União da Vitória, Cruz Machado e Inácio Martins, inclusive a própria área urbana está incluída.

Nos limites de Inácio Martins além de abranger a área urbana também está presente nas comunidades: Góes Artigas, Papagaios, Campina Bonita e Quarteirão dos Stresser (Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Inácio Martins).

Apesar das leis ambientais e Áreas de Proteção Ambiental (APA's) existentes hoje,

pouco se tem feito para frear o avanço sobre as matas nativas, afinal a madeira é a principal atividade econômica do município.

Vale destacar que, de acordo com o bioma característico de cada região além da APA (Área de Proteção Ambiental), há também a Reserva Legal (RL), ou seja, no caso da região de abrangência do município de Inácio Martins, esse valor corresponde a 20% da propriedade. Essa área deve ser cercada, para evitar o desmatamento em áreas de encosta e Mata Ciliar.

A Figura 5 demonstra a distribuição da Área de Proteção Ambiental nos limites do município, é importante salientar que Inácio Martins tem 51% da APA (Área de Proteção Ambiental) da Serra da Esperança, criada através da Lei estadual nº 9. 905, de 27 de Janeiro de 1992, fato que restringiu a exploração da madeira, contribuiu para a conservação da Floresta com Araucária, importante bioma no Sul do país. Porém, apesar da legislação favorável o desmatamento no município ainda é muito intenso, em consequência das atividades econômicas do município.

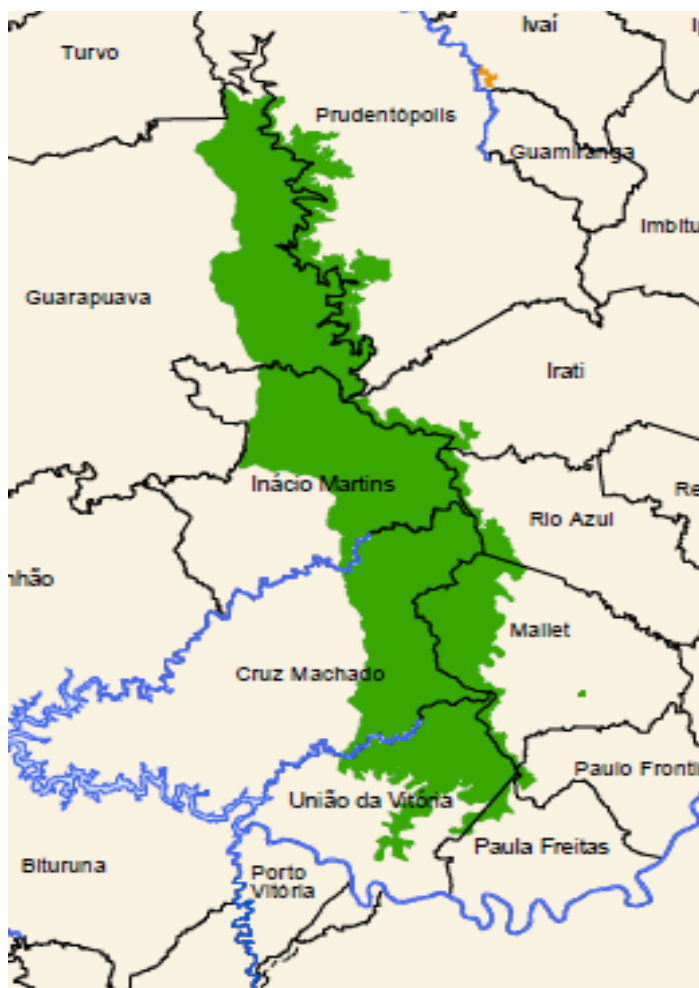


FIGURA 5: Localização de Inácio Martins na APA da Serra da Esperança

FONTE: www.itcg.pr.gov.br(2008)

Portanto, a devastação ainda continua no município, como enfatizou Rebelo (2001), pois as coberturas nativas como: Pinheiro Araucária, Canela, Cedro e Imbuia que ainda restam vêm sendo substituídas pelos plantios de exóticas, como Pinus e de Eucalipto.

2.6 - A IMPORTÂNCIA DAS TROPAS DE PORCOS PARA A ECONOMIA LOCAL

Após a segunda Guerra Mundial, a carne e a gordura do porco passaram a ganhar espaço no mercado. “[...] Assim, o porco cumpriu um importante papel na vazão do milho produzido naqueles fundões desprovidos de estradas. A tropa magra chegava às roças andando, tocada, e 120 dias depois, da mesma forma fazia o caminho de volta, até os pontos de comércio (KRÜGER, 2004, p.44).

É importante destacar que as tropas de porcos das comunidades de faxinais de toda a região, inclusive de Inácio Martins “[...] eram reunidas em Guarapuava, em número de até mil animais e seguiam até Jaguariaúva, onde havia um frigorífico das Indústrias Matarazzo. Atílio Fontana foi o principal comprador iniciando a base do que hoje é a Sadia” (KRÜGER, 2004, p.44).

Segundo relatos de Krüger (2004), essa viagem até Guarapuava tocando os porcos poderia demorar até um mês e os produtores iam tocando e alimentando os animais, pois o milho era vendido no caminho.

Como o Sistema Faxinal é pautado principalmente na criação de animais, geralmente suínos, que obtém seu alimento diretamente da floresta, são necessárias extensas áreas para manter a criação dos mesmos. Por muitos anos esses animais foram destinados além do consumo da família, para complementar a renda através da venda desses animais e da banha deles extraída. Porém, muitos estabelecimentos e próprios produtores-rurais não-faxinalenses deixaram de comprar o chamado “Porco Comum” dos faxinalenses, em virtude da maior fiscalização sanitária nas criações de suínos no interior dos faxinais.

Centrado no porco e nas suas especializações [...] podemos demonstrar que a primeira espacialidade do faxinal-porco, no século XIX, era mais integrada ao sistema ecológico e não apresentava verdadeiros limites, ficando aberta a caminhadas livres dos porcos. Entretanto, o espaço do porco transformou-se através da espacialidade produtiva capitalista, com sua produção de massa, a qual arranhou e conectou diferentes lugares, anteriormente separados num verdadeiro território (LÖWEN SAHR e SAHR, 2009, p.160).

Com isso, é claro que o ritmo de trabalho do faxinalense também foi alterado para

atender a lógica capitalista, a área da criação de suínos foi dando lugar aos reflorestamentos. Vale destacar que “hoje, o espaço do suíno [...] aparece numa combinação estreita entre áreas de produção e áreas de sociabilidade (com os moradores)” (LOWEN SAHR e SAHR, 2009, p.160).

No entanto, Löwen Sahr e Sahr (2009, p.160) destacam que “[...] esta visão é uma configuração muito recente que nada tem de tradicional, apesar de ser exatamente esta a que se pretende preservar e respeitar pela legislação brasileira”.

A verdade é que com a retirada da principal fonte de renda do Faxinal restaram poucas alternativas aos faxinalenses, que foram pressionados pela falta de alternativas de renda a vender seus terrenos.

É importante destacar que muitas dessas atividades típicas ainda se mantêm nas comunidades rurais de Inácio Martins, como a extração de erva-mate e a criação de suínos, mesmo que para consumo dos próprios moradores.

Nos relatos dos moradores das comunidades rurais do município percebemos que eles se sentem felizes em criar animais (suínos, bovinos, etc), mesmo, que não haja lucro, como dizem, as criações servem hoje para o próprio consumo e são de grande utilidade para receber os visitantes.

Apesar de todas as novas correntes econômicas que surgiram no município, após a fase da criação de suínos, ou paralelas a ela, algumas características também culturais, fazem com que o modo de vida faxinalense persista.

As Figuras 6 e 7 demonstram que a criação de suínos bem como de outras espécies : bovinos, eqüinos, ovinos, entre outros, ainda é muito comum nas comunidades rurais de Inácio Martins.

Percebemos que, apesar de todas as fases econômicas que o município já passou que se sobrepõe a criação de animais, algumas características dessas fases resistiram, um exemplo é a criação de suínos, mesmo que o criadouro comunitário não exista na maioria das comunidades, pois os animais são criados de maneira restrita, em mangueiras e mangueirões ainda os animais estão lá dando um forte indicativo de que a comunidade já foi comunidade de faxinal.



FIGURA 6: Criação de suínos em áreas de faxinais de Inácio Martins-PR
FONTE: LIMA, L. S. de (2011).



FIGURA 7: Criação de bovinos em áreas de faxinais de Inácio Martins-PR
FONTE: LIMA, L. S. de (2011).

Mas, o que há mesmo é, podemos dizer, uma realidade dual, bastante contraditória, pois os mais velhos acabam optando pela manutenção do modo de vida tradicional. Já os mais jovens, como citamos anteriormente, não concordam, ao menos nesse momento, com o mantimento de algumas características tradicionais, pois almejam novas iniciativas para o campo, muitos deles até apóiam o reflorestamento de *pinus* e eucalipto nas propriedades, por ser mais lucrativo, e, contrariados pelos mais velhos acabam deixando o campo. Muitos deles até regressam após alguns anos após estudarem na cidade ou formarem suas famílias.

2.7- OS FAXINAIS NO ESTADO DO PARANÁ E EM INÁCIO MARTINS

Diante dessas constatações, conclui-se que, existiam no Estado do Paraná, há mais de 10 anos atrás, um total de **"152 faxinais"** (CHANG, 1985). Segundo Marques (2004) existem no Estado do Paraná, no mínimo, **"44 faxinais"** que ainda mantêm o "sistema de criadouro comunitário e/ou o uso coletivo das terras", com alguma atividade produtiva (como as pastagens). A área total dos faxinais no Paraná é de, aproximadamente, 26.189,0 ha; com uma área total mínima de criadouro (não se tem todos os dados) de 15.914,86 ha; com cerca de 3.409 famílias.

Estes faxinais distribuem-se da seguinte forma, pelas regiões e municípios: 15 faxinais na região de Irati, situados nos municípios de Rebouças, Rio Azul, Mallet, Irati e Inácio Martins. Desta forma, Marques (2004) destacou que existem no município de Inácio Martins 12 faxinais ao todo.

A Figura 7 nos ajuda a identificar as áreas de maior concentração de povos tradicionais no Estado do Paraná, entre essas as áreas de Faxinais, notamos a grande reserva de mata nativa no município de Inácio Martins, em meio à mata estão concentradas as comunidades de Faxinais próximos aos principais cursos d'água.

Na figura 8 também podemos identificar uma importante Área Estratégica de Conservação a Aldeia Indígena Rio D'Areia que é considerada uma área de conservação da Biodiversidade, cadastrada como ARESUR, junto ao IAP (Instituto Ambiental do Paraná), portanto é a única comunidade rural que recebe os recursos provenientes do ICMS ecológico⁸ no município. Consideramos importante destacar que na própria aldeia encontramos

⁸ ICMS - Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços, o termo ecológico foi um incentivo por parte do governo em ceder parte do ICMS para as iniciativas ligadas à preservação ambiental. "Instituído no Estado do Paraná pela Lei Complementar 59/91. Por meio do Decreto Estadual 3.446/97 os municípios que possuem faxinais podem enquadrá-los como Área Especial de Uso Regulamentado – ARESUR. Dessa forma alguns faxinais passaram a ser reconhecidos como unidades de conservação e, portanto, seus municípios beneficiados pelo ICMS Ecológico. Informações fornecidas pela Prefeitura Municipal.

características específicas do Sistema Faxinal, como a criação de animais de maneira coletiva em meio ao Bioma Araucária que se encontra em boas condições de preservação na comunidade.

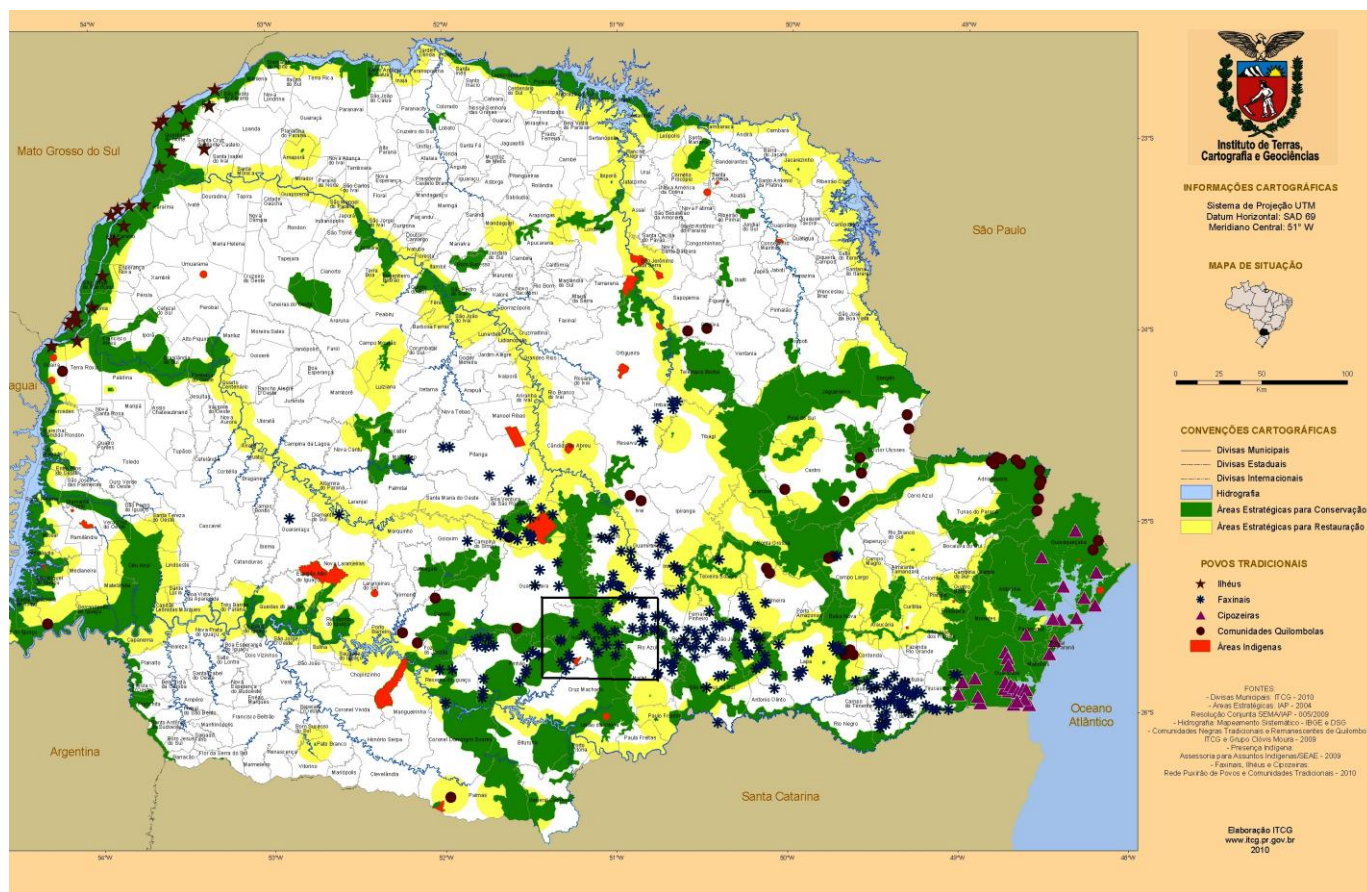


FIGURA 8: Áreas estratégicas de conservação da biodiversidade e localização dos povos tradicionais no Paraná

FONTE: www.itcg.pr.gov.br (2010)

A título de comparativo entre as diferentes informações sobre o número de faxinais existentes no município o Quadro 2 foi elaborado com base de dados da Emater (1994).

Com base no Quadro 2 notamos que nesse período o levantamento da EMATER apontava nesse data a existência de oito comunidades de Faxinais em Inácio Martins e não doze como mencionou Marques (2004), mesmo assim o município ocupava a terceira posição somente atrás de Prudentópolis e de Palmeira.

Destacamos que apesar do município de Inácio Martins, ocupar essa posição no número de faxinais frente ao Estado do Paraná, já em 1994, e mantendo até os dias atuais, não há recursos financeiros específicos a ser aplicados nas comunidades de faxinais situados em Inácio Martins, apenas aqueles destinados a APA da Serra da Esperança. Portanto a cada levantamento apresentado buscamos verificar na observação empírica se a realidade apresentada realmente retratava a real situação, e estágios das comunidades de faxinais

situadas em Inácio Martins.

Município	Nº de Faxinais	Município	Nº de Faxinais
Agudos do Sul	05	Transposição	63
Antonio Olinto	04	Pitanga	01
Guaraniaçu	02	Ponta Grossa	07
Imbituva	03	Prudentópolis	16
Inácio Martins	08	Quitandinha	06
Irati	01	Rebouças	06
Lapa	02	Rio Azul	07
Mallet	02	Rio Negro	01
Mandirituba	13	S. J. do Triunfo	04
Mato Rico	08	S. Mateus do Sul	03
Palmeira	09	Teixeira Soares	03
Pien	03	Telêmaco Borba	01
Pinhão	03	Turvo	03
Subtotal	63	Total	121

QUADRO 2 : A DISTRIBUIÇÃO DE FAXINAIS NOS MUNICÍPIOS PARANAENSES
EMATER (1994)

Desta forma, tendo por base na figura 7 e segundo o levantamento de Marques (2004, p. 11, 13 e 14) as comunidades de faxinais existentes no município de Inácio Martins, podem ser classificadas da seguinte maneira:

- **FAXINAIS QUE PERMANECEM COM "SISTEMA FAXINAL COLETIVO ORIGINAL"** (Criadouro comunitário, cercas coletivas, uso coletivo das terras): Mansani e São Miguel. Esses dois faxinais mantêm as características originais do sistema, mas apresentam sérias dificuldades para se manter, como a má conservação das cercas e estradas.
- **FAXINAIS QUE PERMANECEM APENAS COM A PAISAGEM DE "MATA DE ARAUCÁRIA"**: (sem Sistema Coletivo, Propriedades com cercas individuais, criações isoladas, etc.) Faxinal do Posto, São Domingos, Campina Bonita, Colônia Dallegrave e Rio Pequeno.
- **FAXINAIS QUE EXISTIAM E HOJE SÃO CONSIDERADOS APENAS COMUNIDADES DE AGRICULTORES INDIVIDUAIS** (comparando com Levantamento Estadual de 1994/EMATER-PR) Quarteirão dos Stresser, Matão, Góes Artigas, Colônia

Alemanha e Papagaios. A Figura 9 demonstra as comunidades rurais que são ou já foram faxinais no município, podemos notar que essas comunidades concentram-se ao longo dos rios.



LEGENDA

- FAXINAIS QUE PERMANECEM COM "SISTEMA FAXINAL COLETIVO ORIGINAL"

- FAXINAIS QUE PERMANECEM APENAS COM A PAISAGEM DE "MATA DE ARAUCÁRIA":

- FAXINAIS QUE EXISTIAM E HOJE SÃO CONSIDERADOS APENAS COMUNIDADES DE AGRICULTORES INDIVIDUAIS

FIGURA 9: Comunidades de faxinais de Inácio Martins em seus diferentes estágios
Base de dados Marques (2004) e Prefeitura municipal de Inácio Martins Org. por LIMA L. S. de (2011).

Já Souza (2009, p.21) denomina de faxinais “comunidades rurais de pequenos agricultores”, mesmo sem uso comum, mas com as demais características, já citadas, como a vegetação que representa o sistema Faxinal e a partir dessa denominação classifica os faxinais paranaenses em quatro posições. Souza (2009) justifica o porquê dessa classificação em posições.

As diferentes denominações empregadas resultam da verificação de situações referidas a categorias produzidas localmente pelos agentes sociais para designar sua condição social, tais expressões territoriais compõe distintas unidades sociais, decorrentes de diferentes níveis de organização e conflitos face antagonistas históricos e atuais, em que o controle e domínio dos recursos considerados básicos para a reprodução do grupo social é o centro das disputas (SOUZA, 2009, p.7).

1) Faxinais com uso comum “criador comum aberto”, seriam grandes extensões territoriais (acima de 1000 ha), livremente acessados por criações altas e baixas. (SOUZA, 2009, p.21).

2) Faxinais com uso comum – “criador comum cercado”: Se caracterizam pela presença do uso comum dos recursos essenciais em “criadores comuns” de extensões variáveis onde circulam livremente “criações baixas” (cabritos, ovelhas, porcos e galinhas) e “altas” (gado bovino e cavalari) sendo delimitadas fisicamente por cercas de uso comum, “mata-burros”, portões, valos e rios. (SOUZA, 2009, p.22).

3) Faxinais com uso comum – “criador com criação grossa ou alta”: Se caracterizam pelo “fechamento”, com cercas de 4 fios de arame nas divisas de algumas ou todas propriedades, antes destinadas para o uso do “criador comum”, ficam disponíveis apenas algumas áreas privadas, além das áreas públicas (beiras de estradas, campos de futebol, pátio de igrejas, etc.). Há, neste caso, uma forte limitação ao “livre” acesso aos recursos essenciais. Predominam no uso comum somente as criações ditas “grossas” ou “altas” (cavalos, vacas). As “criações baixas”, isto é, porcos e cabritos são mantidos em “mangueirões familiares” isoladas das áreas de uso comum ou são confinados em chiqueiros. (SOUZA, 2009, p.22).

4) Faxinais sem uso comum – “mangueirões” e “potreiros”: Representam situações em que o uso comum da criação animal (“baixa” ou “alta”) ocorre somente pelo grupo familiar ou ao grupo doméstico. Portanto, quando ocorre, o uso comum dos recursos naturais está restrito dentro dos limites da propriedade privada. (SOUZA, 2009, p.22).

O Quadro 3 feito por Souza (2009) com a ajuda da coordenação da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses, nos permite localizar e identificar os municípios paranaenses onde os faxinais ainda existem, sob as quatro posições classificadas pelo autor, citadas

anteriormente.

Mesorregião	Microrregião	Município	Número Faxinais	Posição – Faxinal			
				1	2	3	4
Metropolitana Curitiba	Curitiba	Mandirituba	15	-	3	1	11
Metropolitana Curitiba	Rio Negro	Quitandinha	13	-	7	3	3
Metropolitana Curitiba	Rio Negro	Tijucas do Sul	9	-	3	1	5
Metropolitana Curitiba	Rio Negro	Agudos do Sul	6	-	-	1	5
Metropolitana Curitiba	Rio Negro	Piên	4	-	-	1	3
Metropolitana Curitiba	Lapa	Lapa	16	-	1	4	11
Sudeste	Prudentópolis	Prudentópolis	14	-	9	4	1
Sudeste	Prudentópolis	Imbituva	8	-	-	3	5
Sudeste	Prudentópolis	Fernandes Pinheiro	5	-	2	1	2
Sudeste	Prudentópolis	Teixeira Soares	1	-	-	-	1
Sudeste	Irati	Rio Azul	7	-	4	2	1
Sudeste	Irati	Irati	14	-	4	4	6
Sudeste	Irati	Rebouças	15	-	5	1	9
Sudeste	Irati	Mallet	1	-	1	-	-
Sudeste	São Mateus do Sul	São Mateus do Sul	4	-	2	1	1
Sudeste	São Mateus do Sul	São João do Triunfo	16	-	2	3	11
Sudeste	São Mateus do Sul	Antonio Olinto	1	-	1	-	-
Centro-Oriental	Ponta Grossa	Palmeira	9	-	-	2	7
Centro-Oriental	Ponta Grossa	Ponta Grossa	1	-	1	-	-
Centro-Oriental	Telêmaco Borba	Imbaú	4	-	-	-	4
Centro-Oriental	Telêmaco Borba	Reserva	3	-	1	-	2
Centro-Sul	Guarapuava	Inácio Martins	17	8	2	6	1
Centro-Sul	Guarapuava	Pinhão	15	2	1	-	12
Centro-Sul	Guarapuava	Reserva do Iguaçu	3	-	1	-	2
Centro-Sul	Guarapuava	Turvo	13	-	3	6	4
Centro-Sul	Guarapuava	Guarapuava	4	-	-	4	-
Centro-Sul	Guarapuava	Campina do Simão	1	1	-	-	-
Centro-Sul	Guarapuava	Guaraniaçu	1	-	-	-	1
Centro-Sul	Guarapuava	Nova Laranjeiras	1	-	-	-	1
Centro-Sul	Pitanga	Pitanga	3	-	-	1	2
Centro-Sul	Pitanga	Mato Rico	1	-	-	-	1
Centro-Sul	Pitanga	Boa Ventura de São Roque	2	-	1	1	-
Total			227	11	54	50	112

QUADRO 3: IDENTIFICAÇÃO DOS MUNICÍPIOS COM FAXINAIS NO ESTADO DO PARANÁ SOUZA (2009)

FONTE: SOUZA (2009, Pesquisa Mapeamento Social Faxinais)

Sendo assim, segundo Souza (2009), foi na microrregião de Guarapuava, que a pesquisa apontou uma maior concentração de faxinais, ao todo 55. Desses, 45 se situam em apenas três municípios: Pinhão, Inácio Martins e Turvo. Souza (2009) destaca que tais faxinais são reconhecidos oficialmente pela presença de extensas áreas de remanescentes de floresta com Araucárias no Paraná. Esse fato, de maneira imponderável associa à existência de faxinais a conservação deste bioma, justamente porque há sobreposição entre áreas de uso comum e a cobertura florestal. No Quadro 2 podemos perceber que há em Inácio Martins oito comunidades de faxinais na posição 1, duas na posição 2, seis na posição 3 e apenas uma na posição 4.

Se compararmos os dois levantamentos citados anteriormente, percebemos que o número de faxinais no município de Inácio Martins, de 12 em Marques (2004) sobe para 17 comunidades (SOUZA, 2009). Dessas dezessete comunidades, oito seriam consideradas áreas em primeiro estágio de desagregação, ou seja, aqueles faxinais que mantêm as características originais com grandes extensões de terra acessadas por criações altas e baixas. Desta forma, a partir das entrevistas a campo tentamos identificar qual dos dois levantamentos se comprova no município.

Na realidade esse característica presente nos faxinais do município, apontados como faxinais em primeiro estágio ou na posição 1 por Souza (2009), mesmo que o Criadouro não exista mais, se deve ao fato de que haviam inicialmente no município apenas três grandes faxinais: Faxinal de São Domingos, Faxinal dos Rodrigues e Quarteirão dos Stresser, que tinham as lavouras em seu entorno. Mas segundo relatos de moradores antigos das comunidades de faxinais, era muito longe as lavouras do entorno. Portanto eles passaram a plantar mais próximos de suas residências que ficavam nas áreas de criar e por isso iniciaram as invasões dos animais nas áreas de plantar. Por isso não há nos faxinais do município lavouras no entorno, característica ressaltada por Marques (2004). Também por isso, Souza (2009) relatou que os faxinais de Inácio Martins na maioria estão ainda em primeiro estágio, pois, na realidade constituem grandes extensões em virtude de sua característica original, na qual as lavouras se encontravam bem afastadas das áreas de criar.

Como já salientamos na maioria das comunidades a partir da década de 1980, as lavouras invadiram as áreas de criar das comunidades de faxinais, esse fato desencadeou conflitos gerados pelas invasões dos animais que acabaram provocando o desaparecimento do criadouro comunitário em diversas comunidades, portanto o criadouro comunitário na prática só permanece em duas comunidades. Por isso, discordamos de Souza (2009) ao relatar tão forte presença de faxinais em estágio original no município, pois, se levamos em conta a existência do criadouro comunitário, na maioria dessas comunidades ele já não existe mais, permanecendo apenas a mata caracterizando os faxinais como apenas com a paisagem de faxinal.

Além disso, a maioria das comunidades está já no quarto estágio ou na quarta posição. Os próprios moradores retrataram que estão abandonando algumas práticas características de faxinais como o próprio criadouro. Souza aponta apenas uma comunidade na quarta posição. Portanto as visitas e entrevistas que compõe esse trabalho foram realizadas a partir do levantamento proposto por Marques (2004).

Já que Souza muda os critérios para aumentar o número de faxinais, se fossemos usar

esses critérios devemos levar em conta que aproximadamente um quinto do território paranaense deveria ser devolvido às comunidades de faxinais.

2.8 - AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS FAXINAIS DE INÁCIO MARTINS-PR

2.8.1- A COMUNIDADE DE MANSANI

É importante ressaltar que apenas duas comunidades no município de Inácio Martins que mantêm o criadouro comunitário ativo: Mansani e São Miguel. Nessas comunidades notamos a manutenção de muitas práticas tradicionais, uma delas é a dificuldade na documentação escrita que garanta a posse da propriedade que praticamente foi herdada por todos os moradores dessa comunidade. Segundo relatos dos moradores poucos tocaram inventário, em virtude das dificuldades, segundo eles, do alto custo para essa legalização. Podemos considerar a ausência de documentação como um demonstrativo da manutenção de características tradicionais na comunidade, uma vez que, devemos levantar em conta que, antes a terra era um meio de subsistência que era passado de geração em geração, não se tinha muito a preocupação de transformá-la em mercadoria e então vendê-la, como se tem hoje.

O Faxinal Mansani tem uma distância de 25 Km da sede do município de Inácio Martins. Conta com 28 famílias residentes, as quais segundo relatos da entrevistada A, que tem 69 anos e sempre residiu na comunidade são compostas por uma média de 5 a 7 membros, sendo a maioria de descendência cabocla (brasileiros/portugueses) e apenas 3 à 5 de poloneses. De acordo com a entrevista A é comum os moradores se referirem à comunidade como Potinga, pois o Rio Potinga, corta a comunidade. O nome Mansani se refere a uma antiga serraria que pertencia ao Senhor Daniel Mansani. A serraria teria falido após um incêndio, portanto a serraria já não existe mais, mesmo assim alguns moradores ainda denominam a comunidade de Mansani e outros de Potinga.

Marques (2004) retrata as principais dificuldades e faz algumas sugestões com relação ao Faxinal Mansani com as quais comungamos das dificuldades e acreditamos nas sugestões uma vez que, pois para que os moradores da comunidade tenham uma maior condição de manutenção no campo é necessário um investimento em assistência técnica para melhorias na produção, sem deixar de criar animais.

A partir das informações de 2004 para compará-las com 2011, uma vez que foram novamente citadas pelos moradores organizadas no Quadro 4:

Dificuldades	Sugestões
<ul style="list-style-type: none"> - Cercas velhas e sem manutenção nenhuma. As cercas são dos proprietários das fazendas vizinhas ao faxinal, os quais querem acabar com o faxinal; - A maioria das famílias não são proprietárias das terras. A maioria das propriedades está como “cessão de direitos”, não têm escritura própria (posse de terra) e não podem averbar; - Houve desmatamento, no faxinal, por parte das grandes empresas madeireiras, ocasionando diminuição da água; - Está piorando a vida das famílias por não conseguirem renda suficiente para o seu sustento. A maioria das pessoas saem durante alguns meses do ano para trabalhar fora, nas fazendas, para corte de pinus (uns 08 meses de serviço); - Não acontecem mais mutirões; falta união das pessoas, emprego e renda; - Existe um problema de relacionamento entre a D. Zoraide (liderança da comunidade) e outras famílias ("ela quer tudo para a casa dela") => intrigas, desconfiança, etc. A comunidade não participa, não se une; - Não tem nenhum tipo de assistência técnica para a comunidade; - Está tendo “pressão dos fazendeiros” vizinhos para terminar com a criação solta. "Se continuar assim, dentro de um ano vai terminar o criadouro" (Sr. Hamilton de Lara). - Os de fora do faxinal estão matando os animais (os fazendeiros, firmas de madeira e os sem-terra que estão em volta); - Os jovens é que estão saindo da comunidade (cerca de 50%) para buscar trabalho fora (indo para cidades de Santa Catarina); - Faltam recursos financeiros para pagar a emissão dos documentos da terra; - Não conhecem nada sobre a legislação existente e nunca participaram de nenhuma discussão sobre isso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de apoio governamental e motivar as pessoas a se unirem; - O faxinal deve continuar, desde que ocorra ajuda para melhorar as condições de vida das famílias. Necessitam de melhorar a produtividade das lavouras, cultivar mais, ocupar melhor a terra, sem deixar de criar animais, e melhorando as pastagens; - Ajuda financeira e técnica, para melhorar as atividades agrícolas no faxinal; - Ter apoio para os de fora pararem de “matar” os animais; punir os responsáveis; fazer um acordo ou negociação com os fazendeiros; - Apoio para as famílias cercarem as áreas que estão tendo problemas de entrada e morte de animais, ou fazer os proprietários grandes fecharem suas áreas; - Melhoria do transporte, para os alunos chegarem na cidade para estudar, principalmente para o 2º grau (melhorar, para que chegue na comunidade, pois já existe, mas é longe); - Melhorar a conservação das estradas, colocando cascalho; <p>Buscar alternativas de comércio/mercado para as criações do faxinal, gerando mais renda para as famílias</p>

QUADRO 4: Dificuldades e Sugestões para o Faxinal Mansani em 2004 (Inácio Martins)

FONTE: MARQUES (2004, p. 172- 173) ORG por LIMA, L.S. de (2011).

Com relação ao tamanho da comunidade e propriedades, destacamos: “A comunidade tem ao todo 150 alqueires minha propriedade tem 53 alqueires, nos quais retiramos erva-mate a cada três anos, plantamos *pinus*, fazemos roçada de caíva e carvão, vendidos para a madeireira Beto Bazia” (Entrevistada A).

Ainda quanto a criação de animais e lavouras a Entrevistada A retratou: “Os animais são criados de maneira coletiva porcos, vacas, carneiros, galinhas, mas apenas para o consumo. E ainda 2,5 alqueires da propriedade são feitas lavoura (fechada), com milho feijão também para o consumo e alimentação complementar dos animais. Mas só três famílias do faxinal têm lavouras justamente pela manutenção do criadouro comunitário”.

Marques (2004, p.20) retrata que a área total de 532,40 ha, a área do criadouro é de 474,32 Matas/florestas: 242,0 ha (Parte da área do criadouro está na APA da Serra da Esperança. Sobre as cercas existentes nessa comunidade e sua conservação Marques relata:

As cercas que existem são feitas pelas “fazendas” em torno da área do criadouro (nas divisas), tendo perto de 3.000 m de comprimento. São cercas com 4 fios de arame, pouco conservadas ou não têm conservação; são velhas (perto de 40 anos), estão caindo e ninguém faz a manutenção (os proprietários deveriam fazer a manutenção) (MARQUES, 2004, p.19)

A Figura 10 demonstra a manutenção outra prática tradicional, os faxinalenses do Faxinal Mansani separando a carne da gordura de porco que será frita no fogão à lenha que fica em uma cozinha de chão ao lado separada da casa, depois a carne será guardada na lata, segundo eles para melhor conservar o sabor.



FIGURA 10: Faxinalenses manuseando a carne ao lado cozinha de chão batido no Faxinal Mansani (Inácio Martins-Pr).

FONTE: LIMA, L. S. de. (2011).

Quanto às dificuldades enfrentadas pelas famílias do faxinal Mansani destacamos à

obtenção de renda e manutenção do criadouro o entrevistada A afirma: “Acredito que vai terminar o criadouro porque os fazendeiros que moram ao redor querem terminar com as criações à solta, porque estragam o pinho e não dão lucro. Alguns, não só jovens famílias inteiras estão saindo por não terem condições de sobrevivência. Meus filhos estão sem estudar porque à noite não tem condução para puxar os alunos até o ponto e trabalham durante o dia”.

Outra dificuldade é refere-se aos conflitos religiosos, pois segundo a entrevistada A, a comunidade tinha a maioria de católicos, mas a Igreja Matriz e alguns moradores vão contra a sua decisão de construir outra capela no seu terreno, gerando conflitos como relata:

“Meus bisavós, há anos passam o Divino Espírito Santo de geração em geração, bem como os ensinamentos de fazer às curas, mas a igreja católica é contra, então decidi construir uma capela para o divino na minha propriedade, como são contra a construção, queriam até chamar a polícia para impedir. O resultado é que meus filhos e netos, por causa disso, estão virando evangélicos, então como vou repassar o que aprendi com meus bisavós a eles se agora pertencem a outra religião?”.

A Figura 11 demonstra o interior da capela construída pela moradora da comunidade Mansani em terreno próprio.



FIGURA 11: Capela do Divino em Mansani e ao lado a Benzedeira mostrando o Divino que teria recebido de seus bisavós.

FONTE: LIMA, L.S. de (2011).

Com base no relato da moradora notamos há uma rejeição por parte da igreja católica quanto aos conhecimentos tradicionais da Entrevistada A que também é benzedeira, curandeira. Essa rejeição a fez construir, há três anos outra capela do Divino Espírito Santo na sua propriedade em oposição à capela de São Sebastião frequentada pela maioria da comunidade. Essa igreja já existe há cerca de 70 anos, na qual é feita a catequese e as missas

uma vez ao mês. Já os casamentos, batizados, comunhão e crisma que no passado eram feitos na Capela de São Sebastião, hoje são feitos na Igreja Matriz, situada na área urbana de Inácio Martins.

A entrevistada A afirma que todos os anos na Quaresma ela junto com outra benzedeira realizam outra prática tradicional a Recomenda e disse que fazem ainda a procissão do Divino Espírito Santo e todos da comunidade participam desses momentos, nos quais ela atua como coordenadora.

Já a Dança de São Gonçalo (Romaria) não é realizada já há uns 15 anos por falta de tempo, mas querem voltar a realizar

“Sou conselheira da comunidade, faço parte da Pastoral da Criança, do movimento da saúde e sou vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no mês de passado participei em Brasília da luta nacional pelos direitos das mulheres, a Marcha das Margaridas de 6 Km”.

A Figura 12 ilustra a Entrevistada A, Coordenadora da comunidade Mansani, mostrando as bandeiras usadas em sua atuação defendendo seus direitos na Marcha Nacional das Margaridas 2011, no mês de Agosto em Brasília.



FIGURA 12: Coordenadora da comunidade mostrando as bandeiras usadas na Marcha Nacional das Margaridas 2011

Fonte LIMA, L. S. de (2011).

Desta forma, procuramos evidenciar as características da comunidade Mansani relacionadas as suas manifestações territoriais que demonstram a penetração de novas fontes de renda em oposição ao criadouro comunitário e a religião católica em oposição as práticas tradicionais na comunidade.

2.8.2- A COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL

Nesta comunidade realizamos 4 entrevistas. A comunidade de São Miguel está localizada a 23 quilômetros da sede do município, há 23 famílias residentes com cerca de 90 pessoas, das quais 11 são proprietárias das terras. Notamos que essa comunidade possui características muito parecidas com o Faxinal Mansani, como a baixa escolaridade, dois entrevistados, os mais jovens retrataram, estar cursando Ensino Médio, mas afirmaram que a maioria dos moradores é analfabeta ou estudou até a quarta série.

O entrevistado A nessa comunidade retrata: “Estou fazendo Ensino Médio, mas não no normal, na EJA (Educação de jovens e adultos), porque já desisti várias vezes de estudar, no decorrer do ano, para ajudar minha família e por ser muito longe. No inverno é ainda mais difícil, nos dias de chuva o ônibus encalha e não vai vários dias. Aí acabei desistindo três anos de estudar.”

Todos os cinco entrevistados revelaram ser herdeiros da terra e ter apenas o cadastro, licenciamento anual, (ITR, CCIR)⁹ como documentos da sua propriedade.

Quando questionados se o sistema faxinal, com o criadouro comunitário e uso coletivo das terras ainda existe na comunidade todos os cinco entrevistados afirmaram que sim, mas que nem todos participam da conservação das cercas. Sobre a cerca e conservação das mesmas a entrevistada B retratou:

“A cerca cobre a área total do terreno. Todos se ajudam na manutenção das cercas, mas como o material é caro ela está mal conservada. Também não sobra muito tempo para cuidar é só nas horas vagas.”

No criadouro comunitário há diversas espécies de animais: bovinos, equinos, suínos. A maioria, porém, é de bovinos, em torno de 200 cabeças. Mas alguns proprietários criam animais já de maneira individual, ou seja, abandonaram o criadouro comunitário. Dos que mantêm o criadouro comunitário os cinco revelaram fazer o trato complementar dos animais pela manhã e pela tarde.

Quando questionados sobre as fontes de renda das famílias do Faxinal, os cinco entrevistados revelaram ser proveniente da venda dos animais, alguns alimentos (milho, feijão, verduras, legumes) tirados da roça feita com adubos orgânico e com tração animal. E grande parte da renda é proveniente da extração de erva-mate e do carvão. Como afirma a entrevistada B:

Também da extração de erva mate: “Tiramos erva a cada dois anos, é nativa, não

⁹ ITR- Imposto Territorial Rural.

CCIR- Certificado de Cadastro de Imóvel Rural.

plantada e também lenha do mato para o fogão e para abastecer os fornos de carvão, de onde vem maior parte da nossa renda. Mas ainda há muita mata nativa. Só pegamos a lenha que dá pra ser queimada.” (Entrevistada B)

Dois revelaram viver de aposentadoria. Os outros 2 que tem filhos na escola revelaram receber o Bolsa Família. Mas afirmam que nem todas as famílias que possuem filhos na escola recebem o benefício. Quando questionados se a renda suficiente para mantê-los na comunidade diversos moradores responderam:

Entrevistado A: “Não, não tem muita opção de trabalho”.

Entrevistada B: “Não, porque os compradores pagam muito pouco pela produção, o carvão, por exemplo, às vezes “tá” muito baixo (o preço), não compensa queimar”.

Entrevistado C: “Não há muitas opções de trabalho, mas conseguimos uma renda mínima para se manter”.

Entrevistado D: “Há muita falta de opção de trabalho e falta de recursos para os moradores”.

Percebemos que a falta de alternativas de renda e os baixos preços são as maiores reclamações dos moradores de São Miguel.

Quando questionada se ainda ocorre mutirões no Faxinal a entrevistada B responde: “Não, por falta de união no faxinal. Não é mais como antigamente que todos se ajudavam”.

Mas, os cinco entrevistados revelaram: “Queremos continuar com o Sistema Faxinal e passar nossos conhecimentos de geração em geração”.

Alguns fatores externos como a chegada da associação de agricultores e novas religiões na comunidade acabaram causando desunião. Sobre a presença de associação de agricultores na comunidade o entrevistado C revela: “Só uma família participa da associação, só a mesma tem acesso.” Acrescentamos que é um relato bastante curioso, pois se é uma associação de agricultores, todos os moradores deveriam participar e dizem que não participam porque só pagam e nunca vêm benefícios como calcário e trator da associação para melhorar suas técnicas agrícolas, por exemplo.

Percebemos então que associação de agricultores é um elemento de desunião da comunidade. Também três entrevistados afirmaram que a chegada de outras religiões na comunidade também acabou desunindo os moradores, apesar da maioria ainda ser católica.

Mas as maiores dificuldades são mesmo a renda familiar e o acesso a serviços como saúde e educação. Quando questionados sobre as maiores dificuldades enfrentadas na comunidade, responderam:

Entrevistado A: “A falta de trabalho, renda para manter a família”.

Entrevistado D: “As estradas mal conservadas, interligando com a cidade e com outros municípios, dificulta a ida ao médico e a escola das crianças”.

Entrevistado E: “Incluir todos os proprietários, em todas as reuniões, palestras, projetos da prefeitura”.

Entrevistada C: “Projetos pensados pelo governo, pensando nos pequenos agricultores familiares. Que pensem na permanência das famílias no faxinal, pois hoje se existem recursos para esses projetos, acabam não chegando na comunidade”.

Mas, os moradores também retrataram algumas coisas boas de viver na comunidade, o que demonstra o seu desejo de dar continuidade ao sistema faxinal:

Entrevistado D: “Da pra consumir alimentos mais saudáveis, que a gente mesmo planta, não precisa pagar água, lenha, nem aluguel como na cidade”.

A partir dos relatos podemos concluir que a maior dificuldade para manter as famílias nas duas comunidades de Mansani e de São Miguel é a renda, que em sua maior parte não é mais proveniente da lavoura, do criadouro, e sim de outras atividades como carvão e até trabalho temporário em outros estados. Também notamos que os entrevistados atribuem a responsabilidade de manutenção de sua renda ao poder público, e, que cobram desse, programas que os mantenham no campo, pois não desejam deixar a comunidade, por acreditarem que na cidade terão um custo de vida ainda maior.

CAPÍTULO III

3. A DINÂMICA DAS TERRITORIALIDADES DO FAXINAL DO POSTO INÁCIO MARTINS-PR

Nosso desejo inicial era de desvendar as características das doze comunidades que são ou já foram faxinais em Inácio Martins. Optamos pelo Faxinal do Posto como objetivo central dessa pesquisa, pois através da experiência diária passamos a ter contato com o cotidiano da comunidade, através dos alunos da Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes, que está localizada na comunidade de Papagaios a 14 Km da sede de Inácio Martins. A escola é frequentada por alunos das comunidades rurais do município, como Góes Artigas, Colônia Alemanha, Assentamento José Dias, Papagaios e do Faxinal do Posto.

O objetivo desse terceiro capítulo é o de analisar a dinâmica das territorialidades existentes no Faxinal do Posto. O conceito de territorialidade está relacionado às diferentes práticas cotidianas que vão se alterando e, à medida que se alteram, modificam também o convívio dos faxinalenses.

A partir dos fatores identificados em nossa observação empírica, na comunidade e na escola, fazemos a divisão das diferentes territorialidades presentes no Faxinal do Posto em três categorias: **Territorialidade Econômica/Material**: relata as diferentes atividades cotidianas relacionadas à obtenção renda pelo morador do faxinal, seja mantendo hábitos adquiridos de seus antepassados, como a criação de animais (suínos, equinos, bovinos, etc.), seja extraindo erva-mate ou mantendo a lavoura de subsistência. Ou seja, incorporando novas práticas advindos da “modernidade”, como o trabalho assalariado para os madeireiros da região. Enfim a territorialidade econômica retrata as atividades desempenhadas pelos faxinalenses a fim de garantir o próprio sustento e/ou de sua família.

A **Territorialidade Religiosa**: relata as manifestações religiosas existentes hoje na comunidade, as quais demonstram uma mistura, através da manutenção de práticas religiosas tradicionais como a “Recomenda” mescladas a outras práticas relacionadas ao catolicismo, religião que predomina na comunidade, como as Festas de Santo, a realização de terços mensais, missas, etc.

Por fim, o item **Outras territorialidades** agrupa as demais territorialidades que compõe o cotidiano do morador de Faxinal do Posto. No caso dos mais jovens a ida a escola de segunda a sexta-feira, o lazer através das festas urbanas ou rurais (mesmo em outras comunidades vizinhas) nos finais de semana ou mesmo permanecendo na própria comunidade mesclando atividades modernas e tradicionais. E no caso dos moradores adultos, a sua efetiva atuação na comunidade as mulheres além de donas de casa acabam exercendo outras funções:

catequistas, agentes de saúde, benzedeadas, merendeiras, etc.

É importante destacar que fizemos essa divisão a fim de facilitar o entendimento das manifestações do cotidiano dos moradores de Faxinal do Posto, mas não há como dissociá-las. Pelo contrário, são complementares e caracterizam um conjunto de práticas rotineiras, algumas bastante peculiares e que permitem notar a vivacidade do sistema faxinal na comunidade, apesar da transformação de alguns traços típicos de faxinais, como o criadouro comunitário. Sendo assim é possível caracterizar a comunidade a partir do conceito de território e de territorialidade, uma vez que, a partir da leitura de um determinado recorte territorial, podemos entender a dinâmica que vem ocorrendo no mundo, sendo notável a clara a penetração de processos globalizantes, que vem sendo incorporados no dia a dia da comunidade. Fazendo com que suas práticas cotidianas também se alterem, assim o faxinal ter uma organização diferenciada.

É importante destacar que as comunidades vão se transformando com os novos aparatos da modernidade, assumem novas funções, mas também acabam manifestando a manutenção de características tradicionais, portanto podemos apontá-las como um território dinâmico que se altera, à medida que incorpora os “processos modernizantes”.

Esse capítulo foi sendo construído a partir da realização de oito entrevistas formais com moradores da comunidade, nas quais se procurou evidenciar os três aspectos da subdivisão apresentada nesse capítulo (Aquisição de renda, práticas religiosas, escola, família, lazer, entre outras) e também com base nos relatos de um ex-morador que reside na cidade, mas trabalha no faxinal. E através da observação, percepção da convivência dos alunos com professores e funcionários da escola Estadual Áurea Aparecida Lopes, aos quais também foram aplicados cerca de 20 questionários.

A partir desses procedimentos metodológicos conseguimos relatar nesse capítulo a dinâmica territorial existente na comunidade de Faxinal do Posto, mas não esgotamos, nem tínhamos essa pretensão, às possibilidades de pesquisa na comunidade, uma vez que, se apontamos uma dinâmica, que está em constante transformação, a cada visita na comunidade surgia um fator novo, refletimos também sobre as perspectivas de continuidade das características ligadas ao sistema faxinal na comunidade.

3.1- FAXINAL DO POSTO: FORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE

O Faxinal do Posto está localizado no município de Inácio Martins, há aproximadamente 23°33'56” de latitude e 51°15'43” de longitude. Segundo dados repassados

pela EMATER, sede em Inácio Martins a extensão territorial aproximada do Faxinal é de 2.200 hectares ou 915 alqueires. A comunidade de Faxinal do Posto localiza-se entre as comunidades de Florestal II e Justus.

Acredita-se que a maior parte das comunidades de faxinais presentes em Inácio Martins tiveram suas origens a partir da ocupação das famílias de imigrantes que passam a compor a população paranaense nos séculos XIX e XX. Mas consideramos que esse sistema já existia muito antes no município, o que nos permite dizer que o sistema de manejo da propriedade e criação coletiva de animais foi aperfeiçoado no município pelos imigrantes, mas teria sido implantado mesmo pelos caboclos já residentes no município. Uma vez que a maioria das famílias entrevistadas na comunidade não afirmou ter descendência de italianos, alemães, enfim, todos os oito entrevistados afirmaram sua ligação étnica com os caboclos.

Então, como salientamos no primeiro capítulo, os caboclos deram uma maior valorização as terras de criar do que as terras de plantar, portanto, podemos evidenciar na comunidade a ausência de lavouras no entorno. Como relata o entrevistado A: “Hoje somos operários, mas antes tínhamos lavoura.” Relato que demonstra a penetração de novas fontes de renda na comunidade.

Com relação aos nomes dos faxinais presentes no Centro-Sul paranaense, muitos deles têm forte relação com as famílias de imigrantes, poloneses, ucranianos, entre outros que contribuíram para a formação do faxinal. Mas como já falamos a relação com os imigrantes não é tão evidente nessa comunidade, no caso do nome Faxinal, este, segundo relato da moradora B é resultante: “O nome é por causa da própria mata que se está preservada, na qual os animais soltos ao andar no mato fazem uma limpeza no criadouro, uma “faxina”, daí pode ter sido chamado de Faxinal”.

A faxina, limpeza na mata a qual se referiu a entrevistada B seria, o pisoteio dos animais à procura de alimentos, que acaba limpando as plantas mais rasteiras no terreno. Já do restante do nome “do Posto”, os próprios faxinalenses, desconhecem sua origem, alguns mais antigos comentaram que:

“Talvez seja, porque antigamente, existia na região uma madeireira, do Sr. Aragão de Mattos Leão, que vendia gasolina, como se fosse um posto de gasolina, pois na cidade era muito longe para comprar.” (Entrevistado D).

Percebemos então que há uma junção de fatores que deram nome a comunidade, a própria presença, do bioma Araucária preservado, somado ao sistema comunitário de criação de animais, no passado. E a madeireira que, funcionava como um posto de combustíveis, o único de todo o município naquele período, por volta de 1960, data do desmembramento de

Inácio Martins do município de Guarapuava.

A comunidade de Faxinal do Posto teve sua formação e continuidade ligada ao aumento da família e, por constituírem famílias grandes, os filhos herdaram a terra que passa de geração em geração, junto com a terra herdaram também os costumes, como as técnicas de manejo florestal.

Os conhecimentos de uso e de manejo dos recursos naturais dos faxinais são transferidos de geração em geração, se mantendo entre os caboclos já há mais de dois séculos [...] Embora grande parte das novas gerações deixe os faxinais para que o sistema se sustente, a ocupação das terras de seus antepassados vem se mantendo por várias gerações¹⁰.

Ao circularmos pela comunidade notamos essa característica muito forte: as casas dos filhos construídas próximo à casa dos pais. Em relação à porcentagem de famílias que são proprietárias de terra no faxinal, segundo o entrevistado A seria a metade, quase todas são parentes e cada membro da família herdou seu pedaço de terra, fator que contribui para o cercamento das propriedades e conseqüente desaparecimento do criadouro comunitário.

Quando questionados sobre os documentos que garantem a propriedade da terra, apenas 05 das famílias de faxinalenses afirmaram escritura registrada em cartório, os outros 03 entrevistados afirmaram ter apenas Sessão de Direitos Hereditários, pois ainda não foi feito o inventário do terreno e/ou adquiriram a propriedade e não se preocuparam com as questões legais. Esse fato revela mais uma característica tradicional na comunidade, a ausência de documentação, pois a terra era pelos antepassados dos moradores era reconhecida mais como um meio de subsistência do que como mercadoria, podendo ser comercializada.

Também, notamos em nossas visitas a campo, já na entrada da comunidade, outro forte indicativo de que a comunidade já apresentou o criadouro comunitário: a presença de “mata-burros”.

A Figura 13 ilustra que o Faxinal do Posto mantém esses mata burros que nos permitem identificar uma comunidade de faxinal ou que já foi faxinal no passado. A Figura 14 mostra a utilidade dos mata-burros no faxinal: evitar a invasão dos animais às propriedades vizinhas. Por isso nota-se a dificuldade dos moradores em tirar um animal preso em um dos mata-burros do faxinal.

¹⁰ Löwen Sahr (2005, p.3)



FIGURA 13: Mata burro que delimita a entrada do Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)
FONTE: LIMA, L. S. de (2010).



FIGURA 14: Moradores tentando tirar animal preso no mata-burro no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)
FONTE: LIMA, L. S. de (2010).

Os mata-burros são muito comuns na comunidade, bem como por todo o município, mas alguns estão em péssimo estado de conservação o que constitui um indicativo de que estão em desuso.

3.2- TERRITORIALIDADE ECONÔMICA/MATERIAL

Na atualidade, segundo relatos de moradores na comunidade residem hoje, cerca de 25 famílias, número que foi extremamente reduzido, pois até as décadas de 1980/1990, havia mais de 50 famílias na comunidade, que aos poucos foram mudando, principalmente para a área urbana, em virtude, segundo os 8 entrevistados, da distância, cerca de 25 Km entre a comunidade e a área urbana, o que dificulta acesso a serviços básicos como saúde e educação.

Mas, a redução no número de famílias da comunidade não é motivada somente pela distância, mas também por dificuldades na obtenção de renda. Hoje proveniente da criação de animais (suínos, equinos, aves, etc.), lavoura (milho, feijão) extração de erva-mate, carvão vegetal, empreito e roçada para os grandes proprietários. A grande maioria dos moradores complementa a renda com a venda de produtos da horta, repassados para a merenda escolar através de um programa da EMATER.

Os produtos que não são obtidos na propriedade (arroz, café, sal, farinha de trigo, etc.) são adquiridos nos supermercados ou através de vendedores ambulantes que vão até a comunidade. Com relação a essa facilidade alguns moradores consideram um fator positivo já que nem todos têm automóvel para ir até a cidade fazer suas compras e acham difícil ir de ônibus pelo horário chegam muito tarde na cidade por volta das 11 horas da manhã, ou seja, já não conseguem mais consultar enfim e fazer suas compras com tranquilidade, uma vez que retornam às 15 horas. Mas por outro lado, comentam que os produtos oferecidos pelos vendedores ambulantes são bem mais caros e muitas vezes de qualidade inferior.

As culturas anuais são plantadas no sistema de roça de toco e tem a função de complementar alimentação da família e o trato dos animais. Segundo os oito entrevistados não são usados produtos químicos (agrotóxicos, adubos, etc.) nas lavouras. Como relata a entrevistada C: “Plantamos com muito pouco adubo. Quase todas as famílias plantam com esterco de animais, reaproveitam”.

Ainda para auxiliar na renda da família é retirada erva-mate do faxinal a cada dois anos, mas nem todos os entrevistados têm erva-mate em sua propriedade, muitos trabalham com a extração da madeira para a produção de carvão vegetal.

Quanto à criação de animais, notamos uma característica peculiar na comunidade, seis das oito famílias entrevistadas criam animais soltos em meio à mata, mas de maneira isolada (cercada), não fazem mais uso comunitário de suas propriedades que possuem em média de 20 à 50 alqueires. Mas destacamos um dos entrevistados, que é proprietário de um terreno com cerca de 100 alqueires, divide parte dessa área com um de seus vizinhos, o

entrevistado B, que faz uso coletivo principalmente de criações baixas (suínos, caprinos). Em troca do empréstimo do terreno o entrevistado B auxilia na manutenção de suas cercas e também com o manejo das criações. Ambos os moradores comentam que só mantêm o uso coletivo em virtude de seu grau de parentesco, são cunhados, mas que já há uns vinte anos abandonaram o antigo costume que tinha o entrevistado A de ceder seu terreno, único de maior extensão na comunidade para o uso comum com todos os demais vizinhos.

O entrevistado D, que faz uso coletivo principalmente de criações baixas (suínos caprinos). Em troca do empréstimo do terreno, o entrevistado D auxilia na manutenção de suas cercas e também com o manejo das criações. Ambos os moradores comentam que só mantêm o uso coletivo em virtude de seu grau de parentesco, são cunhados, mas que já há uns vinte anos abandonou o antigo costume que tinha o entrevistado A de ceder seu terreno, único de maior extensão na comunidade para o uso comum com todos os demais vizinhos.

O entrevistado A afirma o porquê do abandono dessa prática: “Não deu mais certo. Não por conta de má vontade, porque nos dávamos bem, mas porque com a fiscalização da vigilância sanitária, ficou difícil para meus vizinhos venderem os animais no supermercado. Os supermercados passaram a comprar direto dos frigoríficos, também porque com a associação de agricultores, cada um cercou sua propriedade e passou a plantar *pinus*”.

Quando questionamos os demais moradores do porque do abandono do uso comum, um fator, citado por cerca de oito moradores foram as invasões dos animais às áreas de plantio. Em casos mais graves, grandes proprietários das áreas vizinhas matavam os animais, em virtude desses frequentemente invadirem as áreas de reflorestamento.

“Com as dificuldades na venda dos animais passamos assim como as madeiras a plantar o *pinus* e mais tarde o eucalipto, eu controlava meus animais, mas às vezes os de meus vizinhos entravam na minha propriedade. Como que você vai falar, é complicado, a solução foi criar fechado” (Entrevistado D).

A Figura 15 ilustra a área de criadouro com animais à solta em meio a mata preservada na comunidade, ilustrando os relatos dos moradores A e D, fator que também demonstra a vivacidade do sistema faxinal na comunidade.



FIGURA 15: Criação de animais à solta no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)
FONTE: LIMA, L. S. de (2010).

A esposa do entrevistado B afirma: “Não são mais criados animais juntos há uns 15 anos. Cada um cria fechado em sua propriedade”.

“A maioria das famílias abandonou essa prática e cria fechado, no mangueirão, uns dois ou três ainda criam juntos. Pois a maioria das famílias plantou pinho no seu terreno e as criações incomodam os donos, principalmente nas áreas vizinhas que tem donos de madeiras” (Entrevistado H).

Assim, os moradores relatam que se o abandono na criação de animais no Faxinal do Posto provocou a venda dos terrenos, alguns moradores passaram a arrendar seus terrenos, para reflorestamento, afirmam ser mais lucrativo do que manter o criadouro comunitário e se indispor com o vizinho. Acreditamos que a venda dos terrenos desmantela as relações de coletividade, bem como se extingue o criadouro comum.

Com a venda de parte da propriedade foi sendo reduzida a área para dar continuidade ao criadouro comunitário, então na atualidade grande parte das famílias cria animais apenas para o consumo.

Muitos moradores destacaram nas entrevistas o início do cercamento das propriedades se deu em função do início do reflorestamento e que não só as madeiras, mas eles próprios passaram a reflorestar. Entretanto, os moradores não vêem o reflorestamento como sendo benéfico e como garantia de renda: “Se não tiver assistência, não tem como

plantar, como a terra não pode ficar improdutiva tem que reflorestar, mas também é renda a longo prazo” (Entrevistado F).

Na Figura 16 podemos observar a vista parcial do faxinal do Posto, notamos a forte presença do cultivo de *Pinus*, avançando sobre as áreas de mata nativa que ainda restam na comunidade.



FIGURA 16: Vista parcial do Faxinal do Posto - Inácio Martins-Pr
FONTE: LIMA, L. S. de (2010).

Para suprir os fornos de carvão é extraída lenha e/ou madeira da mata nativa, como afirma o entrevistado C: “Sim, retiramos madeira da mata, uns 30 metros cúbicos por ano, a maioria é plantada ou de nativa é quase sempre bracatinga.

Em relação à "preservação ou conservação ambiental" (matas ciliares, reserva legal, qualidade de água, etc.). Os moradores afirmam que: “É importante preservar. Melhorou a preservação na comunidade, porque teve a cerca nas cabeceiras d’ água.” (Entrevistado D)

Na Figura 17 são demonstradas terras de criar, apesar dos moradores revelarem melhorias na preservação ambiental, percebemos ao fundo a intensificação do cultivo de *Pinus*, pois a comunidade é cercada por duas grandes propriedades de madeireiros da região.



FIGURA 17: Presença de reflorestamento no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)
FONTE: LIMA, L. S. (2010).

Como já citamos anteriormente a redução do número de famílias, ocorreu principalmente em função de um desastre natural há cerca de 20 anos, quando um furacão destruiu diversas casas nas comunidades de Justus e de Faxinal do Posto, fazendo com que diversas famílias que perderam tudo vendessem seus terrenos e se mudassem para a área urbana.

Na atualidade, são principalmente os mais jovens que saem do faxinal. Pois, como estudam na cidade, e, segundo seus relatos se revela mais atrativa e com melhores condições de emprego que o árduo trabalho no campo.

Talvez essa saída até contribua para a manutenção da comunidade, uma vez que os mais jovens saem para manter os mais velhos no campo. O campo não oferece trabalho a todos: o emprego da cidade ajuda a família no campo. Mas em muitos casos vai toda a família.

Quando questionamos do porque do morador se mudar para a cidade:

“Meus filhos terminaram o segundo grau, então mudei pra eles estudarem na cidade. Aqui (sede), dá “pra pegarem” o ônibus para irem “pra” faculdade. Lá não dava. É muito longe “pra vim” todos os dias, não tinha condição. Tenho um filho formado em Direito e dois

cursando faculdade. Mas também por falta de trabalho pra mim, aqui minha esposa trabalha no supermercado” (Entrevistado H).

Já os moradores mais antigos da comunidade de Faxinal do Posto permanecem na comunidade, como à entrevistada C, com 90 anos, diz que apesar de ter recebido proposta de vender seu terreno não tem interesse de sair da área rural. Notamos que a ruralidade está diretamente ligada ao modo de vida específico de seus habitantes, se levantam muito cedo, por volta das 6 horas da manhã, tratam os animais, enfim, atividades rotineiras que os diferenciam dos habitantes da área urbana, sendo difícil para esses quando saem de seus locais de origem, se adaptarem à vida na cidade.

Sendo assim, destacamos em conversa com esses moradores mais antigos as lembranças de antigas práticas características do Sistema Faxinal como os dias de mutirão para “carneação” ou de “roçada” e colheita, momentos esses que já não são tão frequentes, às vezes acontecem para relembrar os tempos antigos, mas já não tem aquela função de reunir toda a comunidade em torno de um objetivo. Hoje nem todos participam. Como podemos notar no relato da entrevistada C:

“Antes, um dos vizinhos fazia o almoço com carne de porco à vontade para todos da comunidade e depois iam juntos colher a roças, malhar o feijão [...] A última vez que isso aconteceu já faz uns quinze anos, hoje quase ninguém mais faz roça em grandes quantidades”.

Uma moradora da comunidade afirmou que acontecem mutirões (puxirões), nos dias de festas ou outras atividades comunitárias com as famílias do Faxinal.

Entrevistada E: “Sim, a roçadas das estradas são feitas uma vez ao ano e na festa o povo se ajuda para preparar os alimentos para a festa e são divididas as funções no dia entre todos da comunidade”.

Os moradores revelaram que, em muitos casos, as pessoas ficavam dias nas áreas de plantar para concluir o trabalho, pois estas, como já citamos anteriormente, eram afastadas das áreas de criar, onde ficam as moradias dos faxinalenses.

Essa prática era comum no período em que, por não terem energia elétrica em suas casas, cada um dos faxinalenses que ajudou na “carneação”, levava um pedaço do animal para casa, com o compromisso de devolvê-lo assim que carneasse novamente. Percebemos então que o mutirão era regido por acordos firmados entre os moradores, mas que, em muitos casos, eram violados, pois os faxinalenses queixam-se de muitas vezes terem entregado uma parte melhor de carne, como a paleta do porco e terem recebido uma parte pior, uma costela, por exemplo. (Baseado em relatos das entrevistadas B e D)

Mas, “A partir de 1985, com a intensificação da eletrificação rural no interior de Inácio Martins, as pessoas passaram a adquirir geladeiras, o que fez diminuir esta prática” (SOARES, 2008, p. 15).

Acreditamos que, essas práticas tradicionais vão adquirindo, com a chegada da modernidade novas funções, ao contrário, do que retrata Soares (2008) não desaparecem com a chegada da luz elétrica no campo e conseqüentemente da geladeira, TV, etc., consideramos, em alguns casos, que esse elemento da modernidade contribuiu ainda mais para o espírito de coletividade existente no Faxinal do Posto, pois, segundo relatos de moradores, eles gostam de se reunir para assistir os programas de TV, as novelas, jogos, e também hoje, com a luz no meio rural é possível guardar a carne para o vizinho que não tem geladeira em sua residência.

Mas o que mais nos chamou a atenção nos relatos dos moradores foi o descontentamento com a renda obtida através de seu trabalho na comunidade, como afirmaram os oito entrevistados, a falta de alternativa de renda para garantir sustento da família é a maior dificuldade enfrentada pelos moradores. Apesar das atividades retratadas acima as 8 famílias entrevistadas afirmaram que não estão conseguindo tirar uma renda suficiente para viver no faxinal nos últimos dois, três anos. Afirmam que poucas famílias que plantam conseguem comercializar seus produtos através do Programa da Merenda Escolar. E afirmam que a situação vem piorando ao longo dos anos após o abandono do criadouro comunitário.

A entrevistada C revela: “Ruim, está piorando, pois se plantam não tem onde comercializar os produtos. A estrada é ruim. Tem algumas que conseguem sobreviver porque plantam e vendem os produtos pra ser usado na merenda escolar, mas são poucas comunidades, esse sistema beneficia mais os assentamentos”.

A comunidade possui ou participa de Associação de Agricultores que conta cerca de 10 famílias. Entre as entidades que prestam assessoria ou assistência técnica para as famílias, os moradores destacaram a EMATER juntamente com a própria prefeitura. Essas entidades desenvolvem projetos como Aperfeiçoamento no manejo da erva-mate, muitos em parceria com o SENAR como os cursos de administração rural, artesanato em bambu, panificação, erva-mate, roçada, costura, mas os moradores afirmam que nos últimos cinco anos, não ocorrem mais esses projetos.

Atualmente há apenas o Projeto da Linha do Leite se mantêm e ainda assim, não por todos os moradores. “No Projeto do Leite, da EMATER poucas famílias puderam participar, pois o pasto era pouco, e o leite tinha que ser em grandes quantidades.” (Entrevistado H).

A figura 18 demonstra as moradias presentes no Faxinal do Posto.



FIGURA 18: Moradias da comunidade Faxinal do Posto Inácio Martins-Pr
 FONTE: LIMA, L. S. de (2010).

Podemos notar que mesmo as casas dos proprietários que possuem uma renda melhor (na parte inferior da figura) são bem antigas, feitas de madeira, o demonstra outra característica tradicional na comunidade, a maioria dos moradores reside há muito tempo na comunidade.

Como argumenta Löwen Sahr (2008, p.224), os elementos o interior dos faxinais que já apontam modernização:

Com relação às habitações, o que se observa é a substituição gradativa das antigas casas de madeira por edificações de alvenaria. A mudança é atribuída ao custo elevado da matéria-prima madeira, já que os faxinalenses não podem mais retirá-la das matas que possuem em função das restrições da legislação.

Ainda é muito comum no interior das comunidades a presença de casas de madeira, cobertas em telhas de barro e fechadas com tramela, mas são feitas reformas introduzindo produtos industrializados: piso, algumas tem churrasqueira, somente em duas, muito antigas, ainda encontramos na parte externa uma cozinha ou um paiol de chão batido ainda utilizados para defumar a carne e manusear outros mantimentos.

Também, identificamos nas casas a presença de banheiros sanitários. Outro elemento que se modificou e aponta modernidade nas casas das comunidades do meio rural são as lavanderias, muitas vezes ainda afastadas das casas, mas já não se tem mais o hábito de lavar a roupa em rios como antigamente. Notamos, inclusive, a presença de instrumentos modernos como máquinas de lavar no interior das residências. Em geral as mulheres se ocupam de outras funções dentro da comunidade, havendo, portanto a necessidade de facilitar o trabalho doméstico, muitas vezes realizado a noite ou em finais de semana.

Entre os “principais problemas” atuais que estão ocorrendo no Faxinal os moradores destacaram: estradas ruins, falta de coleta de lixo, algumas moradias precárias e as dificuldades na obtenção de renda.

Quando questionados sobre o que é necessário, prioritariamente, para se garantir a permanência e sustentabilidade do sistema faxinal, o entrevistado F garante: “O comércio dos produtos, a assistência para plantar”.

O resultado da falta de alternativas de renda é que as famílias ou pessoas (como os jovens) estão saindo por conta própria ou sendo forçados de alguma forma a sair do Faxinal/comunidade ou a vender suas terras.

“Dos meus filhos apenas a última está ainda em casa. Eles dizem que não tem projetos no meio rural, não tem como estudar e nem diversão nos fins de semana. Já saíram para trabalhar em outras cidades várias vezes e retornaram tentar a vida aqui, mas sem uma renda fixa é difícil” (Entrevistado G).

Os moradores desconhecem a legislação existente onde se enquadram os faxinais, como o ICMS-ecológico. “Não conheço as leis que garantam recursos para o campo, mas acho que deveria sim ter uma opção de renda além do carvão, roçada, empreito. Talvez as pessoas vivessem melhor”. (Entrevistada C)

O ex-morador do Faxinal do Posto que se mudou para a área urbana, mas ainda tem fortes relações com a comunidade, pois vai todos os dias trabalhar no faxinal, retrata:

Entrevistado H: “Morei toda a minha vida nessa comunidade, tenho 51 anos, mas hoje moro na cidade já há 3 anos, mas ainda trabalho no meu terreno, vou todos os dias até a comunidade para trabalhar, pois com a minha idade não consigo trabalho na cidade e ainda não estou aposentado. A minha propriedade tem 8 ha. A cada ano diminui o número de famílias que vivem no Faxinal. Antes, há uns dez anos tinha quarenta, cinquenta famílias e hoje acho que não chega a vinte. Ultimamente estou vivendo do carvão, faço empreito por dia, minha esposa é assalariada, trabalha na cidade em um supermercado. Do terreno tiramos erva a cada 2 anos. Antes dava pra plantar pois tinha a ajuda do trator da associação”.

O entrevistado G argumentou que falta na comunidade: “Oportunidade. Veja, por minha propriedade estar no alto eu abastecia quinze casas com a água das nascentes da minha propriedade, mais a escola e o viveiro comunitário, e mantinha a vegetação em torno das nascentes preservadas, mas nunca recebi nada por isso e também não podia cortar a madeira, então fiquei sem alternativa para dar estudo pros meus filhos”.

Disse ainda que, se pudesse retornaria ao faxinal: **“se tivesse um salário, um incentivo para cuidar da terra em vez de desmatar, tipo para manter o campo bonito, só para as pessoas visitarem, poderia até entregar tudo, todo meu terreno ao governo.** Antes a vida no interior era boa hoje às leis são muito rígidas. A Associação de Agricultores incentivou o povo a reflorestar e com isso se acabou com as criações que invadiam as áreas de plantio das madeiras. Não tem emprego para os homens aqui, veja na comunidade os homens vão trabalhar em outras cidades e as mulheres ficam também sem ocupação, aqui, na cidade, minha mulher também tem uma renda. Se tivesse um incentivo, tipo uma associação em artesanato ao menos pra essas 30 mulheres que ficam em casa, uma renda extra já melhoraria muito” (Entrevistado H).

O próprio poder público tem uma visão muito interessante em relação ao sistema faxinal:

“Esta é uma área de forte preservação ambiental. Área de ervais e áreas de invernadas, onde se pratica a agricultura de subsistência. Os fatores que diferenciam os faxinalenses dos demais moradores presentes na área rural do município é sua maneira diferenciada de usufruírem dos recursos naturais” (Prefeito Municipal).

Notamos que o prefeito afirma que o sistema Faxinal traz benefícios para o município e para o próprio ambiente.

“Os danos causados pelos animais ocorrem só na beira de rios, pelo pisoteio e pelas fezes dos animais e o principal benefício é a preservação ambiental, mas as comunidades que preservam acabam pagando um alto preço que se reflete no IDH, por exemplo, pois restam poucas alternativas de renda essas comunidades” (Prefeito Municipal).

O prefeito também afirmou ter conhecimento da legislação em favor desses povos faxinalenses: “Tenho conhecimento da legislação, mas tenho a certeza de que os próprios faxinalenses não a têm, como por exemplo, sobre ARESUR e APA, mas é necessária a criação de momentos para que sejam levados tais assuntos nas próprias comunidades. É difícil levar até mesmo os programas do governo federal como o “LUZ PARA TODOS”, mesmo pelo difícil acesso a essas comunidades. Com relação a aplicabilidade da legislação a fim de identificar os faxinais do município e garantir a sua reprodução, retrata que nem todos as

comunidades de faxinais se podem receber os recursos, pois ou o faxinal se encaixa como APA ou como ARESUR. As políticas públicas deveriam beneficiar as comunidades que preservaram e conseguem viver ainda de sua área de terra, pois é uma “cultura de subsistência”, não danosa ao ambiente (Prefeito Municipal).

O próprio prefeito afirma concordar que os faxinais do município estão em perdendo suas características originais:

“Sim, os faxinais vão tendo sua área reduzida se o pequeno produtor não tiver algum benefício que o segure no campo, ele com certeza acabará cedendo a essa propostas tentadoras feitas pelos madeireiros. Não só uma recompensa ambiental, mas também pela camada de ozônio que está sendo preservada. É necessário um esforço conjunto da comunidade a fim de garantir sua sustentabilidade e reivindicar seus direitos .”(Prefeito Municipal).

Sobre os levantamentos que destacam o município como sendo o município com o maior número de faxinais na região e até mesmo no estado, o prefeito destaca:

“Não foi em minha gestão, mas que com certeza na gestão anterior órgãos como a própria EMATER devem ter participado desses levantamentos. Mas estou sabendo de primeira mão, nessa entrevista a quantidade de faxinais, presentes no município” (Prefeito Municipal).

Mas tanto a EMATER como a Prefeitura Municipal afirmaram concordar com A quantidade de faxinais presentes no município apontadas nos levantamentos:

“Sim, pois em virtude da própria altitude, da localização no terceiro planalto do Estado do Paraná explica a grande ocorrência de faxinais. Uma grande parte dos faxinais estaria nas comunidades de Mansani, São Domingos, Quarteirão dos Stresser, Matão, Góes, Bom Retiro, Quarteirão dos Vieira, Queimadas. Também, em virtude do vasto território do município com 937 km² de extensão territorial, então existe de tudo no município: topo de morro, área de faxinal, área indígena, uma diversidade, como os 51% da APA da Serra da Esperança nos limites municipais. Desta forma ainda é comum a presença de faxinais de grande extensão, pois se fosse uma área de campos acredito que já estaria tomado pela lavoura intensiva”.

“[...] Se assim fosse, a condição financeira da população seria melhor. Pois os municípios que preservam são ricos do ponto de vista ambiental, mas pobres do ponto de vista social. Acredito que o caminho seja uma recompensa às comunidades que preservam, não só através do ICMS. Mas considero importante tanto que sejam feitos os levantamentos como que a informação chegar a essas pessoas” (Prefeito Municipal).

“Há comunidades que mantêm essas práticas características, como na comunidade de Matão, onde as pessoas da comunidade se unam para fazer a manutenção das estradas, as roçadas. As próprias festas que são realizadas entre várias outras comunidades. É importante a permanência no campo, mas que seja com qualidade de vida melhor, com todos os programas federais estaduais e municipais de atendimento a essas comunidades. Mas devemos ter cuidado ao reverter esses recursos, pois temos a lei de responsabilidade fiscal e eles são revertido especialmente para a área indígena que realmente é reconhecida e cadastrada. Nessa comunidade é feito um planejamento juntamente com o cacique para levantar as necessidades da comunidade e aplicar o ICMS ecológico. Contudo, esses recursos têm sido revertidos em prol da população rural, através da recuperação de estradas, material didático e cultural, construção de uma capela de reza, projetos de preservação de matas ciliares, nascentes, condições melhores de subsistência garantidas pela EMATER, que é paga pela prefeitura, contratos com agricultores para a aquisição de produtos da agricultura familiar sendo revertida para merenda nas escolas municipais e estaduais. (Prefeito Municipal)

“[...] Outro exemplo que poderia reverter recursos para as comunidades rurais são ricas em suas características naturais, como por exemplo, a nascente do Rio dos Patos, pois a nascente está localizada no município de Inácio Martins, na comunidade de Sobradinho, mas como a área de captação é no município de Prudentópolis, este recebe a maior parte dos recursos. É necessário uma melhor qualidade de vida para os faxinalenses. É preciso que eles recebam pelas áreas que mantêm preservadas. O forte potencial cultural da área rural é o lado ecológico, no qual acredito que é totalmente possível. Quanto ao turismo ecológico, isso também é possível devido ao potencial garantido pelo clima, relevo, hidrografia e a altitude, sendo a cidade mais alta do Paraná. No entanto, são inegáveis as carências em relação à falta de infraestrutura do município para aproveitar esse potencial, desde melhorias nas estradas até restaurantes, hotéis, pousadas, na área urbana e no próprio campo” (Prefeito Municipal).

Destacamos que as comunidades rurais do município apresentam diversas dificuldades citadas pelos moradores e também pelo poder público municipal, enfrentadas diariamente pelos moradores, sendo as maiores delas a falta de alternativas para geração de renda que garanta o sustento da família. Essa renda poderia ser garantida, como disse o poder público, através de projetos de assistência técnica aos moradores. Outra dificuldade é o difícil acesso das localidades à área urbana, devido a vias mal conservadas. Percebemos também uma evolução por parte do poder público em relação aos cuidados com essas vias desde as primeiras visitas ao faxinal. No entanto, acrescentamos que, muitas estão sem a devida manutenção, a vasta extensão do município impede uma continuidade dos cuidados em cada

comunidade. Os próprios moradores se reúnem fazendo mutirões para roçar a beira das estradas. Ou seja, em algumas comunidades auxiliam o poder público na manutenção das mesmas.

A aplicação de recursos financeiros, como do chamado ICMS Ecológico, que pode auxiliar na manutenção das comunidades de faxinal, sendo aplicado na conservação de estradas, cercas, etc., esse recurso não é aplicado em áreas de faxinais de Inácio Martins, como destacado pelo poder público, pois as comunidades não são cadastradas como ARESUR. Muitos dos moradores não tem nem mesmo documento que lhes garanta a posse de suas terra, pois herdaram de seus pais e nunca fizeram o inventário de suas propriedades, pois consideram altos os custos jurídicos da regularização.

No entanto, é importante ressaltar que apenas as comunidades faxinalenses cadastradas como Áreas Especiais de Uso Regulamentado - ARESUR podem usufruir desses recursos, no caso de Inácio Martins, somente a área indígena Rio D'Areia recebe recursos do ICMS ecológico, segundo o poder público municipal.

Há também residências ainda sem luz elétrica no município, o que vai de encontro ao que foi registrado pela prefeitura sobre a importância do programa do governo federal, o “Luz para todos” chegar a essa localidades. Afinal, viver de forma tradicional não significa viver sem o mínimo de conforto e bem estar. Acreditamos e concordamos que essas iniciativas podem ajudar a manter os faxinalenses no campo, mas reconhecemos o muito que falta ser feito por esses povos, para garantir a elas o direito de manifestarem-se política, econômica e culturalmente no seu território.

Tais fatores nos fizeram chegar à conclusão que apesar de na prática o Sistema Faxinal não existir mais nas comunidades de antigos faxinais de Inácio Martins, permanecendo na maioria das comunidades apenas a paisagem de faxinal, o espírito faxinalense vai muito além do espaço físico e ainda permanece no cotidiano da comunidade manifestado através das práticas culturais retratadas nesse item: como os dias de festas de Santo, que não tem a mesma função que no passado, mas ainda acontecem. Os hábitos cotidianos de se reunir para roçar as beiras de estradas e conversar, entre outros.

Concluimos também que é comum encontrarmos no Faxinal do Posto costumes típicos dos faxinalenses como guardar a carne do porco em uma lata para melhor conservar o sabor desta e o uso da banha de porco ao invés de óleo de cozinha; uso de erva-mate extraída na própria propriedade e socada no pilão para fazer o chimarrão são costumes mantidos pelos moradores mais antigos.

3.3- TERRITORIALIDADE RELIGIOSA

Há hoje na comunidade duas religiões: católica e evangélica, com predominância da religião católica, mas a religião evangélica vem crescendo nos últimos anos. Pela maioria católica, é comum ao visitarmos a comunidade, presenciarmos alguns momentos de festa religiosa como festas do padroeiro da comunidade, fogueiras de São João ou velórios, etc. marcados pela reunião de moradores da própria comunidade e das comunidades vizinhas, que às vezes não se vêem a tempo. Nesses momentos a comunidade se reúne, contar causos, piadas, histórias, etc., também são marcados por cantos e orações ligadas ao catolicismo. Em trabalhos de campo no faxinal, acompanhamos um desses momentos, um velório e percebemos a manifestação cultural está presente desde os cantos e rezas e na forma de hospedar os visitantes, oferecendo carne a vontade e cachaça, o que diferencia esse momento de um velório urbano, por exemplo, pois nesse caso as pessoas ficam o dia todo e noite toda rezando, cantando, conversando, por isso é necessária alimentação farta para não fazer “desfeita” com as pessoas que vieram de longe.

Mas a comunidade também mescla o catolicismo às rezas típicas faxinalenses como no período da quaresma. Presenciamos a chamada Recomenda que é uma reza típica do interior das comunidades faxinalenses, nesse ritual as pessoas se reúnem e vão percorrendo uma a uma as casas da comunidade rezando. O dono da casa visitada oferece um café aos visitantes, o que demonstra que alguns traços culturais tradicionais ainda são mantidos. A Recomenda é feita durante a quaresma na comunidade, prática que não é comum em todas as comunidades rurais do município, pois cada vez mais há por parte dos moradores uma valorização da religião católica. Esses momentos são substituídos por terços, novenas, típicos do catolicismo. Também a morte das pessoas mais idosas que sabem “puxar” (coordenar) os rituais, tem provocado o abandono dessas práticas.

Com o abandono das práticas religiosas, outras relações vão se alterando, como as relações de compadrio, por exemplo. Ainda é muito comum as crianças serem batizadas duas vezes em casa e depois na igreja católica, e ainda no olho de São João Maria, mas, os moradores mais antigos reclamam que hoje as crianças nem sempre elas respeitam os padrinhos pedindo a benção sempre que os encontram, como era de costume antigamente, fato que ainda é comum nas famílias mais tradicionais da comunidade e muito cobrado por pais e avós das novas gerações.

Na Figura 19 notamos a cruz que marca a entrada da casa no Faxinal do Posto. A presença da cruz demonstra que a família é católica e que participa da Recomenda



FIGURA 19: Entrada de uma das casas com a cruz no portão no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)
 FONTE: LIMA, L. S. de (2011)

A Figura 20 demonstra a presença da religião católica na comunidade de Faxinal do Posto, segundo os moradores a capela existe na comunidade há cerca de 70 anos. Antes eram realizados vários momentos religiosos: casamentos, batizados, Primeira Eucaristia e Crisma na capela. Hoje a maioria desses sacramentos religiosos é realizada na Igreja Matriz em Inácio Martins, ou no setor de Papagaios, comunidade mais próxima, já que hoje pelo grande número de comunidades elas se encontram agrupadas em setores.

Os faxinalenses se reúnem na igreja aos domingos para rezar o culto. A missa com a presença de um dos párocos só é realizada uma vez ao mês na comunidade. É comum as mulheres se reunirem na capela também para realizar terços semanais ou fazer a limpeza.

Uma vez ao ano acontece a festa na capela. Na semana da festa ocorre toda uma preparação na comunidade. Em geral, as pessoas de melhor condição econômica fazem doações de prendas como carneiro, porcos e até novilhas. As pessoas de menor poder aquisitivo também doam outras prendas como galinhas ou um bolo para a festa. Para que seja levantada uma boa quantidade de prenda a comunidade começa a se programar com um mês de antecedência. No caso dos bolos, por exemplo, os pratos são distribuídos já durante a última missa antes do dia da festa de santo. Além das prendas, todos doam seu trabalho antes, durante e depois da festa: as mulheres preparam as guloseimas (doces, maionese) e ficam na

cozinha, os homens cuidam do churrasco e das bebidas (cortam espetos na mata, assam e vendem a carne e bebidas durante o dia), também coordenam o leilão que além das prendas arrecadadas na comunidade também conta com a arrecadação de prenda pelo coordenador da comunidade no comércio local que vai de loja em loja arrecadando os utensílios que serão leiloados.



FIGURA 20: Igreja católica da comunidade de Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)
FONTE: LIMA (2011)

Como já são comuns os momentos de cantoria, os próprios faxinalenses ajudam animar a festa. Enfim o espírito de coletividade está presente, todos colaboram já que para eles esse é um dia especial, às vezes o único momento festivo que ocorre na comunidade durante o ano.

Nas diversas casas da comunidade que visitamos, notamos no interior das residências a forte presença de altares e na própria maneira de falar dos moradores que indicam forte religiosidade dos moradores, como demonstra a Figura 21.



FIGURA 21: Altar no interior de uma residência no Faxinal do Posto (Inácio Martins-Pr)
 FONTE: LIMA, L. S. de (2011).

Outro hábito tradicional muito comum nas comunidades rurais de Inácio Martins, em especial no Faxinal do Posto é o de levar as crianças e até adultos nas benzedeadas, que continuam receitando remédios caseiros e fazendo as curas de “cobreiro, bicha, costuram a machucadura”, etc., esses altares, muitas vezes são utilizados para fazer os “benzimentos”. Consideramos a presença de Posto de Saúde no Faxinal do Posto como um elemento que aponta modernidade, pois os faxinalenses vão à benzedeadas, mas também tomam os remédios receitados pelo médico, que visita a comunidade uma vez por semana. Esse junção de hábitos demonstra também a forte crença dos moradores nas orações feitas pelas benzedeadas, ou seja, também constituem sua religiosidade.

3.4- OUTRAS TERRITORIALIDADES: A ESCOLA E O LAZER NA COMUNIDADE

Há no município apenas duas escolas que contempla os anos finais do ensino fundamental ¹¹ Áurea Ap^a Lopes e Parigot de Souza, esta última contempla também o ensino médio, os filhos de moradores de Faxinal do Posto freqüentam a escola Áurea Aparecida Lopes (Figura22) até concluírem o ensino fundamental.

¹¹ Anos finais do Ensino Fundamental - corresponde desde a 5ª à 8ª série.



FIGURA 22: Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes Papagaios (Inácio Martins-PR)
FONTE: LIMA, L. S. de (2011).

A escola Estadual áurea Aparecida Lopes está localizada a 14 km conta hoje com 150 alunos provenientes das diversas comunidades rurais existentes no município como: Papagaios, Góes Artigas, Colônia Alemanha, Assentamento José Dias, Pinheira Terra Cortada Padre Chagas como ilustra o Gráfico 1. No Gráfico notamos que a maior porcentagem dos alunos são provenientes das comunidades de Assentamento José Dias e Góes Artigas (32% e 25%), enquanto que do Faxinal do Posto em torno de 8%, o equivalente a 20 alunos.

Depois para fazer ensino médio e educação de jovens e adultos da comunidade acabam tendo que se dirigir a área urbana e frequentar o Colégio Estadual Parigot de Souza que hoje conta com 1500 alunos, nos períodos de manhã, tarde e noite. Os adultos não alfabetizados também frequentam as aulas através do Programa Paraná Alfabetizados aos sábados na comunidade na sede da associação (Figura 24) na própria comunidade.

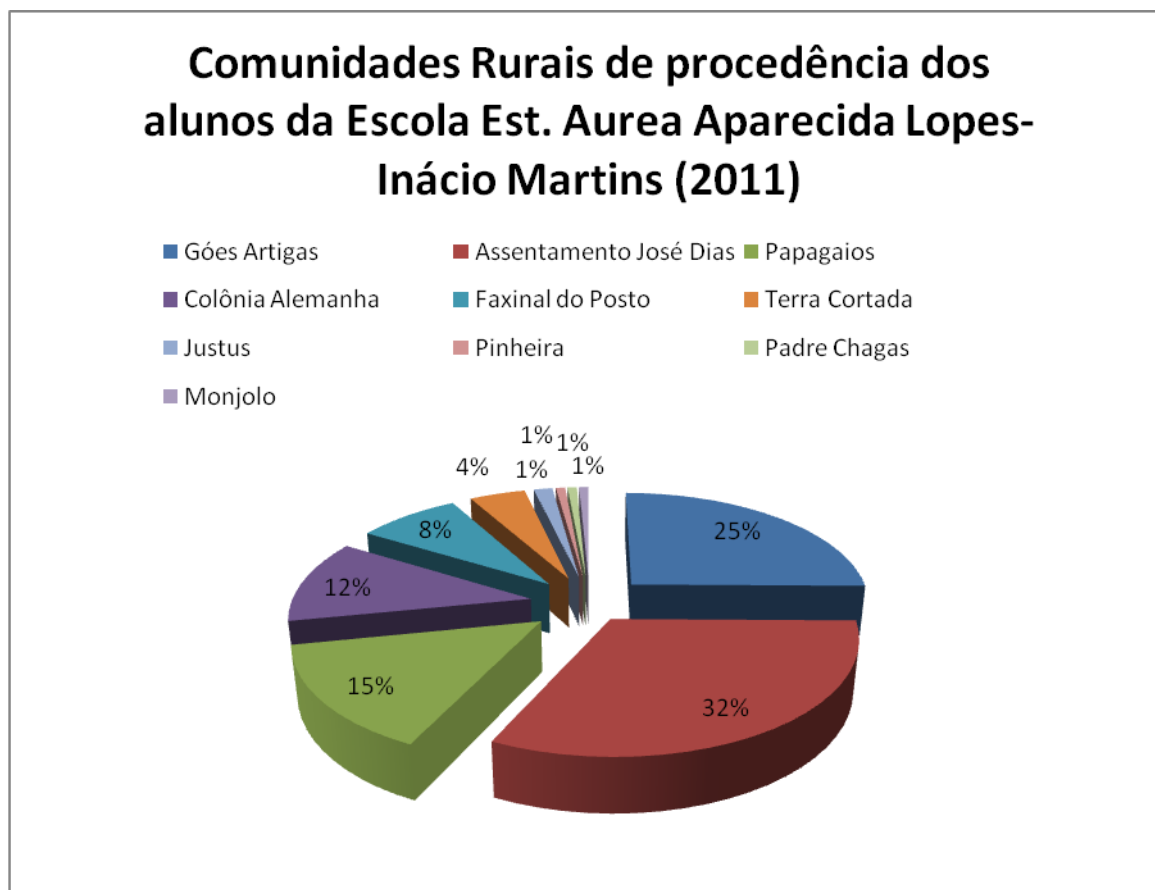


GRÁFICO Nº 01: Comunidades rurais de procedência dos alunos da Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes

Fonte: Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes. Org: LIMA, L.S. de (2011)

A prefeitura municipal fornece transporte escolar para os alunos em ambas as escolas. Mesmo assim, os alunos que estudam no período noturno chegam em casa por volta das 1: 30 h da manhã, como a maioria, trabalham na roça, no carvão ou empreiteiras, reflorestadoras, não conseguem conciliar o horário do trabalho e desistem de estudar para contribuir na renda familiar. A única saída para dar continuidade aos estudos acaba sendo a venda do terreno e consequente migração para área urbana, como relata o morador H, percebemos no relato uma forte ligação do morador H e um arrependimento de ter mudado para a cidade.

“Sim, me arrependo muito tive que abrir mão dos sonhos para dar estudo aos meus filhos, mas a cidade não tem espaço, sinto falta dos vizinhos para conversar, do lazer. Quando morava no faxinal, eu tinha dois tanques de peixes no meu terreno, para pescar nos fins de semana. E aqui, do mesmo jeito não tenho meus filhos perto de qualquer forma, foram estudar ou mesmo depois de formados, trabalhar em cidades maiores” (Entrevistado H).

Os alunos do Faxinal do Posto afirmam gostar de frequentar a escola, pois acham os conhecimentos relevantes para sua formação. Em seus depoimentos notamos que além dos

conhecimentos adquiridos, vêm a escola como um momento de lazer, pois os professores e alunos frequentemente organizam momentos de apresentações culturais, jogos que não são comuns na comunidade. A Figura 23 demonstra por a escola ser uma Escola de Campo, apesar de não ter seu currículo adaptado, procura-se inserir no seu cotidiano atividades em que os alunos podem demonstrar seus conhecimentos ensinando e aprendendo com seus colegas e professores, como a horta desenvolvida pelos próprios alunos.



FIGURA 23: Atividade desenvolvida na Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes (Inácio Martins-PR)
FONTE: Escola Estadual Áurea Aparecida Lopes (2009).

Além dos momentos de lazer que ocorrem na escola, esses momentos acontecem também na comunidade, em especial nos finais de semana. Nesses casos notamos uma diferenciação de acordo com a faixa etária: os adultos se reúnem na varanda de suas casas

para conversar, cantar, tocar instrumentos musicais, tomar chimarrão, jogar baralho. Os homens também frequentam a associação ou o bar nos finais de semana. As mulheres costumam além de ir à missa frequentada por todos os membros da comunidade, permanecem na igreja para “dar” aulas de catequese. Muitas vezes percorrem as casas da comunidade em virtude das “Santas Missões Populares”, que são visitas dos líderes da comunidade em todas as residências dos moradores que frequentam a igreja católica, para ler e explicar o evangelho.

A Figura 24 demonstra o local utilizado para fazer as reuniões da comunidade nos finais de semana.



FIGURA 24: Sede da associação de moradores da comunidade de Faxinal do Posto
FONTE: LIMA, L.S. de. (2010).

Nas residências esses momentos são acompanhados de churrasco, que em muitos casos, a carne servida aos convidados é assada em um buraco no chão do terreiro das casas em espetos que são cortados no mato. Já as crianças e jovens além de acompanhar os pais nas missas e frequentar a catequese improvisam um campo com jogos de vôlei ou de futebol, também caminham em meio à mata e tomam banho de rio.

Os momentos de lazer acontecem também nas festas no dia do padroeiro da comunidade ou torneios de futebol, como descrevemos no item anterior e também nas comunidades vizinhas como Florestal e São Domingos. Esses momentos são coordenados por lideranças exercidas por algumas pessoas da comunidade. Pessoas que coordenam às

atividades coletivas atribuindo funções a todos os membros da comunidade a fim de arrecadar lucros para custear as despesas religiosas como as viagens do padre para rezar a missa, e também a tarefa anual de roçar as beiras de estradas que ainda ocorre no município feito sob a espécie de mutirão. Apesar de esses momentos terem como objetivo principal a arrecadação de lucro para manter a comunidade, as pessoas se divertem muito esperam por esse dia o ano todo.

O coordenador da comunidade também atua junto à prefeitura reivindicando junto aos Conselhos Municipais as necessidades de cada comunidade, e também preparando a comunidade para participar da Olimpíada do Agricultor Familiar, realizada uma vez ao ano durante a Festa do Pinhão. A olimpíada também gera muita expectativa dos moradores, uma vez que nessa Olimpíada são feitas provas como corte do tronco, dança do xote, debulha do milho, pega do frango, pinha com maior número de pinhões, maior abóbora, entre outras, com o objetivo de mostrar os costumes rurais que compõe o cotidiano das comunidades, antes da festa os moradores começam a se preparar fazendo constantes treinos para as provas.

Percebemos então perfeitamente que o cotidiano da comunidade vai de encontro com o conceito de territorialidade, uma vez que notamos uma dinâmica que move os moradores a buscar novas alternativas de renda, uma vez que tem profunda ligação com a comunidade não querer deixá-la para morar na cidade, ao contrário gostam de morar na comunidade, principalmente pela boa convivência com os vizinhos, pelo divertimento nos momento de lazer, os moradores vão assim, construindo uma territorialidade específica. Essa territorialidade não está pronta e acabada, mas é dinâmica e se alterna a convivência com atores externos à comunidade, essas interações são reproduzidas através de modificações materiais no território.

CONSIDERAÇÕES

Partindo de nossas indagações iniciais de como ocorre à dinâmica das territorialidades no Faxinal do Posto, podemos afirmar que essas territorialidades são produzidas no cotidiano dos faxinalenses através de diversas atividades rotineiras que fazem parte do habitar o faxinal, (plantar, colher, ir à escola, rezar, jogar bola, etc.) a territorialidade é produzida também através do contato com outros sujeitos e agentes externos à comunidade que os fazem modificar sua maneira de pensar e conseqüentemente de reproduzir esse novo pensar em seu território.

A partir do conhecimento dos atores envolvidos nesse processo é que entendemos como se constitui essa territorialidade específica, que resulta dos processos atuais, chamados aqui de “modernidade”, mas também de fatores históricos, como a própria colonização e estruturação da região e do município, introduzindo características tradicionais que constituem até os dias atuais o convívio dos faxinalenses. Por isso foi necessária a abordagem histórica do município, que, assim como os demais municípios do Centro-Sul paranaense teve sua colonização pautada em atividades de cunho tradicional que se refletem na continuidade das mesmas atividades até os dias atuais na comunidade, como extração de madeira e erva-mate, a criação de animais e a lavoura de subsistência. Acreditamos que, essa grande quantidade de comunidades de faxinais existentes no município, deve-se também e as próprias condições naturais do município, como vegetação, relevo, solo e climas que dificultam a prática da lavoura intensiva.

Sendo assim, ainda podemos encontrar em Inácio Martins o criadouro comunitário, que já esteve presente na maioria das comunidades rurais, hoje, está restrito a duas comunidades: Mansani e São Miguel, o que contrapõe o que Souza (2009) diz que há ainda o criadouro original, acessado em grandes extensões, em oito comunidades. Além dos faxinais com criadouro original há aquelas comunidades que mantêm apenas a paisagem de faxinal (sem Sistema Coletivo, Propriedades c/cercas individuais, criações isoladas, etc.), que são as comunidades de Faxinal do Posto, São Domingos, Campina Bonita, Colônia Dallegrave e Rio Pequeno. E ainda, aquelas antigos faxinais que hoje são consideradas apenas comunidades de agricultores individuais, são as comunidades de Quarteirão dos Stresser, Matão, Góes Artigas, Colônia Alemanha e Papagaios. Totalizando doze comunidades de faxinais no município. É evidente que a manutenção desse sistema tem contribuído para a grande extensão de mata preservada existente no município.

Mas também em virtude da própria legislação ambiental, algumas atividades foram se transformando, e a comunidade acaba incorporando essas transformações o “moderno”, através da implementação de novas formas de adquirir os produtos, do material usada na confecção de casas e até no caso dos mais jovens na maneira de se portar e de se divertir. Portanto, podemos dizer que há uma certa convivência do que chamamos de elementos tradicionais e de modernos na comunidade.

Outros elementos na comunidade também se alteram, a presença de bar e vendedores ambulantes, com a diversificação da oferta de produtos, faz com que os moradores acabem deixando a lavoura de subsistência. A presença posto de saúde, facilita o acesso aos medicamentos mas ainda permanecem as curas feitas pelas benzedeiros, a mudança na estrutura das casas dos faxinalenses e na própria importância do líder/coordenador das comunidades. Soma-se a esses fatos a intensificação das áreas de reflorestamento com espécies exóticas, fatores que mostram mudanças na dinâmica das comunidades.

Percebemos que as maiores dificuldades enfrentadas pelos moradores do faxinal é a manutenção da família no campo, uma vez que a renda proveniente da propriedade já não é mais suficiente para manter a família o que tem feito os faxinalenses se tornarem assalariados ou diaristas através de roçada e empreito para os madeiros que são proprietários de terras vizinhas ao faxinal ou ainda migrar para outros estados em alguns períodos do ano para complementar a renda.

Mesmo assim, o dia a dia da comunidade revelou vários elementos que apontam essas características tradicionais como a permanência da realização de traços culturais típicos como as festas nos dias de santo, e a prática da “Recomenda”, também o hábito das pessoas se reunirem para a realização de algumas tarefas (organização das festas de dias de santo, terços, roçada das estradas) ou simplesmente para trocarem causos, conversas, cantorias, ou mesmo assistir TV todas juntas em uma das casas da comunidade. Esses aspectos revelam a vivência da coletividade na comunidade, apesar de sua nova condição de trabalho assalariado encontram tempo para exercer seus papéis na comunidade.

Sendo assim, refletimos sobre a nova dinâmica existente nas comunidades, uma vez que são heterogêneas e respondem de maneira diferenciada aos elementos da modernidade, por exemplo, nas comunidades de Mansani e São Miguel, as únicas onde o criadouro comunitário ainda persiste, o sentimento de identidade das pessoas com a comunidade é muito forte, que não manifestaram nas entrevistas nenhum interesse em vender seus terrenos, principalmente as mais antigas, nessas comunidades consideramos que ainda haver perspectivas de continuidade desse sistema.

Consideramos que o "moderno" chega também às comunidades de faxinais, fazendo com que se adaptem? E essas adaptações, muitas vezes podem incluir uma nova postura diante da organização dos faxinais? Na verdade concluímos nossa pesquisa levantando futuros questionamentos, para futuras pesquisas por acreditar que o sistema está em transformação e tem perspectivas de continuidade. De qualquer forma a aplicação de recursos financeiros nas comunidades pode ser um meio de garantir que estas consigam sobreviver no espaço rural e manifestar sua cultura com dignidade.

REFERÊNCIAS:

BARRETO, M., LÖWEN SAHR, C. L. Os faxinais e erva-mate: a incorporação da produção camponesa ao movimento da indústria capitalista. In: **Revista Terra Plural**, Ponta Grossa, v 1, nº 2 p.73-83 Ago-Dez, 2007

CAMPIGOTO, J. A.; TOLEDO, I.A. de. A cultura no sistema faxinal - comunidade de Marmeleiro de Baixo, Rebouças/PR **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v.1, n.3, set./dez. 2010, p.71-91

CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa no Centro-Sul do Paraná. (Tese de Mestrado), Rio de Janeiro: UFRJ, 1985

CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal - Uma Forma de Organização Camponesa em Desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Boletim Técnico nº 22 – IAPAR. Londrina, 1988. 124 p.

CORREA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. Ática, 1989, 96 p.

Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>

DIEGUES, A. C. S. **Etnoconservação**: Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, USP, 2000.

EMATER- Empresa Paranaense de assistência técnica e extensão rural- Sede de Inácio Martins. Entrevista concedida em 11/11/10.

EMATER-PR, SEAB e SEPLAN. **Cadastro sobre os faxinais no estado do Paraná**, Curitiba, 1994

FAJARDO, S. **Territorialidades corporativas no rural paranaense**. Guarapuava: Editora da UNICENTRO, 2008.

FAVARO, Jorge Luis; GOMEZ, Jorge R. Montenegro. “Território”ou “ territórios”? : a política de desenvolvimento territorial rural no Paraná Centro. Programa de Pós- graduação – Doutorado em Geografia na UFPR. In: **Anais do V Simpósio Paranaense de Pós Graduação em Geografia**, 2010.

HAESBAERT, R. LIMONAD, É. **O território em tempos de globalização**, GEO UERJ (Rio de Janeiro, nº 5, p. 7-19, 1º semestre 1999.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre, Setembro de 2004.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004.

HASBAERT, R. Ordenamento territorial. **Boletim Goiano de geografia**. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. n. 1, (26): 117-124, 2006

HASBAERT, R. dilema de conceitos:- espaço- território e contenção territorial. In: SAQUET, M.A., SPOSITO. E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos** (orgs). São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de pós Graduação em Geografia, 2009, p.73-94.

HAURESKO, C. **Entre tradição e modernidade: o lugar das comunidades faxinalenses de Taquari dos Ribeiros (Rio Azul-Pr) e Anta Gorda (Prudentópolis-Pr)**. Rio Claro, 2009, 225 p.(Tese Doutorado-Universidade Estadual Paulista - Instituto de Geociências e Ciências Exatas).

ITCG. Disponível em: www.itcg.pr.gov.br

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - **IBGE**, Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades>.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social Diagnóstico socioeconômico do Território Centro-Sul: 1.a fase: caracterização global / **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. – Curitiba: IPARDES,2007.142 p. (Projeto de Inclusão Social e Desenvolvimento Rural Sustentável –Paraná).

JORGE, W.R., MARTINS. **Operários da floresta: trabalho e cotidiano nas serrarias de Irati/Pr na primeira metade do século XX**. Revista tempo, espaço e linguagem, v. 1, nº3 set./dez. 2010 p.95-115.

KRÜGER, N. **Sudoeste do Paraná: história de bravura trabalho e fé**. Curitiba, 2004, 320p.

LIMA, L. S. de. **Considerações sobre o desenvolvimento urbano e econômico de Inácio Martins**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNICENTRO, 2008.

LÖWEN SAHR, C. L.; SAHR, W. D. Territórios – faxinais – espaços: A problemática espaço/território“ na formação social brasileira. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Polular, 2009. p. 143-174.

_____. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. **TERR@ Plural**, Ponta Grossa, 2008. V. 2, nº 2, pp. 213 -226.

_____; CUNHA, L. A. G. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata de com araucária no Paraná. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, 2005. v.5, n.1, pp.89-104 215

_____; IEGELSKI, F. **O sistema Faxinal no Município de Ponta Grossa: Diretrizes para a preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses.** Ponta Grossa, 2003. (Relatório Técnico) – Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

LUPEPSA, E. P.; SCHÖRNER, A. Organização socioespacial: faxinalenses e agricultores de Jesuíno Marcondes, Prudentópolis/PR (1987-2007) In: **Revista Tempo, Espaço e Linguagem** (TEL), v.1, n.3, set./dez. 2010, p.11-41.

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná.** Guarapuava, 2004. 192 p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná

NERONE, M. M. **Terras de plantar, terras de criar. Sistema Faxinal: Rebouças. 1950-1997.** Assis, 2000, 286 p..(Tese de Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista.

NOVAK, R.; FAJARDO, S. Desintegração e resistência do sistema faxinal em Itapará, Irati-PR. Guarapuava. **Revista Eletrônica Lato Sensu**, v.4 Ano: 2008.

OLIVEIRA, Denisson. **Urbanização e industrialização do Paraná**, Curitiba, 2001, 107p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE INÁCIO MARTINS. Disponível em:<<http://www.inaciomartins.pr.gov.br>

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. O solo a sociedade e o Estado. In: **Revista do Departamento de Geografia**, 1983, n.2,p.93-101

REBELLO, José Luís S. et al. **Inventário Turístico Municipal.** Inácio Martins, 2001,45p. Prefeitura Municipal de Inácio Martins: Secretaria de indústria, comércio e turismo.

ROSENDAHL, Z. **Geografia e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M.A., SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos** (ORG's). São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de pós Graduação em Geografia, 2009, p.73-94.

SILVA, M. **A contribuição de florestas de Araucária para a sustentabilidade dos sistemas faxinais**. Curitiba: 2005, 111p. Dissertação de Mestrado UFPR.

SILVA, M. A. da. Poder Local: conceito e exemplo de estudos no Brasil. **Revista Biblio 3w**. Barcelona. 2007.

SOARES, B. R.; MELO, N. Ap. de. Revisando o tema da pequena cidade : uma busca de caminhos metodológicos. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. USP, 2005.

SOARES, L. C. Elementos da cultura faxinalense. Trabalho de Conclusão de curso. UNICENTRO, Departamento de História, Irati: 2008, 18p.

SOUZA, José Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia - Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995.

_____. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: Territórios e territorialidade: teorias processo e conflitos. Organizado por Marcus Aurélio Saquet & Eliseu Savério Spósito. 1ª ed. São Paulo. Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009, p37-56.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CORRÊA, R.L.; GOMES, P.C.C.; CASTRO, I. E. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bretrand Brasil. 2003.

SOUZA, R. M. de. **Mapeamento Social dos Faxinais no Paraná**- Instituto Equipe de Educadores Populares – IEEP, 2009

TABORDA, D. de O. **Inácio Martins: aspectos econômicos, sociais e administrativos**. UNICENTRO. Guarapuava, 1994.

VESTENA L. R.; SCHMIDT, L. P. Algumas reflexões sobre a urbanização e os problemas socioambientais no centro-sul paranaense. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences Maringá, v. 31, n. 1, p. 67-73, 2009

WONS, Iareslaw. Geografia do Paraná. (4ªed) Curitiba, ensino renovado. 1982,172 p.

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, **Lucélia Santos de Lima**, Registro Acadêmico: 0510906, solicito ao Senhor (a): _____, morador da comunidade de Faxinal do Posto Inácio Martins-PR a sua **AUTORIZAÇÃO** para realização de uma pesquisa de Mestrado em Geografia, área de concentração: Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, tendo como título:

A DINÂMICA DAS TERRITORIALIDADES NO FAXINAL DO POSTO INÁCIO MARTINS-PR, sob a orientação da Professor Dr. Sérgio Fajardo, pertencente ao programa de pós-graduação *strictu sensu* em Geografia da **Universidade Estadual Centro Oeste - UNICENTRO**.

Comprometo-me a não alterar as informações prestadas. Haverá, também, o compromisso da confidencialidade dos sujeitos da pesquisa, e os dados obtidos, só serão divulgados e utilizados em reuniões e em publicações científicas.

_____, _____ de _____ de _____.

Lucélia Santos de Lima

Responsável pela Pesquisa

RG. 9646164-0/ RA. 0510906

Autorizado: Assinatura do entrevistado

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO ÀS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE DE MANSANI, SÃO MIGUEL E FAXINAL DO POSTO

Data:

Denominação da Comunidade:

Distância do Faxinal/Comunidade até a sede do município:

Nome da(s) pessoa(s) entrevistada(s):

Idade(s)

Profissão(ões):

Nível de escolaridade:

Nº de adultos na família: Nº de jovens: Nº de crianças: Total:

1- Tem documentos da propriedade/terra? Quais? Qual sua condição de posse/uso da propriedade ou da terra? Quantos alqueires há na propriedade?

2- Qual (is) a(s) principal(is) fonte(s) de renda que sustenta(m) a sua família e as famílias do faxinal? E no passado? - Quantos da família trabalham?No que trabalham?

3- O “sistema faxinal”, com o criadouro comunitário e/ou uso coletivo das terras, ainda existe aqui?

4- Qual o total de famílias moram na comunidade?

5- Quantas famílias são proprietárias de terra no faxinal?

6- Qual a área total aproximada do faxinal?

7- Quais as principais culturas anuais plantadas no faxinal e sistemas de plantio (se tração animal, mecânica ou roça de toco)?

8- São usados produtos químicos (agrotóxicos, adubos, etc.) nas lavouras e/ou animais? Em que quantidade (porcentagem)? Alguma família usa adubação orgânica/adubação verde?

9- É retirada erva-mate anualmente do Faxinal? Tem idéia de quantas arrobas foram colhidas na última safra? Quanto era nativa e quanto era plantada (em arrobas ou porcentagem)?

10- E lenha e/ou madeira também é retirado durante o ano? Tem idéia de quantidade (m³) e quais espécies principais de árvores?

11- Para onde se destina a produção da comunidade (lavoura, extrativismo, criação de animais ?Como é feito o pagamento?

- 12-** Quais as criações existentes no Faxinal?Quais as que têm maior quantidade de animais? Sabe que quantidade aproximada?
- 13-** A atividade pecuária é toda feita? Se não é, por que? Quais os outros locais e como são criados os animais?
- 14-** Em relação à "preservação ou conservação ambiental" (matas ciliares, reserva legal, qualidade de água, etc), vocês acham que o faxinal tem alguma coisa importante? Melhorou ou piorou nos últimos anos? Em que?
- 15-** As família estão conseguindo tirar uma renda suficiente para viver no faxinal? Estão melhorando ou piorando sua vida a cada ano que passa?
- 16-** Ainda acontecem mutirões (puxirões), festas ou outras atividades comunitárias com as famílias do Faxinal? Quais? Com que periodicidade? Se não acontecem mais, por que?
- 17-** Quais são as religiões predominantes entre as famílias?
- 18-** A comunidade possui ou participa de Associação de agricultores? Quantas famílias participam?
- 19-** Alguma entidade presta assessoria ou assistência técnica para as famílias? Qual(is) entidade(s)? Há quanto tempo? Como vocês avaliam?
- 20-** Essa(s) entidade(s) ou alguma outra já desenvolveu ou desenvolve algum trabalho, projeto ou experiência prática com as famílias residentes na comunidade? O que foi ou está sendo feito?
- 21-** Que resultados já foram ou estão sendo alcançados com este trabalho?
- 22-** Analisando historicamente, parte do total de faxinais vem se desagregando a cada ano que passa. Esta é a situação dessa comunidade? Para vocês, quais as razões para isto estar acontecendo?
- 23-** Quais os “principais problemas” atuais que estão ocorrendo no Faxinal? O que precisa ser resolvido com mais urgência?
- 24-** O que pode ser feito para melhorias na comunidade?
- 25-** O que é necessário, prioritariamente, na sua visão para se garantir a permanência e sustentabilidade do sistema faxinal?
- 26-** Existem famílias ou pessoas (como os jovens) saindo por conta própria ou sendo forçados de alguma forma a sair do Faxinal/comunidade ou a vender suas terras? Por que?
- 27-** Você conhece alguma legislação existente onde se enquadram os faxinais? Se sim, considera que esta legislação é suficiente hoje para garantir a permanência dos faxinais e que está sendo cumprida? Tem outras sugestões?

28- Sabe se este faxinal é cadastrado no programa do ICMS-ecológico e recebe recursos? Se recebe, sabe onde e como estão sendo aplicados os recursos recebidos? Se não recebe, sabe por que não está recebendo?

29- Sobre planos de ações/metast relativos ao faxinal? São repassados ao poder público? Como?

30- Outras sugestões/críticas/comentários/propostas que desejar fazer sobre os faxinais:

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AO FAXINALENSE EX-MORADOR DE FAXINAL DO POSTO INÁCIO MARTINS-PR QUE SE MUDOU PARA A ÁREA URBANA, MAS AINDA TRABALHA NA COMUNIDADE.

- 1) Quantos anos morou no Faxinal do Posto?
- 2) Têm idéia de quantos alqueires são ao todo na comunidade?
- 3) Em média quantas famílias vivem no Faxinal?
- 4) Ainda são criados animais de maneira comunitária? Quantas famílias dividem o terreno?
- 5) Se não. Porque as pessoas estão abandonando/abandonaram essa prática?
- 6) Ainda são feitos mutirões? Em que ocasiões (colheita, casamentos, festas, velórios, carneação)?
- 7) Qual(is) a(s) principal(is) fonte(s) de renda que sustenta(m) a sua família?
- 8) O Senhor planta? Que produtos? Usa adubos, fertilizantes?
- 9) Porque mudou para a cidade?
- 10) O que falta na comunidade?
- 11) Se arrepende de ter mudado para a cidade?
- 12) Então se pudesse retornaria ao faxinal?
- 13) Faça suas considerações sobre a conversa feita nessa entrevista.
- 14) Mas não há projetos de entidades com o objetivo de aumentar a renda?

**ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS MEMBROS DO PODER PÚBLICO
(PREFEITO, SECRETÁRIO DA AGRICULTURA, VEREADOR)**

- 1- Qual a visão do poder público em relação ao sistema faxinal?
- 2- Quais fatores que diferenciam os faxinalenses dos demais moradores presentes na área rural do município?
- 3- Esse sistema traz benefícios para o município e para o próprio ambiente
- 4- Há conhecimento da legislação em favor desses povos faxinalenses?
- 5- Tem sido feito algum esforço a fim de identificar essas comunidades e aplicar a legislação estadual ou até criar leis municipais para garantia da sustentabilidade dessas comunidades?
- 6- Concorda que os faxinais do município estão em desagregação, perdendo suas características originais? Porque isso vem ocorrendo?
- 7- Só a ação de instâncias como a Secretaria da Agricultura e outras podem garantir a permanência desses povos em suas respectivas terras, mas como o direito de fazer dela uso comum?
- 8- Há um mapeamento que destaca o município como sendo o município com o maior número de faxinais na região e até mesmo no estado, houve contato com a prefeitura para realizar esse mapeamento? A prefeitura teve conhecimento do material impresso e divulgado após o mapeamento?
- 9- Você concorda com as pesquisas? Acha que retratam a realidade existente no município?
- 10- Quais comunidades são faxinais em sua opinião? As áreas identificadas como faxinais recebem recursos específicos como o ICMS ecológico?
- 11- Faça considerações e ressalvas/críticas/comentários sobre a entrevista:

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS ALUNOS DA ESCOLA ÁUREA**APARECIDA LOPES:**

- 1) Que horas se levantam para ir a escola?
- 2) Você conhece crianças/adolescentes na comunidade que não freqüentam a escola?
Sabe o motivo de não freqüentarem?
- 3) Você considera os conhecimentos repassadas na escola significativos para sua vida?
Justifique.
- 4) O que faz nos finais de semana quando não vai à escola?
- 5) Como são os momentos de lazer na comunidade?
- 6) Você gosta de viver na comunidade? Se pudesse o que modificaria e porque?

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS MEMBROS REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

- 1) Quais funções exerce na comunidade?
- 2) Ainda existe inspetor? Quem era e o que fazia?
- 3) E coordenador? Qual sua função?
- 4) O coordenador é respeitado? Justifique.
- 5) Como são tomadas as decisões na comunidade?
- 6) Existe associação de agricultores? Todos participam? Porque participam ou não da associação?
- 7) Quais religiões existentes na comunidade?
- 8) Quantas igrejas existem? De quais religiões?
- 9) Desde quando existia a capela (Igreja católica)?
- 10) Onde eram feitos os casamentos, batizados, comunhão, crisma? Descreva esses momentos (fotos)? E hoje onde são feitos?
- 11) De quanto em quanto tempo ocorrem às missas?
- 12) Ainda há dança de São Gonçalo, Recomenda, Mesadas de anjo, entre outras?
- 13) Se não, saberia dizer, porque abandonaram essa prática?